

De acordo com o modelo variacionista, as variantes lingüísticas são totalmente controladas por princípios da estrutura lingüística e da estrutura social e daí podemos afirmar que este modelo é uma reação à teoria chomskyana que concebe o sistema lingüístico como homogêneo, utilizado por um falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade lingüisticamente homogênea.

Tendo como base a questão da mudança lingüística, cabe inferir que, diferentemente do modelo estruturalista que postula ser a mudança resultado apenas de fatores imanentes, a teoria variacionista atribui às implicações sociais (sexo, idade, escolaridade, classe social, dentre outras) algumas causas da mudança na língua, analisando se alguns casos de variação são estáveis ou indicam efetivamente mudanças, uma vez que, no modelo variacionista, a variação ocorre num *continuum* constituído pela co-ocorrência de duas ou mais variantes e daí uma pode se sobrepor a outra, ocorrendo uma mudança, ou, ao invés disso, as duas formas podem indicar apenas alternativas variáveis ao falante, mantendo-se o processo de variação.

Dizemos que existe uma variação estável na estrutura lingüística quando duas ou mais formas variantes perduram por certo tempo numa situação de co-ocorrência. Por outro lado, quando uma variante tende a predominar sobre a outra, fazendo com que esta deixe de ser utilizada pela comunidade de fala e daí determinando seu desaparecimento, afirmamos que se trata de uma situação de mudança. Desse modo, a variação pode indicar mudanças em curso ou a estabilidade de duas ou mais variantes. É importante deixar claro que nem toda variação indica mudança, mas toda mudança passa necessariamente por um processo de variação, e esta se distribui na estrutura social da comunidade de fala.

Por isso, em todo processo de variação, seja ele numa situação de co-ocorrência de variantes, seja na concretização de uma mudança e o predomínio de apenas uma forma, devemos levar em conta a análise dos fatores da estrutura social, ou seja, devemos verificar, na interpretação da variação e da mudança, as motivações sociais, correlacionando-as com os fatores lingüísticos, que atuam na implementação da mudança ou que apenas atestam o processo de variação.

Há basicamente dois tipos de análises para se estudar uma mudança lingüística. Uma delas se convencionou chamar de estudo de mudança em tempo aparente e a outra, em tempo real. Para Monteiro (2000, p. 132):

O tempo aparente refere-se, pois, ao padrão de distribuição do comportamento lingüístico através de vários grupos etários num determinado momento do tempo. Ou

seja, se o uso da variante inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos, tudo indica que se trata de uma situação de mudança em progresso.

Assim, a correlação entre a variável faixa etária e as variações lingüísticas pode nos revelar o curso e o desenrolar do processo de mudança. Em outras palavras, podemos afirmar, conforme Naro (1992a) e nos baseando em uma das posições teóricas sobre a aquisição da linguagem, por ele designada de clássica, que:

(...) o estado atual da língua de uma falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com sessenta hoje representa a língua de quarenta anos atrás, enquanto outra pessoa com quarenta anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos<sup>67</sup> (NARO, 1992a, p. 82).

As mudanças apontadas em tempo aparente podem ser investigadas e comprovadas em tempo real, pois “é fundamental que o investigador procure dar à variável a dimensão histórica do tempo real” (TARALLO, 2002, p. 71). Tempo real, para Monteiro (2000, p. 133), “(...) refere-se a desenvolvimentos na evolução lingüística num período arbitrário de tempo. Relaciona-se, pois, ao aspecto diacrônico da língua.” No entanto, quando não nos for possível desenvolver estudos sobre a mudança em tempo real,<sup>68</sup> podemos empreender pesquisas em gramáticas sobre o fenômeno estudado e a norma da época, fazendo uso dos comentários dos próprios gramáticos, de dialetólogos e de outros estudiosos. Além disso, podemos promover investigações em textos teatrais, manuscritos e em outros documentos históricos de modo a utilizar dados do passado para nos fornecer uma visão e um esclarecimento sobre o fenômeno lingüístico analisado.

Seja como for, para se compreender o desenvolvimento da mudança na língua, é necessário correlacionar os fatores de ordem estrutural e os de natureza social, visto que, para Labov (1983), não se pode entender a mudança fora da estrutura social da comunidade em que ela ocorre. Assim, fatores como sexo, isolamento geográfico, classe social e mídia podem gerar diferenciações lingüísticas, ou seja, podem condicionar uma mudança na língua. De todo modo, acreditamos que a correlação entre fatores externos e internos pode melhor apontar qual o fator

<sup>67</sup> Naro (1992a) questiona a suposta estabilidade da língua depois da puberdade tão bem defendida pela hipótese clássica e afirma que tal hipótese se encontra bastante enfraquecida atualmente. Então, sugere que, em cada caso de variação em tempo aparente, seja desencadeada uma investigação para se determinar seu *status* histórico verdadeiro.

<sup>68</sup> Não podemos perder de vista que, para se empreender uma investigação sociolingüística, temos de fazer uso de fitas gravadas. Entretanto, os gravadores surgiram apenas a partir da terceira década do século XX; além disso, pesquisas com base nesse modelo teórico tiveram início apenas na segunda metade desse século. Então, dificilmente têm-se amostras lingüísticas coletadas de comunidades afro-brasileiras e rurais ou até mesmo de grandes centros urbanos de há trinta anos.

condiciona a mudança na língua e, no caso do subjuntivo, cremos que alguns fatores sociais e lingüísticos podem condicionar uma maior ou menor frequência na aplicação do uso desse modo verbal.

De forma geral, a teoria da variação laboviana interpreta os fenômenos da língua, controlando determinadas variáveis lingüísticas e sociais, através da codificação dos dados coletados. Com isso, testa empiricamente a correlação entre fatores lingüísticos e extralingüísticos através de um método probabilístico, estatístico.

Nessa pesquisa, faremos uso do modelo laboviano para discutirmos a questão da variação e da mudança lingüística, no que concerne ao uso do modo subjuntivo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas situadas no interior do Estado da Bahia: Cinzento, Helvécia, Barra/Bananal e Sapé. Ao elegermos esse tópico de análise, deparamo-nos com a delicada questão do significado relacionada aos processos de variação no nível da sintaxe. Esse problema é objeto da próxima seção deste capítulo. Entretanto, se não podemos deixar de considerar as especificidades do nível sintático, não podemos deixar de levar em conta também a interação entre os diversos níveis da estruturação lingüística. Nesse sentido, mecanismos sintáticos como a concordância verbal e nominal podem ser afetados pela quantidade de material fônico envolvido na sua marcação. Isso é o que se postula com o princípio da saliência fônica, a que nos referimos na seção posterior.

Por outro lado, buscaremos enquadrar o processo de variação lingüística no contexto do contato entre línguas, que está na base da formação das comunidades de fala estudadas. Para isso, vamos recorrer ao conceito de *transmissão lingüística irregular*, apresentado nas seções que encerram este capítulo.

### **3.2.1 A variação na sintaxe: a questão do significado**

Não há consenso entre os sociolingüistas a respeito da aplicação do modelo variacionista à área da sintaxe, conforme o fato de o programa laboviano ter sido desenvolvido originalmente a partir de análises de dados fonológicos. Assim, numa:

(...) variação morfossintática, fica difícil sustentar quando duas ou mais estruturas expressam um significado único, mesmo no nível referencial ou denotativo (...). É que a

própria hipótese de uma variação sintática por natureza é problemática. As variantes são seqüências que têm o mesmo sentido e comportam os mesmos itens lexicais, mas seus processos combinatórios e hierarquias de categorias são diferentes (MONTEIRO, 2000, p. 59-60).

Uma variável lingüística consiste em duas ou mais formas distintas de se expressar a mesma informação, o mesmo conteúdo semântico, num mesmo contexto e, como afirma Labov (1983), quanto à referência ou valor de verdade, as variantes são idênticas, distinguindo-se apenas em sua significação social ou estilística.

O modelo variacionista pode, sob esse prisma, ser facilmente aplicado aos fenômenos de ordem fonológica. No entanto, numa variação morfossintática, muitas vezes, duas ou mais estruturas que aparentam ser sinônimas podem apresentar valores distintos e, assim, não atende à premissa básica da variação.

Os primeiros trabalhos variacionistas se detinham na análise de fenômenos fonológicos e morfofonológicos conjugados a condicionamentos sociais e a novidade consistia na aplicação do modelo probabilístico a estes dados. Sendo assim, os resultados alcançados com a análise desses fenômenos lingüísticos atendiam com satisfação ao pressuposto básico da Sociolingüística. Daí podermos afirmar que o êxito, obtido a partir desses estudos de variação fonológica, levou muitos sociolingüistas a aplicarem o método e a teoria de orientação variacionista a fenômenos de variação na sintaxe.

Com relação à aplicação dos métodos e técnicas variacionistas a casos de variação na sintaxe, podemos citar a seguinte afirmação de Paredes da Silva (1992, p. 34):

Logo a questão se revelou bem mais complexa, a começar pela dificuldade na obtenção de um número significativo de dados para a análise: é consenso que há menos variação na sintaxe do que na fonologia, no sentido não só de menos ocorrências de um mesmo fenômeno, mas também de menor variedade de fenômenos.

Nestas condições, há sociolingüistas que acreditam não haver problema aplicar o programa laboviano à área da sintaxe. Por outro lado, muitos estudiosos preferem não utilizar o modelo variacionista fora do nível fonológico.

A polêmica em aplicar a metodologia variacionista a casos lingüísticos de natureza sintática está no fato de que, entre as formas alternantes, pode não haver o mesmo significado e essas discussões tiveram início com os debates travados entre Lavandera (1977; 1984) e Labov (1978). Lavandera (1977) levantou algumas questões sobre o estudo desenvolvido, em 1977, por Weiner e Labov, acerca da passiva sem agente e apontou a ausência de condicionamentos sociais

sobre o fenômeno estudado; além disso, questionou a validade da regra variável nos estudos sintáticos, devido a não existência de equivalência semântica entre as formas variantes. Nesse sentido, afirma que é inapropriado aplicar a teoria da variação a dados de qualquer outro nível que não seja fonológico, visto que não há uma teoria do significado bem estruturada que possibilite a análise quantitativa da variação sintática, morfológica e léxica. Na verdade, segundo Lavandera, os segmentos sintáticos apresentam um significado referencial próprio. Portanto, construções sintáticas que aparentam ser equivalentes podem apresentar significados distintos, ou seja, podem implicar uma diferença semântica e, sendo assim, para essa estudiosa, fora do plano fonológico, cada forma está necessariamente ligada a um significado, daí a dificuldade de promover estudos variacionistas no nível sintático.

Nessa mesma linha, Boutet (1992 *apud* MONTEIRO, 2000, p. 60):

(...) entende que dada a dificuldade de se admitir a equivalência semântica de construções sintáticas formalmente distintas, a teoria variacionista, por não oferecer fontes seguras para o tratamento da questão do significado, não tem condições de ser aplicada a níveis acima do fonológico e do morfofonológico.

Além da preocupação com a manutenção do significado, é fundamental que as variantes ocorram no mesmo contexto, ou seja, é necessária a identidade de contextos para que as variantes sejam consideradas referentes a uma mesma variável. Diante disso:

No que diz respeito a fenômenos sintáticos, autores de tendências distintas (Bentivoglio, 1987; Klein-Andreu, 1983; Kroch, 1983) têm assinalado a necessidade de estudá-los em seu contexto discursivo, e não apenas em sentenças isoladas. No caso dos variacionistas, entretanto, não se trata de uma simples recomendação, mas de uma exigência teórica (PAREDES DA SILVA, 1992, p. 35).

Tendo isso em vista, devemos levar em consideração dois aspectos ao analisar qualquer fenômeno fora do nível fonológico:

- (i) A equivalência funcional das variantes com o mesmo significado e o mesmo contexto e, diante disso,
- (ii) A validade da regra variável no estudo de fenômenos de natureza sintática.

Lavandera (1977) propõe a noção de comparabilidade funcional para substituir o conceito de regra variável, pois acredita que cada forma sintática está associada a um significado distinto. De fato, há uma discrepância entre os pontos de vista sobre o conceito de variável para Labov e Lavandera. Labov (1978) afirma que numa variação sintática (como nas passivas e em outros fenômenos) pode haver uma diferença de foco, de ênfase, mas há manutenção do significado

referencial. Além disso, declara que a relevância dos fatores internos não anula a presença do social.

Seja como for, temos de ter o cuidado, ao analisar qualquer fenômeno de variação, seja ele fonológico, seja ele sintático, de não relacionar numa mesma variável estruturas de natureza diversa, de conteúdo semântico distinto. Tem de haver paralelismo semântico entre as estruturas sintáticas analisadas. Diante disso, achamos conveniente não fazer o levantamento das ocorrências de subjuntivo com base em um julgamento intuitivo dos contextos em que pressentimos o emprego desse modo segundo a norma culta, visto que, quando a oposição morfossintática desencadeia uma distinção de significado, não há variação.

### **3.2.2 O princípio da saliência fônica**

O princípio da saliência fônica “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1989, p. 301). Este princípio vem sendo aplicado especialmente na concordância verbal e na concordância de número entre os elementos do sintagma nominal e foi proposto por “Lemle e Naro em estudos realizados sobre o português do Brasil entre 1974 e 1976” (SCHERRE, 1989, p. 301).

No estudo da concordância verbal, Naro (1981) propõe que sejam estabelecidas duas dimensões para análise acerca da saliência fônica: a diferenciação material fônica (ou processos) e a tonicidade. Quanto à primeira dimensão, na concordância nominal, Scherre (1989, p. 324) postula que “(...) os itens que apresentam maior diferenciação de material fônico na relação singular/plural são os que mais favorecem a inserção de – s, por serem os mais perceptíveis.” A esse respeito, Lopes (2001, p. 147) afirma que “(...) os itens em que a oposição é mais saliente (mais material fônico perceptível na oposição singular/plural) devem ser os mais marcados com o morfema de plural.”

Guy (1981), ao utilizar o princípio da saliência fônica em seu estudo sobre a fala carioca, observa que o material lingüístico mais saliente é mais facilmente adquirido pelo falante e, assim,

afirma que esse princípio, em sua pesquisa, demonstra um processo de aquisição das regras de concordância pelos falantes, já que para este estudioso o português do Brasil caminha em direção ao padrão *standard* de concordância categórica.

Tendo isso em vista, aplicaremos este princípio em nossa pesquisa, de modo a verificar sua atuação no processo de aquisição das formas de subjuntivo pelos falantes do português afro-brasileiro. Em princípio, levamos em conta o fato de que, morfologicamente, subjuntivo é o modo marcado e indicativo, não marcado. Daí, levando em consideração as variáveis *tempo do subjuntivo previsto no uso culto e morfologia verbal*, partimos de duas hipóteses, cada uma delas referentes a cada uma dessas variáveis. A primeira, referente à variável *tempo verbal*, diz respeito à quantidade de material fônico existente na oposição indicativo/subjuntivo entre as formas do presente e do imperfeito, em que este, por apresentar um morfema foneticamente mais saliente, tende a favorecer o uso do subjuntivo, ao passo que a alternância da vogal temática que marca as formas do presente do subjuntivo é menos perceptível foneticamente, o que desfavoreceria o uso das marcas de subjuntivo pelos falantes das comunidades de fala analisadas.

Quanto à variável *morfologia verbal*, levamos em consideração a hipótese de que a diferenciação de material fonético entre a forma dos verbos irregulares, por ser mais perceptível, na oposição indicativo *versus* subjuntivo tenda a influenciar o uso do subjuntivo.

Esperamos que a saliência fônica atue como um elemento contribuinte para a aquisição da forma de subjuntivo, especialmente do imperfeito e dos verbos irregulares, visto que acreditamos que as formas do subjuntivo vem gradativamente sendo adquiridas pelos membros das comunidades aqui estudadas, pois, em decorrência do contato entre línguas, a gramática dessas comunidades de fala teria sofrido uma redução em sua morfologia flexional, no processo inicial de sua formação. Porém, para entender como o contato entre línguas teria levado a essa redução na morfologia flexional, vamos adotar a formalização dos processos de mudança induzidos pelo contato lingüístico contida no conceito de *transmissão lingüística irregular*, apresentado nas seções seguintes desse capítulo.

### 3.3 O PROCESSO DE TRANSMISSÃO LINGÜÍSTICA IRREGULAR

Desde o final do século XIX, debate-se a questão do português brasileiro não-padrão apresentar traços estruturais que o distanciam do português europeu. Em 1880, o filólogo Adolfo Coelho levanta a hipótese de que o português do Brasil teria traços indicadores de uma história crioula. No início do século XX, Renato Mendonça (1948 [1933]) e Jacques Raimundo (1933) afirmam que as diferenças entre o PB e PE se devem à influência das línguas africanas. Já em meados do século XX, Silva Neto (1950) nega a influência de fontes ameríndias e africanas na formação do PB, explicando que tal influência se deve parcialmente a razões psicológicas: o desejo de demonstrar quão rico é nosso vocabulário e a vontade de reconhecer uma língua brasileira. Numa posição próxima à de Silva Neto, estão as de Melo (1946) e de Elia (1979).

Diante disso, a origem das diferenças estruturais entre o PB e o PE tem causado intensa polêmica entre os estudiosos, pois de um lado há os que defendem a hipótese do português popular brasileiro apresentar traços indicadores de uma história crioula, como Guy (1989); Holm (1992); Baxter e Lucchesi (1997) e, de outro lado, os que refutam a hipótese da crioulação, como Tarallo (1993); Naro e Scherre (1993; 2000b, 2001).

Sem dúvida alguma, o contexto sócio-histórico vigente durante a colonização do Brasil contribuiu para a formação lingüística brasileira. Na verdade, o contato entre línguas mutuamente ininteligíveis durante a implantação do português na *terra brasilis* se caracteriza por ser um dos fatores que mais impulsionou o surgimento de variações no PB.

É importante deixarmos a visão elitista e conservadora de que o PB se pauta exclusivamente nos moldes do PE e pensarmos na hipótese de que, devido à pluralidade sociolingüística que constituiu a realidade brasileira, o nosso português popular traga resquícios de um passado totalmente afetado pelo contato entre línguas. Portanto, urge que tenhamos uma compreensão sistemática dos processos sócio-históricos e lingüísticos que teriam impulsionado mudanças e variações no português do Brasil e, para isso, achamos conveniente adotar o conceito de Transmissão Lingüística Irregular, com o qual podemos delinear parâmetros teóricos que servirão de base para uma visão sistemática das mudanças induzidas pelo contato entre línguas na formação do PB.

O português popular brasileiro não é descendente de uma língua crioula. Na verdade, a “perda” gramatical no português popular deu-se em menor número do que nos crioulos típicos, o que o levou a um processo de variação dos elementos flexionais e gramaticais e não a uma total



eliminação dos mesmos. Assim, podemos apresentar a relevância do processo de TLI como marco significativo na história do PPB, pois:

(...) o processo histórico de constituição da realidade brasileira aponta para a ocorrência de significativas mudanças nas variedades populares do português, em função do contato entre línguas, sobretudo nas áreas em que se deu a integração dos escravos africanos. Contudo, por diversos fatores essas mudanças não foram de monta a dar ensejo a formação e estabilização de uma língua crioula de base portuguesa; o que pressupõe uma reestruturação original da gramática e transferência de estruturas das línguas de substrato. Tais processos, se ocorreram, ocuparam uma posição lateral, e suas marcas mais evidentes provavelmente desapareceram no bojo das enormes alterações que se processaram no cenário sócio-econômico do país no século XX (LUCCHESI, 2000, p. 73).

Tendo isso em vista, acreditamos que o português popular do Brasil seja resultado de um processo de transmissão lingüística irregular, como proposto por Lucchesi (2000) e, de acordo com este, TLI se refere aos:

(...) processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos. Tais processos podem conduzir à formação de uma língua historicamente nova, denominada língua *pidgin* ou crioula, ou à simples formação de uma nova variedade histórica da língua que predomina na situação de contato (LUCCHESI, 2003, p. 272).

Dessa forma, é possível afirmar que a noção de TLI se refere a todos os processos históricos resultantes do contato entre línguas mutuamente ininteligíveis, ou seja, se refere a todas as situações em que a variedade da língua do dominador se diferencia com mais ou menos intensidade da língua transmitida ao grupo, sendo por este utilizada. Na verdade, este conceito pode englobar tanto os casos mais intensos de TLI, os quais conduzem à formação de uma língua historicamente nova, denominada *pidgin* ou crioulo, quanto os processos de TLI do tipo mais leve, que apontam para a formação de uma nova variedade da língua de superstrato, cuja erosão gramatical resulta não na eliminação total dos elementos gramaticais, mas apenas num processo de variação dos mesmos. Neste sentido, ressaltamos que o português popular do Brasil é produto de um processo de transmissão lingüística irregular, uma vez que teve a língua do dominador (a saber, o português europeu) modificada, de acordo com os processos históricos de contato massivo entre línguas ocorridos no Brasil.

Daí a necessidade de adotarmos o conceito de TLI, visto que, a partir deste, podemos entender que a explicação para a variação no PB não se encontra em extremo algum: não constitui caso rígido de deriva muito menos um caso de crioulaização do tipo basileto.

No que se refere às línguas *pidgins* e crioulas surgidas do processo de TLI, vale dizer que a maioria delas hoje existentes foram constituídas a partir de determinadas condições sócio-históricas e lingüísticas. Para Lucchesi (2000), o processo de criouliização não deve ser concebido como regular e homogêneo em todas as suas ocorrências, pois é dependente de variados fatores socioculturais e lingüísticos, que podem se apresentar de maneira mais ou menos intensa em cada situação, resultando em estruturas que se distanciam ou se aproximam da língua alvo.

Quanto ao contexto social necessário para a ocorrência de *pidgins* e crioulos, é relevante o contato lingüístico entre o grupo dominado, constituído, inicialmente, por um contingente de falantes adultos, e o grupo dominador. A “mistura” das línguas de ambos os grupos conduz à formação de uma nova entidade lingüística, denominada *pidgin*, utilizada nas situações de comunicação emergencial. Com o decorrer do tempo, essa variedade segunda da língua alvo adquire outras funções que não apenas a de comunicação emergencial e, diante disso, necessita se expandir estruturalmente para atender às demandas do meio social. Na verdade, na medida em que há expansão funcional, tem de haver expansão estrutural, pois elas são interdependentes. Devido a essa expansão funcional e estrutural, surge uma nova entidade lingüística denominada crioula que é incrementada ou pelo processo de gramaticalização de itens lexicais provenientes da língua alvo ou pela incorporação de elementos gramaticais da língua de substrato.

Lucchesi (2000, 2003) cita três razões que explicam a simplificação na estrutura gramatical da nova entidade lingüística originada do contato. A primeira se refere ao difícil acesso do grupo dominado aos modelos da língua do dominador, principalmente quando este é numericamente muito inferior àquele. A segunda razão se refere ao fato de os falantes “dessas outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, não havendo, pois, o acesso aos dispositivos da faculdade da linguagem, que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna” (LUCCHESI, 2003, p. 273); e a terceira razão diz respeito à ausência de uma ação normatizadora, com preceitos e regras que orientem o processo de aquisição.

Quanto aos processos de TLI do tipo mais leve que não resultaram na constituição de *pidgins* e crioulos, Lucchesi (2000, 2003) aponta para a formação de uma nova variedade histórica da língua de superstrato, cuja erosão gramatical apresenta apenas variação e não eliminação dos itens flexionais e gramaticais, como ocorre nos *pidgins* e crioulos típicos. Este tipo de situação lingüística pode se aproximar bastante das situações patenteadas na colonização

do continente americano, especificamente do Brasil, onde se formaram variedades populares da língua portuguesa.

Nestes termos, o conceito de TLI pode abarcar todos os processos decorrentes de um contato entre línguas, tanto aqueles que de certa forma propiciaram uma forte simplificação na estrutura gramatical da língua alvo, quanto os processos que conduziram à formação de uma nova estrutura lingüística que se manteve nos modelos da língua alvo, apresentando apenas algumas variações em relação a esta.

É plausível destacar que o processo de transmissão de língua nas situações sociolingüísticas acima mencionadas é irregular, devido ao fato de ser muito distinto do processo normal de transmissão de uma língua natural de uma geração a outra e, desse modo:

No cenário comum da transmissão das chamadas línguas naturais, uma geração de falantes fornece os dados lingüísticos primários (DLP) para o processo de aquisição da nova geração. Os parâmetros da gramática da criança são estabelecidos com base nestes dados, e a gramática adquirida se aproxima daquela da geração anterior, embora não seja idêntica a ela. Já no cenário sócio-histórico que facilita o processo de crioulização, os adultos que falam a língua alvo como segunda língua (L2) fornecem DLP que contêm informações morfossintáticas altamente variáveis e defectivas (LUCCHESI, 2000, p.107).

Tendo isso em vista, fica clara a necessidade de se utilizar o conceito de TLI para a compreensão sistemática dos processos históricos de mudanças induzidas pelo contato entre línguas que marcam a história sociolingüística do Brasil.

### **3.3.1 Características do processo de TLI**

O processo de TLI varia de acordo com o contexto sócio-demográfico e etno-lingüístico ocorrido durante o contato massivo entre línguas. Na verdade, para Lucchesi (2003), se houver uma intensidade maior de influência do modelo da língua alvo sobre a nova variedade lingüística surgida do contato, esta será gramaticalmente mais próxima daquela. Baker (1982) e Bickerton (1984) propõem a noção de crioulização variável, segundo a qual todo processo de crioulização, quando surgido a partir de situações de contato em que se patenteiam um maior acesso aos modelos da língua alvo, dará origem a crioulos gramaticalmente mais próximos desta. Com relação ao processo de TLI, vale dizer que este “(...) constitui um contínuo de níveis

diferenciados de socialização/nativização de uma língua segunda, adquirida massivamente, de forma mais ou menos imperfeita, em contextos sócio-históricos específicos” (LUCCHESI, 2003, p. 274).

Diante disso, poderíamos dividir, *grosso modo*, as situações linguísticas resultantes de um processo de TLI em dois tipos:

- (i) O dos casos mais leves de TLI, com uma menor alteração ou apenas variação na estrutura gramatical da língua alvo, conduzindo apenas à “(...) formação de uma nova variedade histórica da língua que predomina na situação de contato” (LUCCHESI, 2003, p. 273); e
- (ii) O dos casos típicos de pidginização/crioulização, com processo de TLI mais intenso, conduzindo à formação de uma nova língua.

Estas distintas situações linguísticas decorrem das diferenças no contexto social em que se deu o contato entre línguas, o que determinará a intensidade do processo de TLI e o grau de erosão gramatical que ocorre na situação inicial de contato. Tendo isso em vista, o processo de TLI se atualiza nos seguintes processos lingüísticos:

- (i) Perda, ou variação no uso, de morfologia flexional e palavras gramaticais;
- (ii) Alteração dos valores dos parâmetros sintáticos em função de valores não marcados, que não implicam, entre outras coisas, em movimentos aparentes na estruturação da sentença; e
- (iii) Gramaticalização de itens lexicais para preencher as lacunas na estrutura lingüística (LUCCHESI, 2003, 276).

De fato, a língua que surge do contato pode ser tanto uma língua próxima em termos estruturais da língua alvo, constituindo assim apenas sua variante, como uma língua totalmente distinta ou afastada dela, o que daria origem a um *pidgin* ou crioulo, em função de o processo de TLI ser mais ou menos intenso. A título de ilustração, podemos citar alguns crioulos como o caboverdiano de base lexical portuguesa, cujo nível de TLI, no processo de crioulização, foi menos radical se comparado aos crioulos das Ilhas de São Tomé e Príncipe.

No que se refere aos resultados do processo de TLI no contexto atual da língua portuguesa no Brasil, podemos apresentar os seguintes cenários:

- (i) Eliminação de certos dispositivos gramaticais mais abstratos e de uso restrito da língua alvo;
- (ii) manutenção da variação no esquema presença/ausência do dispositivo gramatical da língua alvo;

- (iii) alteração nas frequências de uso relativamente à marcação de determinados parâmetros sintáticos;
- (iv) recomposição da estrutura gramatical da língua alvo, eliminando a variação ou reduzindo-a a uma pequena escala;
- (v) manutenção da variação no uso do dispositivo gramatical dentro de um esquema de variável ternária, com a variante da língua alvo, uma variante oriunda de um processo original de reestruturação da gramática e a variante zero (LUCCHESI, 2003, p. 278).

É plausível destacar que o PPB apresenta estruturas que ilustram cada item acima mencionado. Abordaremos apenas o item (iv), citando o trabalho, desenvolvido por Lucchesi (2000), sobre a variação de gênero na comunidade de Helvécia, cujos resultados apontam para uma re-introdução das marcas de gênero, tendo como base os padrões gerais da língua portuguesa, ou seja, através de uma análise quantitativa, Lucchesi observa, em uma comunidade rural isolada, uma variação na concordância de gênero e uma tendência de mudança em direção aos padrões gerais do português.

Cumpra aqui fazer menção ao fato de que a variação encontrada no PB é documentada de forma intensa principalmente em comunidades rurais que “(...) passaram por um processo de transmissão linguística irregular mais profundo e/ou que se mantiveram numa situação de isolamento por mais tempo, e *ipso facto* seriam mais refratárias à influência dos modelos da língua alvo” (LUCCHESI, 2003, p. 280-281).

### 3.3.2 Os contextos sociais necessários para a ocorrência do processo de TLI<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> Para Naro e Scherre (2003), o conceito de transmissão linguística irregular seria inadequado para caracterizar o processo linguístico decorrente do contato entre falantes de línguas mutuamente distintas e, diante disso, propõem a noção de nativização, visto que geralmente uma língua vinda de fora se torna a língua nativa da comunidade. Além disso, para esses sociolinguistas, o termo *irregular* apresenta certa conotação negativa, pois parece se tratar de um fenômeno anormal e imprevisível. Assim, “(...) a aquisição de uma segunda língua por adultos, seja através de ensino formal em sala de aula, seja através de mecanismos informais durante o curso normal da vida cotidiana, também constitui ‘transmissão linguística irregular’ já que os agentes do processo, diferentemente do caso de ‘transmissão linguística regular’, são adultos e não crianças” (NARO E SCHERRE, 2003, p. 286).

No entanto, temos de levar em conta que a noção de TLI não se refere aos processos de aquisição da língua em sala de aula, mas aos processos de contato entre línguas, nos quais a língua do segmento dominante é tomada como modelo; diante disso, se processa na oralidade, sem o suporte da língua escrita e da escola. De certo modo, não há uma ação normatizadora e uma norma ideal que seja capaz de orientar o processo de aquisição. Seria inadequado compararmos o processo linguístico de aquisição, ocorrido em uma sala de aula, ao processo de TLI, noção elaborada para diferenciar a aquisição processada nas chamadas línguas naturais do tipo de aquisição, na qual se transmite dados linguísticos variáveis e defectivos. Além disso, devemos observar que nem sempre a língua que vem de fora se torna a língua nativa da comunidade, o que invalidaria a noção de nativização, que parece se referir apenas aos resultados do processo de TLI e não ao processo em si. Além do mais, acreditamos que o conceito de nativização não constitui uma noção ampla, de forma a abranger todos os processos históricos resultantes do contato linguístico,

O processo de TLI não ocorre aleatoriamente em qualquer situação de contato entre falantes de línguas ininteligíveis que objetivam se comunicar. Na verdade, há condições sociais específicas que determinam a intensidade do processo de erosão gramatical que se dá no contato, ou seja, são as condições socioculturais e os fatores demográficos que condicionarão o nível de acesso dos falantes aos modelos da língua alvo e, portanto, condicionam o tipo de transmissão lingüística irregular.

Foi a partir do século XV com a expansão mercantilista e com a colonização da Ásia, África e América pela Europa que o processo de contato lingüístico ganhou proporções até então desconhecidas e, desse modo, o sistema de escravidão de africanos e todas as situações dele impulsionadas constituíram fatores sociais importantes para desencadear processos de TLI.

Dessa sorte, os contextos socioculturais favoráveis à ocorrência de um processo de transmissão lingüística irregular variam e é da intensidade da erosão gramatical condicionada pelo contexto social que irá depender o tipo de TLI. De fato, o que importa é que se houver uma maior ou menor erosão gramatical irá resultar uma TLI mais ou menos intensa, pois:

Se as condições sociolingüísticas proporcionam um maior acesso aos modelos da língua alvo, menor será a erosão e, conseqüentemente, a necessidade de recomposição da gramática; e quanto menor for esse acesso, maior será a erosão e o processo posterior de reestruturação gramatical (LUCCHESI, 2003, p. 275).

De qualquer forma, o processo de TLI é desencadeado e condicionado por fatores sociais ligados ao contato lingüístico, que em conjunto conduzem à formação de processos históricos de mudanças nas línguas.

No que se refere ao contexto social propício a ocorrência de processos de TLI, podemos enumerar alguns que se mostraram sempre presentes nos processos de transmissão de língua ocorridos no período da colonização européia, como:

- (i) O processo de escravidão de africanos; portanto, a existência de uma língua de superstrato e de uma ou mais línguas de substrato;
- (ii) O fato de os falantes do substrato serem em sua maioria adultos;
- (iii) A necessidade emergencial de comunicação entre o grupo dominado e o grupo dominador, em função de relações comerciais e/ou de sujeição;

---

pois pode englobar tanto as línguas crioulas quanto as variedades surgidas da língua alvo, mas o que fazer com o *pidgin*, que não é considerado uma língua nativa?

- (iv) A ausência de uma ação normatizadora, uma vez que a aquisição se processa na oralidade, sem o suporte da escrita e de normas que orientem o processo de transmissão;
- (v) O difícil acesso dos falantes aos modelos da língua alvo; e
- (vi) A presença de agrupamentos de negros tanto de mão-de-obra escrava nas chamadas *plantations* quanto dos grupos de escravos fugidos, reunidos em quilombos.

Neste sentido, é importante distinguir ainda pelo menos dois tipos de contextos sociais, nos quais se transmitia o português no sistema colonial da América portuguesa. O primeiro se refere a uma transmissão de língua a partir de um contato muito próximo entre senhores e escravos; como exemplo, temos os escravos domésticos. Neste tipo de transmissão da língua alvo, diga-se de passagem, ter-se-ia desenvolvido uma variedade do português muito próxima da língua do colonizador. Por outro lado, havia aqueles escravos que não mantinham contato social com os senhores e, devido a isso, segundo Baxter (1995), a aquisição era baseada em modelos lingüísticos divergentes e até defeituosos, resultando em variedades lingüísticas muito afastadas da língua dos senhores.

Podemos afirmar que uma das grandes diferenças entre o PB e o PE se deve à intensidade de variações ocorridas naquele e que podem ser explicadas pelo contato entre línguas. Portanto, tendo em vista o nosso objeto de estudo, o subjuntivo, cremos que a intensa variação ocorrida no uso desse modo no PB pode ser explicada pelo processo de TLI<sup>70</sup>, pois:

O ponto de partida de todo processo de transmissão lingüística irregular desencadeado pelo contato entre línguas é a perda de morfologia flexional na aquisição inicial da língua alvo por parte dos falantes das outras línguas. Essa característica está na base da formação de todas as línguas pidgins e crioulas, e muitas das propriedades dessas línguas decorrem de mudanças desencadeadas por esse ‘fato inaugural’. Nem todas as línguas crioulas apresentam sistemas de partículas de tempo, modo e aspecto, nem todas possuem verbos seriais, ou ordem SVO, ou ausência de sujeito nulo referencial, mas todas as línguas pidgins e crioulas exibem algum nível de perda de morfologia flexional e de regras de concordância nominal e verbal em relação à língua alvo. (...)

Podemos assumir, então, que em todo e qualquer processo de transmissão lingüística irregular desencadeado pelo contato entre línguas ocorre, em maior ou menor grau, perda de morfologia flexional e de regras de concordância nominal e verbal (LUCCHESI, 2003, p. 281-282).

---

<sup>70</sup> É importante ressaltar que a variação existente no PPB no uso do subjuntivo não significa que seja específica do PB, apenas acreditamos que a variação no PPB ocorre de forma mais intensa do que no PE devido ao contato entre línguas e ao processo de TLI ocorridos em nosso país.

Diante do exposto, faz-se mister ressaltar que a noção de TLI é, a nosso ver, fundamental para se compreender os processos históricos de mudanças desencadeadas pelo contato lingüístico. Nesse sentido, os fatores socioculturais e demográficos condicionam o nível de acesso dos falantes à língua alvo, ou seja, são os fatores externos que impulsionam o tipo e a intensidade do processo de transmissão lingüística irregular, desencadeando uma maior ou menor erosão gramatical.

É digno de nota que há tanto diferenças quanto semelhanças entre o português popular do Brasil e o português falado na Europa, como há também semelhanças entre diversas outras línguas no mundo que mantêm entre si relações de parentesco. No entanto, o fato é que a intensa variação documentada no português falado no Brasil percorre caminhos totalmente divergentes da língua de Portugal, uma vez que a realidade sociolingüística que marcou a história do nosso país apresenta peculiaridades próprias que a distinguem da nação lusa.

### **3.3.3 Os contextos sociais da formação lingüística do Brasil**

Segundo Cunha (1970; 1985), o Brasil foi até o século XIX um vasto país rural, com cidades, quase todas costeiras, desprovidas de centros culturais importantes. Ainda hoje, podemos observar em nosso país certo contraste entre os grandes centros urbanos e a população das zonas rurais e essa divergência se reflete na fala. Devido a isso, temos uma realidade lingüística bipolar: de um lado, a norma culta e de outro a(s) norma(s) popular(es).<sup>71</sup> Nestas podem ser documentadas com mais intensidade algumas características do processo de TLI. No entanto, devido aos meios de comunicação, de transporte, de escolarização e de outros fatores sociais, podemos verificar uma tendência de mudança “de cima para baixo” no português popular, uma vez que este tende a ir ao encontro do padrão urbano culto, que não deve ser confundido com o padrão normativo. Já no português culto, observamos reflexos de influência “de baixo para cima”, pois se afasta do padrão normativo de matiz europeu.

De certa forma, o contato entre línguas marcou os primeiros séculos da história sociolingüística do Brasil e esse *sincretismo* lingüístico desencadeou um processo de TLI do tipo

---

<sup>71</sup> Devemos deixar claro que norma aqui não é entendida como o padrão prescrito pelas gramáticas normativas.



mais leve, do qual resultou a formação de uma variedade de língua, cuja erosão gramatical ocorreu em menor intensidade do que nos crioulos típicos, resultando não na eliminação total dos elementos flexionais e gramaticais, mas apenas num processo de variação no uso desses elementos.

Em termos gerais, não podemos deixar de frisar que o contexto sociolingüístico ocorrido no Brasil era complexo e heterogêneo, visto que não havia apenas uma língua de substrato, mas várias, tanto as dos ameríndios, quanto as dos africanos, que entraram em contato com a língua de superstrato, a língua portuguesa, cujas variedades eram diversas, a depender dos traços sociais e regionais do colonizador. Desse modo, a diversa “estrutura” social e demográfica patenteada na *terra brasilis* terminou por se refletir na variedade lingüística adquirida pela população local.

A aquisição precária do português pelos indígenas aculturados e pelos escravos africanos e a nativização dessa língua pelos descendentes destes teria, a nosso ver, influenciado todo o processo de formação do PB. Com isso, é importante, para a compreensão da realidade lingüística brasileira atual, considerar o contato entre povos e línguas que se deu no período da colonização como pressuposto fundamental.

Do que foi dito até então, cremos que o conceito de TLI é imprescindível para desenvolvermos uma compreensão sistemática dos processos sociolingüísticos que atuaram no período da colonização e que deixaram resquícios na realidade lingüística brasileira atual. Foi em um contexto sociocultural e histórico variado que se desenvolveu e se implantou no Brasil a língua portuguesa e é irrefutável a idéia de que esse meio social não tenha influenciado nossa língua e nossa cultura. Na verdade, fomos totalmente afetados pela mistura étnica, cultural e lingüística trazida pelos diferentes povos que aqui habitavam. Neste sentido, podemos afirmar que o contato entre povos é o grande responsável pela pluralidade cultural e lingüística que caracteriza a sociedade brasileira atualmente. É com essa perspectiva de observação que analisaremos o processo variável de emprego do subjuntivo nas comunidades de fala que constituem o objeto dessa pesquisa – compreendendo que tais comunidades constituem um local privilegiado para a identificação dos processos de variação e mudança desencadeados pelo vasto contato entre línguas que marca a história sociolingüística do Brasil. As motivações para a escolha dessas comunidades e os caminhos percorridos para a consecução desta pesquisa serão objeto do próximo capítulo desta dissertação.

## CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos as etapas desenvolvidas na pesquisa, desde a seleção das comunidades até o processamento quantitativo dos dados. Quanto às comunidades pesquisadas, temos de registrar que em apenas uma delas (a comunidade de Cinzento) participamos da constituição da amostra do *corpus*, visto que nas demais comunidades (Helvécia, Barra/Bananal e Sapé), utilizamos os *corpora* constituídos por outros pesquisadores. Apresentaremos ainda uma breve história dessas comunidades, por considerarmos pertinente expor o que nos levou a estudá-las.

### 4.1 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*: AMOSTRA DO PROJETO VERTENTES

Para realizarmos uma pesquisa à luz do modelo variacionista, é necessário que se estude uma comunidade de fala, selecionando os informantes, entrevistando-os e, assim, coletando os dados, a fim de se constituir o *corpus* para ser codificado, analisado e interpretado, tendo como base a teoria sociolingüística.

O Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia visa a estudar tanto a fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, muitas delas remanescentes de quilombos, quanto a fala de comunidades rurais não marcadas etnicamente, de modo a identificar os reflexos das mudanças condicionadas pelo contato entre línguas, bem como a influência dos padrões lingüísticos dos meios urbanos sobre essas comunidades, objetivando caracterizar o português popular rural baiano, ou seja, buscando traçar um quadro da realidade lingüística do interior da Bahia.

Dessa forma, o Projeto Vertentes armazena acervos de fala vernácula pertencentes a dois tipos de comunidades lingüísticas:

- (i) O *Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro*, que recolhe amostras de fala em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e
- (ii) o *Acervo de Fala Vernácula do Português Rural* que é formado por amostras de fala em comunidades rurais não marcadas etnicamente.

Para a realização deste trabalho, utilizaremos as amostras de fala vernácula de quatro comunidades afro-brasileiras isoladas, que servirão de base para a análise do subjuntivo: As comunidades de Cinzento, de Helvécia, de Barra e Bananal e de Sapé. Esses *corpora* são constituídos por entrevistas do tipo sociolingüístico, armazenadas e transcritas no *Acervo de Fala do Português Afro-Brasileiro*. Foi entrevistado em cada comunidade um número mínimo de doze informantes, por um período mínimo de 40 minutos e máximo de uma hora cada um deles.

O Projeto Vertentes desenvolve pesquisas pautadas no modelo Variacionista, destacando a importância do contato entre falantes de diferentes línguas na formação das variedades do português rural do estado da Bahia, além de tecer considerações acerca da constituição sócio-histórica das comunidades estudadas, com o intuito de estabelecer uma correlação entre contexto social e o fenômeno lingüístico analisado.

Os informantes foram distribuídos em sexo, idade, escolaridade e estada fora da comunidade.<sup>72</sup> Assim, os grupos de fatores sociais selecionados podem ser descritos da seguinte forma: sexo (masculino e feminino), idade (20-40, 41-60, acima de 61 anos)<sup>73</sup> e escolaridade (analfabeto e semi-analfabeto). Optamos pelo estudo dessas comunidades pelo fato de elas serem

<sup>72</sup> Com relação à variável *estada fora da comunidade*, os falantes foram distribuídos entre (i) aqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade e (ii) aqueles que se ausentaram da comunidade por um período inferior a seis meses.

<sup>73</sup> Gostaríamos de ressaltar que acrescentamos a estas a Faixa Etária IV, cujos informantes possuem mais de 80 anos. Para tanto, foram selecionados dois informantes de Helvécia e dois de Cinzento.

constituídas por afro-descendentes, cujo passado está ligado ao contato entre línguas e ao processo de transmissão lingüística irregular e por apresentarem certo grau de isolamento de outros meios sociais.

#### 4.1.1 O trabalho de campo

Para se realizar um trabalho na área da Sociolingüística é extremamente importante gravar uma grande quantidade de dados lingüísticos para posterior análise. Esse material deve ser constituído por conversas entre informantes ou pela entrevista fornecida por estes ao pesquisador.

Sendo assim, no âmbito dessa pesquisa,<sup>74</sup> formamos um *corpus* com doze entrevistas,<sup>75</sup> através de conversas informais sobre os hábitos e a forma de se viver em Cinzento. Desse modo, objetivamos recolher uma grande quantidade de dados em situações naturais de comunicação lingüística para posterior análise.

Para obtermos amostras da língua vernácula, é inevitável a presença do entrevistador que, muitas vezes, interfere na naturalidade da situação de comunicação e constitui o que se denominou na Sociolingüística de o *paradoxo do observador*. Pensando nisso, objetivávamos estudar a língua falada em situações naturais e pretendíamos criar, num primeiro contato com os membros da comunidade, um clima de cumplicidade e de aproximação com os falantes, a fim de deixá-los agir espontaneamente no decorrer das entrevistas. Além disso, procuramos não revelar aos informantes que se objetivava estudar a sua fala, uma vez que isso impossibilitaria a recolha de amostras de comunicação espontânea. Na verdade, o entrevistador deve se apresentar como alguém que se interessa em conhecer a história e a cultura da comunidade, bem como a experiência de vida de seus membros e, nas palavras de Tarallo (2002, p. 21), o “objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A

---

<sup>74</sup> Vale frisar que participamos do trabalho de campo que visava à constituição do *corpus* de Cinzento. Dessa forma, descreveremos apenas alguns passos que foram necessários para a constituição da amostra de fala dessa comunidade.

<sup>75</sup> Na verdade, foram gravadas cerca de vinte entrevistas, das quais foram retiradas apenas doze para constituírem o *corpus* base. Deste, utilizamos apenas oito inquéritos para a formação do nosso *corpus*. Selecionamos apenas os inquéritos, cujos informantes apresentavam dados sociais, como faixa etária e escolaridade, que mais se aproximavam dos dados dos informantes selecionados dos outros *corpora*. Este foi um dos critérios por nós utilizados para a seleção dos informantes.

palavra ‘língua’ deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar.”

#### 4.1.2 A escolha dos informantes

A escolha dos informantes foi realizada tendo como base as seguintes variáveis estratificadas: sexo (masculino/feminino), faixa etária (faixa I: de 20 a 40 anos; Faixa II: de 41 a 60 anos; Faixa III: de 61 a 80 anos; e Faixa IV: com mais de 80 anos), escolaridade (analfabetos e semi-analfabetos) e estada fora da comunidade. Além do mais, o nosso critério de seleção se deu da seguinte forma: selecionamos apenas os naturais de Cinzento, com pais também nascidos na comunidade. Dessa forma, considerando apenas as variáveis sexo e idade para efeito de estratificação, temos uma amostra com oito células, sendo que cada célula é preenchida por um informante de cada uma das quatro comunidades analisadas, à exceção da Faixa IV, que só conta com informantes das comunidades de Cinzento e Helvécia, perfazendo um total de 28 entrevistas, que constituem o universo de observação desta pesquisa. Os quadros de informantes por comunidade são apresentados a seguir.

##### Quadro 7: Comunidade Afro-Brasileira de Cinzento

Código do informante	Nome do informante	Sexo	Faixa etária
SubC_C01	Neusa	Feminino	I
SubC_C03	Juarez	Masculino	I
SubC_C08	Inês	Feminino	II
SubC_C06	Saviano	Masculino	II
SubC_C09	Madalena	Feminino	III
SubC_C11	Teodomiro	Masculino	III
SubC_C10	Ana Isidora	Feminino	IV
SubC_C12	Tercílio	Masculino	IV

##### Quadro 8: Comunidade Afro-Brasileira de Helvécia

<b>Código do informante</b>	<b>Nome do informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>
SubC_H01	Valdete	Feminino	I
SubC_H04	Domingos	Masculino	I
SubC_H07	Romana	Feminino	II
SubC_H12	Domingos Serafim	Masculino	II
SubC_H13	Graziela	Feminino	III
SubC_H20	Manuel	Masculino	III
SubC_H19	Porciana	Feminino	IV
SubC_H12	Aureliano	Masculino	IV

### **Quadro 9: Comunidade Afro-Brasileira de Rio de Contas<sup>76</sup>**

<b>Código do informante</b>	<b>Nome do informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>
SubC_R04	Adelina	Feminino	I
SubC_R05	Nelson	Masculino	I
SubC_R13	Palmira	Feminino	II
SubC_R08	José	Masculino	II
SubC_R24	Regina	Feminino	III
SubC_R26	Ilídio	Masculino	III

### **Quadro 10: Comunidade Afro-Brasileira de Sapé**

<b>Código do informante</b>	<b>Nome do informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>
SubC_S01	Maria Lúcia	Feminino	I
SubC_S04	Edivaldo	Masculino	I
SubC_S05	Balbina	Feminino	II
SubC_S06	Daniel	Masculino	II
SubC_S09	Carmelita	Feminino	III
SubC_S12	Valdemar	Masculino	III

Usamos, nos Quadros 7, 8, 9 e 10, inicialmente, como código do informante, o símbolo *Sub* para indicar subjuntivo, ou seja, o fenômeno lingüístico estudado. O símbolo *C* indica a variável dependente, no caso, o uso do subjuntivo em orações completivas.<sup>77</sup> Os símbolos *C*, *H*, *R*

<sup>76</sup> Rio de Contas será utilizado de agora em diante para designar as comunidades de Barra e Bananal.

<sup>77</sup> Quando se tratar das relativas, o símbolo utilizado será *R*. Assim, quando houver necessidade de citação de ocorrências de relativas, por exemplo, com referência ao informante 01 de Cinzento, colocaremos *SubR\_C01*.

e *S*, que seguem após o *underline*, servem para identificar, respectivamente, os informantes de Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé quando houver necessidade de citação; além disso, utilizamos esses símbolos na transcrição e codificação dos *corpora* analisados. Na verdade, as letras *C*, *H*, *R* e *S* referem-se a cada uma das comunidades estudadas e já mencionadas; o número que segue a letra referente a cada comunidade identifica o número do informante, como registrado nos *corpora* base.

Com o intuito de estabelecer uma distribuição mais equilibrada dos informantes nas amostras, selecionamos aqueles das outras comunidades (Rio de Contas, Helvécia e Sapé) que apresentavam características próximas dos de Cinzento. No entanto, encontramos algumas dificuldades, pois, por exemplo, na Faixa I, não se dispunha, entre os homens jovens, de analfabetos completos. De fato, encontramos apenas um analfabeto, quando deveria haver dois; por outro lado, na Faixa III, todas as mulheres são analfabetas.

Apresentaremos nos Quadros 11 e 12 as características das amostras recolhidas nas quatro comunidades. O Quadro 11 é concernente às informações referentes à variável *sexo feminino* e o Quadro 12, *ao masculino*.

#### Quadro 11: *Corpus* Base do Português Rural Afro-Brasileiro - Sexo feminino

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
RC-Inq04 – F – 37 – A – E HV-Inq01 – F – 29 – A – N SP-Inq01 – F – 24 – S – N CZ-Inq01 – F – 28 – S – E (média: 29,5 anos)	RC-Inq13 – F – 47 – S – N HV-Inq07 – F – 42 – A – E SP-Inq05 – F – 53 – S – E CZ-Inq08 – F – 50 – A – N (média: 45,5 anos)	RC-Inq24 – F – 75 – A – N HV-Inq13 – F – 85 – A – N SP-Inq09 – F – 76 – A – N CZ-Inq09 – F – 63 – A – N (média: 74,75 anos)

Fonte: LUCCHESI, 2004a, p. 03.

#### Quadro 12: *Corpus* Base do Português Rural Afro-Brasileiro - Sexo masculino

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
RC-Inq05 – M – 26 – S – E HV-Inq04 – M – 30 – S – N SP-Inq04 – M – 28 – A – N CZ-Inq03 – M – 34 – S – E (média: 29,5 anos)	RC-Inq08 – M – 55 – A – E HV-Inq12 – M – 57 – A – N SP-Inq06 – M – 42 – S – N CZ-Inq06 – M – 48 – S – E (média: 50,5 anos)	RC-Inq26 – M – 68 – S – E HV-Inq20 – M – 70 – A – E SP-Inq12 – M – 66 – A – N CZ-Inq11 – M – 64 – S – N (média: 67 anos)

Fonte: LUCCHESI, 2004a, p. 03.

Os Quadros 11 e 12 apresentam os seguintes símbolos: *RC* (Rio de Contas), *HV* (Helvécia), *SP* (Sapé) e *CZ* (Cinzento); *F* (sexo feminino); *M* (sexo masculino); *28a* (28 anos de idade); *S* (semi-analfabeto); *A* (analfabeto); *E* (viveu fora da comunidade por pelo menos seis meses); *N* (não viveu fora da comunidade). Além disso, há indicação da média de idade por faixa etária:

- Faixa I: 29,5 anos;
- Faixa II: 49,25 anos (19,75 anos de diferença sobre a Faixa I);
- Faixa III: 70,875 anos (21,625 anos de diferença sobre a Faixa II).

Temos de acrescentar ainda a estas a Faixa IV, constituída por dois inqueritos de Cinzento e dois de Helvécia, com uma média de noventa e três anos e uma diferença de aproximadamente vinte e dois anos sobre a Faixa III, conforme pode ser visualizado no Quadro 13:

#### **Quadro 13: Faixa Etária IV (mais de 80 anos)**

FEMININO	MASCULINO
HV-Inq19 – F – 103 – A – E	HV-Inq22 – M – 80 – A – N
CZ-Inq10 – F – 107 – A – N	CZ-Inq12 – M – 82 – A – N

Fonte: LUCCHESI, 2004a, p. 03.

## 4.2 AS ENTREVISTAS<sup>78</sup>

No que se refere às entrevistas,<sup>79</sup> cabe pontuar que estas tiveram uma duração média de 60 minutos. Foram iniciadas buscando coletar informações gerais sobre os entrevistados. Evitamos perguntas diretas, uma vez que resultam em respostas monossilábicas; preferimos, neste sentido, perguntas indiretas, que estimulam o informante a falar. Muitas vezes, o entrevistador narrou

<sup>78</sup> As entrevistas foram realizadas com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que cedeu carro e motorista para as viagens a Cinzento.

<sup>79</sup> As entrevistas, que constituem os *corpora* de Cinzento, Helvécia e Rio de Contas, foram gravadas em fitas cassete e depois digitalizadas. As de Sapé foram feitas em meio digital e, a fim de se evitar ruídos e preservar a qualidade do som, todas as entrevistas foram editadas em meio digital.



algumas de suas experiências, a fim de descontrair o informante, criando uma situação mais informal. Labov (1983) demonstrou que, para se criar uma situação de conversa espontânea, a narrativa de experiências pessoais é, muitas vezes, importante.

No caso de Cinzento, foram de especial importância temas voltados para as atividades de plantio e, sobretudo, para a casa de farinha, que era comunitária e construída com recursos de órgãos públicos. Podemos citar também que temas voltados para a religião e para festividades religiosas, como a do reisado, foram bastante profícuos. Além disso, as conversas sobre as viagens à Gruta de Bom Jesus da Lapa constituíram narrativas importantes para o desenrolar das entrevistas.

Com o intuito de diminuir a distância entre o informante e o entrevistador, procuramos assimilar, de forma natural, as marcas do dialeto local e, nos momentos da entrevista, quando o informante refletia sobre o tema em discussão, o entrevistador manteve-se em silêncio, de forma a não intervir na fala do entrevistado. Esses foram alguns elementos básicos utilizados no trabalho de campo.

### 4.3 OS CRITÉRIOS PARA TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Depois de gravados os dados, fazia-se necessário transcrevê-los e a chave de transcrição utilizada foi a elaborada pelo professor Dr. Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia. Na verdade, esta chave de transcrição foi organizada para, a partir das entrevistas, transcrever a fala dos informantes, com o intuito de coletar o mais fiel possível os materiais lingüísticos variáveis para serem analisados. Além disso, optamos pela transcrição grafemática, a partir da qual se registravam os fatos lingüísticos observados na fala dos informantes que constituíam marcas específicas do seu dialeto, tanto ao nível fônico, quanto ao nível morfossintático (ausência de concordância, de preposições etc.).

Esta *Proposta de Transcrição* tem como princípio geral registrar todos os fatos da fala do informante. No entanto, foram excluídos alguns casos que podem ser considerados gerais no português do Brasil,<sup>80</sup> como exemplo, podemos citar alguns deles:

---

<sup>80</sup> Mesmo que estejam em desacordo com a ortografia oficial.

- (i) Elevação das vogais médias em distribuição pré-acentuada e pós-acentuada não-final: *istava* por *estava*; *rédiã* por *rédea*;
- (ii) Ditongação antes de consoante constrictiva implosiva: *[meys]* por *mês*;
- (iii) Palatalização de *t* e *d* antes de vogal palatal;
- (iv) Vocalização da consoante lateral pós-vocálica: *méu* por *mel*; *Brasiu* por *Brasil*.

Nos inquéritos foram utilizadas algumas siglas para indicar os intervenientes: DOC (documentador), INF (informante) e CIRC (interveniente circunstancial). Os trechos ininteligíveis foram indicados por ININT e quando houve interrupção do inquérito usou-se INTERRUP. Além disso, buscou-se pontuar os textos e usavam-se reticências para indicar correção e hesitação ocorridas nos enunciados.

#### 4.4 O LEVANTAMENTO DOS DADOS

Delimitamos duas variáveis dependentes para estudo: (i) O uso do modo subjuntivo em orações relativas e (ii) o uso do subjuntivo em orações completivas, com variantes binárias em cada uma delas, presença/ausência da forma do subjuntivo. Não adotamos nenhum pressuposto de uso do subjuntivo nesses dois contextos, pois decidimos partir do zero para até definir objetivamente todos os contextos de uso variável e categórico do modo verbal, até aqueles contextos em que se espera que não sejam usadas categoricamente as formas do subjuntivo, tais como orações relativas apositivas com referente específico. Foram excluídos apenas os seguintes tipos de ocorrências:

- (i) Nas orações relativas:
  - (1) As ocorrências de orações relativas sem antecedente, como em:
    - (1a) “Pra comprá os... o... *o que* comê e uma... e a camisinha!” (SubR\_C12);
    - (2) As ocorrências de orações clivadas, do tipo:
      - (2a) “... tu tá forte, tá vivo, né... Né...né cabelo branco *que faz idade não*” (SubR\_C12).
- (ii) Nas orações completivas:

(3) As expressões independentes cristalizadas, do tipo:

(3a) “Graças... Lôvado seja Deus!” (SubC\_H13);

(3b) “(...) Deus ajuda que dá pa vim” (SubC\_R24).

Considerando apenas esses parâmetros de exclusão, procedemos ao levantamento exaustivo de todas as orações relativas e completivas contidas nas 28 entrevistas analisadas para constituir a nossa base de dados. Essa base de dados foi submetida a uma análise variacionista em função das variáveis lingüísticas e sociais que são apresentadas nas próximas seções deste capítulo.

## 4.5 O CONTEXTO LINGÜÍSTICO: A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS EXPLANATÓRIAS

### 4.5.1 A variável dependente

A gramática normativa define subjuntivo como o modo verbal que indica um fato incerto, duvidoso ou, mesmo, irreal por oposição ao modo indicativo, que faz referência a um fato certo e real. Assim, prescreve valores nocionais de atitudes de incerteza, hipótese, possibilidade à morfologia flexional do subjuntivo, restringindo o emprego deste apenas a determinados contextos, o que não descreve a realidade lingüística em uso. Nesse sentido, os manuais de gramática prevêm normas para reger o emprego do modo subjuntivo e, no entanto, terminam definindo uma miscelânea de critérios para a conceituação de emprego desse modo verbal: ora se valendo de critérios semânticos, ora se valendo de critérios formais, o que resulta, de certa forma, numa incoerência da tradição gramatical.

Dessa forma, reconhecemos que há ausência de uniformidade de padrões normativos na definição de emprego do subjuntivo, pois as restrições de uso se baseiam tanto em condições sintáticas quanto semânticas e formais e, diante da incoerência de critérios normativos no tratamento desse modo verbal, decidimos definir objetivamente os contextos sintáticos para a análise do uso do subjuntivo. Sendo assim, pretendemos, neste trabalho, analisar o emprego do

subjuntivo junto às orações relativas e às orações completivas e definimos como variáveis dependentes o uso ou não desse modo verbal em cada um desses dois contextos.

Além disso, temos de definir ainda, para caracterizar o fenômeno em estudo (o subjuntivo) como regra variável, o que seja o mesmo valor referencial e, diante disso, não poderíamos considerar o subjuntivo e o indicativo como formas alternantes numa situação comunicativa se os valores referenciais atribuídos a ambos forem distintos, mesmo que ocorram em um mesmo contexto. Temos de lembrar que, para haver variação, tem de ocorrer formas alternantes, no mesmo contexto, com o mesmo significado. Levando em conta o fato de que é inerente às formas do subjuntivo o traço semântico [- *realis*] em oposição ao traço [+ *realis*] inerente ao indicativo, a alternância entre essas duas formas pode estar ligada a significados diferentes que o falante queira comunicar, em função de diferentes intenções expressivas. Tomemos as seguintes frases:

- (1) a. Se você está certo disso, deve procurá-lo.  
b. Se você estiver certo disso, deve procurá-lo.

Em (1)a., o falante assume como pressuposto, como um fato objetivo, a proposição contida na primeira oração. Conseqüentemente, a indicação contida na segunda oração é imperativa: o seu interlocutor deve segui-la. Já em (1)b., o fato expresso na primeira oração não é objetivo, é apenas uma hipótese. E, portanto, o interlocutor só deve executar o que é proposto na segunda oração, se a hipótese expressa na primeira oração se confirmar.

Casos como esse, em que a opção entre as duas formas está associada a diferentes intenções expressivas, não configuram casos de *variação* mas casos de *oposição*, portanto, não devem compor a base de dados de um estudo variacionista. Só casos como os expressos nos exemplos a seguir constituem casos claros de *variação*:

- (2) a. Se ele ficasse aqui, não seria feliz.  
b. Se ele ficava aqui, não era feliz.

Sabemos, entretanto, da dificuldade de fazer claramente esta distinção no contexto de um discurso oral semi-espontâneo, com forte apoio pragmático na situação da interação verbal. Diante disso, decidimos estabelecer critérios mais objetivos e menos vagos para definir nosso objeto de estudo.

Por outro lado, poderíamos partir da hipótese de que o traço semântico [- *realis*] inerente ao paradigma flexional do modo subjuntivo seja deslocado para outras estruturas que passam a

ser usadas como referência a fatos tidos como hipotéticos e irrealis, como exemplo, podemos citar as orações que exprimem fatos duvidosos, hipotéticos (verbos de dúvida, volição etc.), o que poderia permitir o uso do indicativo em contextos prescritos como categóricos do subjuntivo. Na verdade, estamos interpretando indicativo e subjuntivo dentro do valor de modalidade e, assim, fazendo uso da “regra laboviana,  $X \sim (Y) / A\_B$ , podemos traduzir X como modalidade, a qual permite a variação Y, i. e., subjuntivo ou indicativo” (PIMPÃO, 1999, p. 44).

O traço [+ *realis*] subjacente ao modo indicativo apresenta a proposição como verdadeira, certa, real ao contrário do traço [- *realis*] inerente ao subjuntivo que tem a propriedade de indicar um fato incerto, possível, irreal ou apenas desejado. De certa forma, o modo subjuntivo expressa formalmente a noção de irrealidade, que constitui apenas um contexto favorecedor ao uso desse modo verbal e não uma condição para o seu emprego.

Assim, afirmamos que indicativo e subjuntivo podem ser considerados formas variantes, pois podem ocorrer no mesmo contexto, abarcando o mesmo significado referencial, ou seja, há contextos em que o uso desse modo verbal é variável, pois não implica em alteração de sentido.

Tendo isso em vista, elaboramos uma síntese sobre os contextos de uso do subjuntivo em português, definindo os critérios que efetivamente estão subjacentes a esse uso, quer sejam eles semânticos, quer sejam eles sintáticos<sup>81</sup>. Como delimitamos os contextos de uso do subjuntivo, decidimo-nos por estudar o uso desse modo nas orações relativas e em orações completivas e buscamos, a partir destes contextos, definir os parâmetros de uso desse modo verbal e os critérios semânticos e sintáticos subjacentes ao seu uso nas comunidades de fala analisadas.

No vernáculo, podemos observar que o modo subjuntivo não é empregado em todos os contextos previstos pela tradição gramatical, havendo variação entre este modo e o indicativo. Essa variação é condicionada por determinados fatores da estrutura social e lingüística. Cremos que há também no uso contextos em que se registram com mais recorrência a alternância entre subjuntivo e indicativo do que em outros, pois o fato de haver variação no uso desse modo verbal não implica que ela ocorra em todos os ambientes. Nessa pesquisa, observaremos o uso do subjuntivo no vernáculo de comunidades afro-brasileiras isoladas, onde, devido à TLI, desencadeada pelo contato entre línguas, podem ser registradas ocorrências de perda e/ou variação da morfologia flexional, como demonstradas nas pesquisas realizadas por Lucchesi (2000) e Silva (2003).

---

<sup>81</sup> A síntese já foi detalhada no *Capítulo 2: Modo Subjuntivo: Antecedentes Históricos*.

Nesse sentido, acreditamos que a variação no uso do subjuntivo apresenta diferentes graus de intensidade, a depender, não apenas do contexto interno, como também dos fatores sócio-históricos que caracterizam a comunidade pesquisada.

Nas seções seguintes, apresentaremos as variáveis lingüísticas que foram estabelecidas para cada uma das duas variáveis dependentes aqui definidas. Através dessa sistematização, buscamos mensurar os fatores que afetam, na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, o emprego do modo subjuntivo. Começaremos a exposição dessa sistematização com as variáveis explanatórias propostas para a análise da variação no emprego do modo subjuntivo junto às orações relativas. Em seguida, serão apresentadas as variáveis explanatórias empregadas na análise do uso do subjuntivo nas orações completivas e as variáveis sociais que foram estabelecidas para cada uma das duas variáveis dependentes. Além disso, apresentaremos alguns comentários acerca do programa VARBRUL e da forma de processamento quantitativo dos dados, ao final deste capítulo.

#### 4.5.1.1 O emprego do subjuntivo em orações relativas: fatores lingüísticos

As variáveis lingüísticas explanatórias utilizadas para a análise do *uso do subjuntivo em orações relativas* são as seguintes:

- a) Tipo de oração relativa;
- b) Nível de referência do antecedente;
- c) Nível de realidade da predicação contida na oração relativa;
- d) Tempo do subjuntivo previsto no uso culto;
- e) Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação;
- f) Morfologia verbal.

##### 4.5.1.1.1 Tipo de oração relativa

Com a variável *tipo de oração relativa*, procuramos observar o uso do subjuntivo, considerando duas variantes: (i) as orações explicativas e (ii) as orações restritivas. Partimos da hipótese de que o subjuntivo seja mais recorrente em contextos de restritivas, pois nestas o antecedente poderá ser indefinido ou genérico, ao contrário do contexto definido e certo proporcionado pelas orações explicativas.

#### 4.5.1.1.2 Nível de referência do antecedente

No que concerne à variável *nível de referência do antecedente*, serão considerados três fatores: (i) genérico [-específico], conforme em “*Todos os tipo de verdura que tivé coloca nos prato, né?*” (SubR\_C01), (ii) indefinido [+ específico, - definido], como em “*Num adianta insisti... num caminho que não tem saída, porque só acha dificuldade, né?*” (SubR\_C06) e (iii) definido [+ específico, + definido], como explicitado em “... *pegô o curralzim que tinha aí e desmantelô...*” (SubR\_C12).

Levamos em consideração a hipótese de que os níveis *genérico* e *indefinido*, por estarem mais relacionados com o traço semântico *irrealis*, associado ao subjuntivo, tendem a favorecer o uso das formas desse modo verbal. Por outro lado, um antecedente com características definidas e específicas influenciaria o não uso do modo subjuntivo.

#### 4.5.1.1.3 Nível de realidade da predicação contida na oração relativa

Observaremos o uso do modo subjuntivo, quanto à variável *nível de realidade da predicação contida na oração relativa*, considerando quatro níveis: (i) contrafactual, como em “...*mas a quest... é a manga que num tem um espim*” (SubR\_C12); (ii) irreal, conforme em “...*aqui num tem ninguém que prante...*” (SubR\_H22); (iii) hipotético, como em “...*pode sê assim uma... é alguma impressão que a gente pode tê...*” (SubR\_S12) e (iv) real, como exemplificado em “...*pagá o... esse processo todinho dessas pessoas... que morreram* (SubR\_H20). Esperamos que

as formas de subjuntivo sejam mais recorrentes em contextos irrealis, hipotéticos e contrafactuais, visto que é inerente a esse modo verbal o traço semântico [*irrealis*]. Em contraposição, acreditamos que as ocorrências com uma predicação real desfavoreçam o uso das formas do subjuntivo.

#### 4.5.1.1.4 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

Com a variável *tempo do subjuntivo previsto no uso culto*, procuramos avaliar a atuação do princípio da saliência fônica, isto é, se as formas mais marcadas foneticamente favorecem o uso do subjuntivo. Para tanto, consideramos que, das três variantes previstas (presente, futuro e imperfeito), o princípio da saliência agiria na oposição indicativo/subjuntivo entre as formas do presente e do imperfeito, já que a forma *-sse* deste é mais saliente, como em “...num tinha aqueles trem... aquele trem que a gente passasse...” (SubR\_C08) do que a alternância da vogal temática que marca as formas do presente, como em “E hoje, graças a Deus, tem tudo em qualquer lugar que ‘cê chegue” (SubR\_C03).

Por outro lado, como se trata de comunidades que apresentam um passado marcado pelo contato entre línguas e pelo processo de TLI, esperamos que as marcas do tempo futuro (de verbos regulares) seja mais recorrente, do tipo “...por mim... tua ex- mullhé pode chegá aqui pa conversá comigo... qualquer uma coisa *que precisá*, eu sô mulé pa emprestá...” (SubR\_S12), visto que estas se assemelham às formas do infinitivo, o que teria facilitado a sua aquisição pelos falantes. Nesse sentido, observe que a marca do futuro tende a se assemelhar à do infinitivo, mesmo em verbos irregulares, como em “É aonde nós tamos por aí até o dia *que Deus querê*” (SubR\_R24).

#### 4.5.1.1.5 Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação



Com a variável *localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação*, levamos em consideração a hipótese de que uma referencialidade posterior ao momento da enunciação, por se relacionar a eventos irrealis e hipotéticos e, portanto, ao valor semântico do subjuntivo, tenda a favorecer o uso desse modo verbal. A fim de se comprovar essa hipótese, destacaremos três localizações temporais do evento:

- (i) Anterior ao momento da enunciação, como exemplificado em “Ah... coisa que *dava pa comprá...* eu comprava...” (SubR\_R05).
- (ii) Simultâneo ao momento da enunciação, do tipo “É difíci i(r) assim alguém *que num usa* o chapéu” (SubR\_C01).
- (iii) Posterior ao momento da enunciação, conforme “...ali as coisa que *a pessoa pensá em comprá*, tá tudo ali, né” (SubR\_R05).

#### 4.5.1.1.6 Morfologia verbal

No que se refere à variável *morfologia verbal*, consideraremos dois fatores: a regularidade e a irregularidade dos verbos. Tendo em vista o princípio da saliência fônica, partimos da hipótese de que os verbos irregulares, do tipo “... de tudo *que dé* ele come” (SubR\_S01), por apresentarem formas mais perceptíveis na oposição indicativo/subjuntivo, tendam a favorecer o uso do subjuntivo. Os verbos regulares, por sua vez, desfavorecem o uso desse modo verbal, conforme exemplificado em “(...) A criação boa de ‘cê criá é a criação que *come* mato...” (SubR\_C12).

#### 4.5.1.2 O subjuntivo nas orações completivas: fatores lingüísticos

O padrão culto do português indica o uso do subjuntivo em orações completivas que expressem um evento possível ou irreal. Trata-se, pois, de um critério semântico. Esse traço semântico [- *realis*] inerente às formas do subjuntivo comprova-se pela agramaticalidade do uso

das formas do subjuntivo na expressão de fatos tidos como reais ou certos pelo falante, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (1)a Eu vi que o João estava na sala;  
 \* Eu vi que o João estivesse na sala.
- (2)a Eu acho que o João está nervoso;  
 \* Eu acho que o João esteja nervoso.
- (3)a Eu estou certo de que você faz bem esse tipo de trabalho;  
 \* Eu estou certo de que você faça bem esse tipo de trabalho.

Porém, mesmo no uso culto da língua, nem sempre se usa a forma verbal do subjuntivo nas orações que exprimem fatos duvidosos, hipotéticos ou claramente irrealis, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (1)b Eu pensei que o João estava na sala;  
 Eu pensei que o João estivesse na sala.
- (2)b Eu não acho que o João está nervoso;  
 Eu não acho que o João esteja nervoso.
- (3)b Eu não estou certo de que você faz bem esse tipo de trabalho;  
 Eu não estou certo de que você faça bem esse tipo de trabalho.

Não obstante, há estruturas sintáticas em que, na norma culta, o uso das formas do subjuntivo é praticamente categórico, como nos exemplos abaixo:

- (4) Eu duvido que ela venha à reunião;  
 \* Eu duvido que ela vem à reunião .
- (5) A necessidade de que você acompanhe este processo é inquestionável;  
 \* A necessidade de que você acompanha este processo é inquestionável.
- (6) É muito improvável que ela estivesse acordada;  
 \* É muito improvável que ela estava acordada.

Nesta análise variacionista, buscaremos, em um primeiro momento, identificar as estruturas sintáticas de encaixamento de orações que estão mais relacionadas à expressão de fatos possíveis, hipotéticos e irrealis, em contraposição às estruturas usadas para a referência a fatos tidos como reais ou certos. Em um segundo momento, buscaremos observar quais estruturas dentre as primeiras favorecem mais o uso das formas do subjuntivo e quais o desfavorecem; ou mesmo, se há, na gramática de fala das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, estruturas

sintáticas que expressem fatos duvidosos, hipotéticos ou irrealis em que o uso das formas do subjuntivo é categórico, como se observa na norma urbana culta.

Quanto à variável dependente *uso do modo subjuntivo em orações completivas*, os fatores lingüísticos selecionados para a análise dos *corpora* foram os seguintes:

- a) Tipo da oração em que a completiva está encaixada;
- b) Tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada;
- c) Tempo verbal:
  - (i) Tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada
  - (ii) Tempo do subjuntivo previsto no uso culto;
- d) Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva;
- e) Morfologia verbal.

#### 4.5.1.2.1 Tipo da oração em que a completiva está encaixada

No que concerne à variável *tipo da oração em que a completiva está encaixada*, serão destacados cinco tipos de contextos:

- (i) Afirmativo, como em “Aí ela *pensava que era brincadêra...*” (SubC\_S01);
- (ii) Negativo, do tipo “Tá difícil... tá difícil... tá... e essas aí, eles *num qué que tire não*” (SubC\_H07);
- (iii) Interrogativo, como em: Você tem dúvida de que eu esteja/estou falando a verdade?;
- (iv) Condicional, como em “... *se você num quisesse* que ela fosse, você ficava queto, num mandava ela arrumá” (SubC\_S01);
- (v) Verbo modal, do tipo “Eu num sei... eu tenho vontade de ficá aqui, mas ele *mandô falá* qu'ele ía, qu'ele tá construíno uma casinha lá” (SubC\_R04).

Com essa variável, procuramos verificar a relação entre o modo subjuntivo e o valor semântico de irrealidade contido na oração principal, ou seja, se o contexto semântico do evento

referido na oração principal tende a favorecer a aquisição das formas de subjuntivo pelos falantes das comunidades de fala analisadas e, assim, esperamos que esse modo verbal tenda a ocorrer em completivas encaixadas em orações condicionais e negativas, já que estas, em linhas gerais, contêm proposições hipotéticas e contrafactuais; portanto, estão associadas ao valor semântico do subjuntivo.

#### 4.5.1.2.2 Tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

No que se refere à variável *tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada*, buscaremos observar a relação entre o modo subjuntivo e o valor semântico do verbo da oração subordinante. Consideraremos como grupo de fatores os seguintes tipos de verbo:

- (i) Volitivo, como em “ah, eu *queria* que o senhô me desse seu menino pa fazê esse serviço aqui pra mim, eu já marcava...” (SubC\_H12).
- (ii) Avaliativo, do tipo “Quem sabe? Eles num *gostam* que ande entrano no mato pa caçá não?” (SubC\_S04).
- (iii) Declarativo, como exemplificado em “Então *disse* qu' era dois” (SubC\_H22).
- (iv) Cognitivo, como em “É, eu *acredito* que a metade num volta não...” (SubC\_C01).
- (v) Perceptivo, do tipo “... pra ganhá dinhêro... pá *vê* se miora as condiçõe, né?” (SubC\_C12).
- (vi) Inquiritivo, como em “... mandô os ôto *perguntá* a menina se qué namorá, falô: “quero” (SubC\_H12).
- (vii) Causativo, conforme em “Aí ele rezô ela e *mandô* que fosse po hospital, que essa menina tava muito ruim” (SubC\_R13).

Esperamos, com essa variável, tomando como base o valor semântico [- *realis*] inerente ao subjuntivo, que esse modo verbal seja favorecido em completivas subcategorizadas por verbos volitivos e avaliativos, por estes se relacionarem à vontade, aos desejos e aos sentimentos do falante e, portanto, a pressuposições ainda irrealis e também a verbos causativos e inquiritivos, pois estes indicam atitudes de conselho, pedido e ordem, o que indica forçosamente pressuposições ainda não realizadas. Por outro lado, a nossa expectativa é de que o subjuntivo seja desfavorecido nas completivas subcategorizadas por verbos cognitivos, perceptivos e

declarativos, visto que estes denotam o que o falante pensa ou sabe sobre determinado evento e, em princípio, uma opinião e declaração são sempre verdadeiras para quem as emite.

#### 4.5.1.2.3 Tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

Quanto aos tempos do verbo da oração em que a completiva está encaixada, foram escolhidos do indicativo: o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito (composto), o futuro do pretérito, o futuro do presente; além do infinitivo, gerúndio e particípio. Do subjuntivo, consideramos o presente, o imperfeito e o futuro.

Levamos em consideração a hipótese de que o uso do tempo pretérito imperfeito do indicativo em orações principais tenda a favorecer o uso do subjuntivo nas completivas, por estar mais relacionado com o valor semântico de irrealidade, como exemplificado em, “...a médica num *queria que eu viesse...*” (SubC\_R24). Por outro lado, esperamos que o tempo presente do indicativo, por se relacionar com o valor de verdade do evento da oração principal, desfavoreça a ocorrência das formas de subjuntivo nas completivas, conforme exemplificado em “...nem *gosto que eles encosta* ne... per’ da água assim” (SubC\_C03).

#### 4.5.1.2.4 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

A variável *tempo verbal* está relacionada à saliência fônica, pois acreditamos que as formas mais perceptíveis, marcadas foneticamente favorecem o uso do subjuntivo. Para tanto, serão controlados três tempos do subjuntivo: futuro, presente e imperfeito. A nossa hipótese é a de que o tempo imperfeito favoreça mais o uso do subjuntivo do que o presente, uma vez que aquele apresenta marca mais saliente na oposição indicativo/subjuntivo do que a marca de presente, que consiste apenas na alternância da vogal temática. Podemos exemplificar a alternância da vogal no tempo presente em:

E aí num qué que ela *mora...* (SubC\_S05) em oposição à frase com a marca no verbo  
E aí num qué que ela *more*.

A forma do imperfeito é mais saliente, como podemos observar em:

E aí num queria que ela *morasse* em oposição à frase sem a marca do imperfeito  
E aí num queria que ela *morava*.

Ao lado disso, esperamos que o tempo futuro dos verbos regulares favoreça o uso do subjuntivo, já que a forma desse tempo apresenta semelhança com a do infinitivo, o que teria facilitado sua aquisição pelos falantes das comunidades de fala analisadas.

#### 4.5.1.2.5 Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva

Além do tempo verbal, utilizaremos a *avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva* como fator condicionador ao uso do modo subjuntivo. Consideraremos as seguintes possíveis avaliações do falante acerca do nível de realidade da situação enunciada:

- (i) Ocorrido, conforme em “Eles disse *que deu derrame*” (SubC\_H01).
- (ii) Pressuposto, como em “... diz eles *que tá tudo limpo*, que pessoá alimpô eucalipe tudo” (SubC\_H04).
- (iii) (In)desejado, do tipo “...ah, eu *queria* que o senhô *me desse* seu menino pa fazê esse serviço aqui pra mim, eu já marcava...” (SubC\_H12).
- (iv) Irreal, conforme exemplificado em “Eu tive lá nove dia, fiz um exame, a médica *num queria que eu viesse*. Eu falei: não, neném, eu preciso ir embora, minha fia... tem a casa, tem as criação, num tem quem cuide, antonce eu preciso ir embora” (SubC\_R24).
- (v) Hipotético, como em “... Ieu fui lá quando tava pequeno ‘inda. Até... *pode sê que eu vô* quand'eu tivé... quan... quand'eu marrê, [às vez] vô contente, porque a terra de nós verdadêra é esse lá” (SubC\_H13).

Com essa variável, procuramos verificar em qual contexto semântico o subjuntivo tende a ser usado com maior frequência e levando em consideração a associação tradicional entre o modo subjuntivo e o domínio da incerteza ou dúvida (cf. Mira Mateus *et al.*, 2003), esperamos que esse modo verbal seja mais recorrente em eventos irrealis, isto é, em contextos de irrealidade, visto que

eventos ocorridos supõem em princípio que já foram realizados. Por outro lado, eventos pressupostos denotam o entendimento do falante e, portanto, o que este considera como verdade sobre determinado fato.

#### 4.5.1.2.6 Morfologia verbal

A variável *morfologia verbal* está diretamente associada ao princípio da saliência fônica, pois partimos da hipótese de que a diferença fonética entre os verbos irregulares e regulares na oposição indicativo/subjuntivo tenda a favorecer ou desfavorecer o uso das formas do subjuntivo. Nesse sentido, esperamos que as formas do subjuntivo dos verbos irregulares, por serem mais perceptíveis foneticamente na oposição indicativo/subjuntivo, favoreçam o uso do subjuntivo. Por outro lado, a forma do subjuntivo dos verbos regulares, por ser menos saliente na oposição indicativo/subjuntivo, tende a ser desfavorecida. A fim de se comprovar esta hipótese, consideraremos o uso do subjuntivo em verbos regulares, como em “Eles *num* gostam que *ande* *entramo* no mato pa caçá não?” (SubC\_S04), e em verbos irregulares, conforme exemplificado em “Aí eu disse: “Norberto mandô dizê o senhô, meu compade, que o senhô me *desse* cinquenta mil... pra minha viagem! (SubC\_H20).

#### 4.5.2 AS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

Inserir parâmetros sociais no estudo de fenômenos lingüísticos é totalmente relevante na medida em que compreendemos a variação, a diversidade como condicionada pelo contexto social e inerente ao sistema lingüístico, pois é certo que os “(...) membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes (...) desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se” (PAREDES DA SILVA, 1992, p. 35).

Dessa forma, uma pesquisa sociolingüística visa a controlar alguns grupos de fatores, sejam sociais, sejam lingüísticos, de modo a testar a correlação entre eles, apontando aqueles que condicionam o uso de um fenômeno na língua.

Em nossa pesquisa, utilizaremos fatores como sexo, faixa etária, estada fora da comunidade, nível de escolarização e comunidade de origem, de modo a correlacioná-los com o fenômeno variável em estudo (o uso do subjuntivo) e observar qual deles apresenta uma interferência maior no comportamento lingüístico dos falantes das comunidades estudadas. Nesse sentido, cremos que a história da comunidade de origem, bem como seu isolamento social constituam fatores extralingüísticos importantes para a compreensão das variações na língua.

#### 4.5.2.1 O sexo

O fator *sexo* tem sido muito discutido na análise do comportamento lingüístico dos falantes, tanto nas situações de variação estável quanto de mudança lingüística. Sendo assim, questionamo-nos em que medida falantes de sexo diferente apresentam maior propensão ao emprego de uma ou outra forma variável, uma vez que o fator *sexo* parece influenciar diferentes usos da língua. Para Paiva (1992, p. 71):

Os estudos quer de fenômeno de variação estável quer de mudança lingüística evidenciam, portanto, a maior sensibilidade das mulheres às formas lingüísticas prestigiadas socialmente. Os homens, ao contrário, tendem a favorecer a ocorrência de formas lingüísticas de baixo prestígio social.

De fato, a literatura especializada tende a considerar o fato de as mulheres dos grandes centros urbanos serem mais sensíveis às variantes de prestígio. No entanto, não aceitamos esta afirmação como categórica, mas apenas como uma tendência que pode ou não ser registrada em determinada comunidade rural.

Analisando o fator *sexo* enquanto variável independente, acreditamos que, em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, os resultados não seriam iguais aos resultados de pesquisas realizadas no meio urbano, visto que a maioria das mulheres do meio rural não tem contato com as formas lingüísticas de prestígio social dos grandes centros urbanos, pois se restringem a permanecer na “roça”, cuidando de afazeres domésticos e da família. Os homens,



por sua vez, são os que mais freqüentam outras comunidades e as “cidades”, em busca de emprego, de empréstimos, a passeio etc.

Dessa sorte, somos da opinião de que as mulheres tendem a conservar a norma do local, o que as afasta da variante de prestígio. Assim, mulheres dos grandes centros tendem a favorecer a(s) norma(s) dos grandes centros e mulheres de comunidades rurais, a(s) norma(s) do meio rural.

#### 4.5.2.2 A faixa etária

A idade do falante pode nos revelar alguma informação sobre o fenômeno estudado, uma vez que a análise da variável em tempo aparente tende a apontar fenômenos pretéritos da língua através do estado presente.

Naro (1992a) cita duas posições teóricas sobre o processo de aquisição da linguagem. A primeira, que é por ele rotulada de *clássica*, postula “(...) que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável” (NARO, 1992a, p. 82). De acordo com esta hipótese, “(...) o estudo atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade” (NARO, 1992a, p. 82). Desse modo, “(...) o processo de mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias” (NARO, 1992a, p. 84). A outra hipótese contradiz esta questão postulando que a língua do falante se modificará no decorrer dos anos em virtude de pressões sociais.

Tomando como base postulados da hipótese clássica, acreditamos, em relação às comunidades aqui estudadas, que os falantes mais velhos usam com pouca freqüência o subjuntivo, o que estaria relacionado a um estado anterior da língua, influenciado pelo contato entre línguas e pelo processo de transmissão lingüística irregular, enquanto que os mais jovens tendem a uma maior realização na fala desse modo verbal, graças ao contato com diferentes grupos sociais, com os meios de comunicação, com a escola etc.

#### 4.5.2.3 O nível de escolaridade

O ensino exerce alguma influência na adoção ou no abandono de determinada forma lingüística. Na verdade, o efeito da escolaridade é notório entre os falantes. Pimpão (1999), por exemplo, desenvolveu uma pesquisa sobre a variação no uso do presente do modo subjuntivo, distribuindo os falantes, quanto a escolaridade, em primário, ginásio e colegial e como resultado registrou que os níveis escolares mais elevados, como o colegial, afirma-se como contexto preferencial ao uso do subjuntivo, ou seja, é justamente no nível mais alto de escolaridade que se registra o maior índice de ocorrência desse modo verbal.

Para fins desta pesquisa, dividimos os informantes das quatro comunidades em dois grupos, a saber: o dos analfabetos e o grupo dos semi-analfabetos, aqueles que tinham o primeiro grau incompleto. Consideramos como semi-analfabeto todo informante que teve qualquer experiência com o universo do letramento, até mesmo aquele que sabia apenas assinar o nome.

#### 4.5.2.4 A estada fora da comunidade

Quanto à variável *estada fora da comunidade*, distinguimos entre falantes que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade e aqueles que nunca saíram ou viajaram apenas a passeio, como para visitar a Gruta de Bom Jesus da Lapa. Cremos que o subjuntivo é mais usado pelos falantes que já viajaram e tiveram contato com outros grupos sociais, na medida em que se assume que as comunidades rurais estão sobre crescente influência externa, sobretudo dos centros urbanos regionais.

#### 4.5.2.5 O isolamento geográfico das comunidades

De acordo com Monteiro (2000, p. 129):

O isolamento geográfico inevitavelmente gera diferenciações lingüísticas. Se viajarmos pelo interior do Brasil e conseguirmos chegar a vilarejos longínquos e de difícil acesso,

com certeza lá encontraremos traços dialetais que nos causarão até surpresa. Em geral, o que se observa nesses lugares isolados é uma tendência ao conservadorismo lingüístico. Daí, parece óbvia a hipótese de que quanto mais contato externo a comunidade de fala mantiver, maiores serão as possibilidades de mudança e diversificação.

Creemos que o isolamento da comunidade tende a conservar alguns fenômenos variáveis na língua, que passariam talvez por processos de mudança caso recebessem influências vindas de meios de comunicação e do contato com grupos sociais dos grandes centros urbanos. No âmbito dessa pesquisa, observaremos a constituição histórica e social das seguintes comunidades rurais: Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé e cremos ser parecida, visto que estão relacionadas a situações de contato entre línguas, ao processo de TLI e à fuga da escravidão, mantendo ainda certo isolamento em relação ao meio urbano. No entanto, temos de observar que os contextos atuais dessas comunidades não são idênticos, o que nos levou a dividi-las em dois grupos: (i) aqueles que apresentam uma origem quilombola ou que houve vestígios da existência de um falar crioulo (cf. Ferreira, 1984), como as comunidades de Cinzento e de Helvécia, respectivamente, e (ii) comunidades que estão mais sujeitas à influência externa, como Rio de Contas, devido à estrutura turística, e Sapé, em virtude dos meios de comunicação. Nesse sentido, esperamos que as formas de subjuntivo sejam menos usadas nas comunidades de Cinzento e de Helvécia.

Como a hipótese de nosso trabalho é a de que o contato entre línguas afetou o processo de desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil, então, os efeitos mais salientes desse contato seriam mais notáveis em comunidades, cuja origem estaria ligada a agrupamentos de ex-escravos e/ou de escravos foragidos e que até recentemente têm se mantido em um grau relativo de isolamento. Sendo assim, em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, podemos identificar reflexos de fenômenos que seriam condicionados pelo contato entre línguas e que podem contribuir para definir as características atuais da língua falada no Brasil, especialmente, em sua variedade rural.

#### 4.5.2.6 Dados históricos das comunidades estudadas

Conhecer a história de uma comunidade pode contribuir para o êxito nos inquéritos de uma pesquisa sociolingüística, pois o pesquisador poderá utilizar critérios diferenciados para abordar temas, aproximar-se dos informantes e manter contato com eles. Além disso, vale

ressaltar que é por meio do estudo sociolinguístico das comunidades rurais afro-brasileiras que poderemos identificar os tipos de alterações produzidas pelo contato entre línguas no português brasileiro. Na verdade, segundo nossa hipótese de pesquisa, o contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas faladas pelos antepassados dos membros que hoje vivem em tais comunidades e a transmissão irregular daquela a estes falantes foram responsáveis por muitas das variações ocorridas no português do Brasil, especialmente em sua variedade rural.

Nesse sentido, as comunidades por nós estudadas têm sua origem em antigos quilombos ou foram constituídas por ex-escravos após a abolição da escravatura, onde existiam propriedades rurais de seus senhores. Daí a necessidade de se conhecer a história dessas comunidades e observar a intrínseca relação que há entre língua e contexto social.

#### 4.5.2.6.1 Cinzento

A comunidade de Cinzento teve origem por volta de 1810 e 1860 e está localizada a 450 km da cidade de Salvador-Ba, na região Sudoeste, próxima à cidade de Planalto. Na verdade, Cinzento localiza-se em uma região bastante acidentada, havendo dificuldade de acesso à mesma, fato a que se deve o seu isolamento.

A ausência de fontes naturais de água aumenta as dificuldades de sobrevivência. Os moradores vivem basicamente do cultivo da terra. Plantam-se feijão, mandioca e milho. Ao lado disso, existe uma casa de farinha, construída com a ajuda de órgãos públicos. Os membros das comunidades são de pele bem escura e praticam a endogamia (casamento entre parentes, principalmente primos). “Fisicamente, são de estatura mediana, chegando até 1,70, fortes, troncos, de narinas alargadas, dentes largos e brancos, cabelos crespos e pés consideravelmente grandes” (FERREIRA, 1999, p. 70).

No que se refere à religião, os cinzentenses são, em sua maioria, católicos; o local típico de romaria é a Gruta de Bom Jesus da Lapa. Todos os anos, comemora-se o dia de Santos Reis e, nessa festa, há comida, bebida, dança, toca-se o tambor, o “bumba” e a viola.

De acordo com Silva (2003, p. 99-100):

Segundo relatos dos antigos moradores, os fundadores de Cinzento são da região da Chapada Diamantina, mais precisamente do antigo ‘Arraial dos Crioulos’ e o sobrenome *Pereira Nunes*, predominante em Cinzento, é o mesmo de um antigo proprietário de escravos da região de Rio de Contas. Ana Isidora (107 anos) afirma que os primeiros

moradores vieram ‘currido’, sugerindo que a chegada deu-se de forma clandestina, pois a vinda se deu ‘à meia-noite, terça-noite.’

Certamente, buscavam fugir da escravidão. Segundo o relato de alguns informantes mais velhos, seus antepassados contavam “(...) ter a obrigação de se ajoelharem ‘em frente dos donos’. Ana Isidora vai mais além e conta que sua bisavó era ‘caboca do mato e (...) [sua avó] Maria foi pegada no mato’ (...)” (SILVA, 2003, p. 100).

Quanto ao termo Cinzento, um dos moradores afirma que a origem desse nome se deve ao aparecimento de um boi (que de tão gordo parecia cinza) para alimentar os primeiros membros da comunidade. Atualmente esta comunidade é constituída por cerca de 110 moradores, sendo 50 homens e 60 mulheres.

#### 4.5.2.6.2 Helvécia

A comunidade de Helvécia, situada no extremo sul do Estado da Bahia, próxima ao Município de Nova Viçosa, na microrregião de Porto Seguro, origina-se na antiga Colônia Leopoldina, fundada por suíços, alemães e franceses, em 1818, situada próxima às margens do rio Peruípe, doze léguas acima de Nova Viçosa, na comarca de Caravelas. Embora possuísse uma população branca, temos de levar em conta que o número de negros era bem maior, visto que os brancos representavam apenas 10% do total da população em 1858, o que contribuiu para uma transmissão irregular do português, a língua comum. A Colônia Leopoldina desenvolvia empreendimentos agro-exportadores de café, vindo a prosperar, responsabilizando-se por cerca de 90% da produção cafeeira da província, na época.

O café era cultivado por meio da mão-de-obra escrava, de origem africana. Com a abolição da escravatura e a decadência da produção cafeeira, os colonos europeus começaram a deixar a região, que continuou abrigando uma grande população de ex-escravos. Na verdade, a comunidade de Helvécia se formou em torno das propriedades rurais de antigos senhores de escravos após a abolição da escravatura e vivia em função da ferrovia Bahia-Minas.<sup>82</sup> No prédio dessa estação, hoje já desativada, ficou registrado *Helvécia*, nome da localidade que passaria a ser habitada pelos ex-cativos. Estes viviam da agricultura de subsistência.

---

<sup>82</sup> A ferrovia Bahia-Minas foi inaugurada em 1897.

Os ex-escravos pertenciam a dois grupos lingüísticos de origem africana, a saber Kwa e banto, mas que tinham como língua comum o português, o qual foi transmitido por meio do contato com os imigrantes europeus.<sup>83</sup>

Esta situação lingüística possibilitou aos escravos africanos uma aprendizagem precária do português no ambiente de trabalho forçado da lavoura cafeeira. Os escravos nascidos no Brasil tinham a língua portuguesa como materna, mas aprendiam-na a partir do modelo de português falado como segunda língua pelos escravos das senzalas. Portanto, essa transmissão irregular teria dado origem a uma variedade de língua portuguesa muito distinta daquela de Portugal. Nesse sentido, transmissão irregular se deve às diferentes situações de aprendizagem da língua, como o fato de os escravos terem sido forçados a falar uma outra língua devido às situações de escravidão e de trabalho forçado, sem auxílio de meio normativizador.

Creemos que o isolamento em que essa comunidade afro-brasileira viveu possibilitou a conservação de uma variedade do português muito distinta da variedade falada nos grandes centros urbanos. Daí, em 1961, a pesquisadora do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, Carlota Ferreira, ao desenvolver pesquisas em Ibiranhém, recebeu informações de que em uma localidade próxima dali, havia pessoas que falavam ‘engraçado’ e de difícil entendimento. Então, Carlota Ferreira foi até Helvécia, buscando registrar características de um “falar crioulo que deve ter sido geral, já que em 1961 dele subsistiam ainda vestígios” (FERREIRA, 1984, p. 22).

Atualmente, a economia de Helvécia se baseia na agricultura, na pecuária e na indústria de celulose. Grande parte dos informantes que constitui a amostra de fala de Helvécia dedica-se ao trabalho em pequenas propriedades agrícolas, praticando a agricultura de subsistência. Meios de comunicação, como rádio e televisão, encontram-se bastante difundidos entre os membros da comunidade.

Helvécia, assim como Cinzento, é uma comunidade constituída por descendentes de escravos, cuja história está ligada ao contato entre línguas, ao processo de transmissão lingüística irregular e à fuga da escravidão ou à constituição de agrupamentos de ex-escravos após a abolição e que viveram em relativo isolamento até meados do século XX e, a partir daí, passaram a receber influência dos padrões lingüísticos urbanos devido ao sistema escolar, aos meios de comunicação etc.

---

<sup>83</sup> A população branca era constituída principalmente por colonos franceses, alemães e suíços, que tinham o português como língua comum.

#### 4.5.2.6.3 Rio de Contas

As comunidades de Barra/Bananal são constituídas por afro-descendentes e estão situadas no município de Rio de Contas. A economia desses locais se baseia na agricultura de subsistência, vivendo em precárias condições de saneamento. Além disso, a endogamia é uma prática comum nessas comunidades.

A religião predominante é o catolicismo, mas há registros no Arquivo Municipal de Rio de Contas da existência de algumas igrejas evangélicas. Por outro lado, temos de registrar que, devido à influência da cultura branca européia, não se preservou muitas tradições de origem africana.

Segundo Silva (2003, p. 104):

Bananal foi fundada por negros escravos por volta do século XVII. Segundo Leonardo Sakamoto, a história dos dois vilarejos está ligada ao naufrágio de um navio negreiro vindo da África. Os sobreviventes procuraram um lugar seguro para sobreviver e, seguindo o curso do Rio de Contas, escolheram as cachoeiras do rio Brumado, ficando lá, praticando a agricultura de subsistência e cultivando suas tradições. Bandeirantes, chefiados por Antônio Raposo Tavares, teriam escravizado os quilombolas que foram obrigados a trabalhar na mineração.

Barra e Bananal não se encontram em uma situação de isolamento tão acentuada quanto as comunidades de Helvécia e Cinzento, pois graças à estrutura turística e às belezas naturais encontradas na região de Rio de Contas, esses dois povoados freqüentemente recebem estudiosos que se interessam por variados tipos de pesquisas, dentre eles podemos citar as pesquisas sobre plantas medicinais, que foram preservadas nas proximidades dessas comunidades, além da visita de turistas. Acreditamos que o turismo e a constante visita de estudiosos vêm contribuindo para que os falantes de Barra e Bananal entrem em contato com a norma urbana culta, ou seja, os moradores dessas comunidades, devido ao turismo da região, têm mais acesso aos padrões linguísticos prestigiados do que, por exemplo, os moradores da comunidade de Cinzento que, até pouco tempo, consideraram o forasteiro uma ameaça à paz da região.

Barra e Bananal são povoados constituídos por afro-descendentes e foram habitados inicialmente por negros que fugiam da escravidão, lançando-se numa terra de difícil acesso. Portanto, apesar dessas comunidades serem atualmente influenciadas pela estrutura turística da região, apresenta um passado marcado pelo contato entre línguas e pela fuga de negros da escravidão.

#### 4.5.2.6.4 Sapé

A comunidade de Sapé, distrito do município de Valença, situa-se na região do Recôncavo Baiano. Não há um consenso entre os moradores quanto a denominação dessa região, pois os mais velhos preferem chamá-la de *Sapé Grande* e os mais jovens de *Sapé Alto*. Atualmente, a comunidade é constituída por cerca de 100 habitantes, sendo todos eles seguidores da religião católica.

Segundo os moradores dessa comunidade, por volta de 1800, as terras hoje denominadas por Sapé, juntamente com as terras que compreendem os distritos de Rapa Tição e Tabuado<sup>84</sup> pertenciam a um único dono, conhecido por Miguel Elia. Com a morte deste, as terras foram divididas entre seus filhos, que posteriormente as venderam.

Com o fim da escravidão, muitos fazendeiros, nessa região, continuaram a fazer uso do trabalho de seus ex-escravos, mas não conseguiram pagá-los devido a algumas crises financeiras. Dessa forma, os negros, ao receberem como pagamento dos fazendeiros endividados pedaços de terra, foram desmatando-as e habitando-as e nessa região foi fundada a comunidade de Sapé, que, por sua vez, se manteve isolada de outras comunidades por muito tempo. Os moradores desse povoado casavam entre si, praticando, desse modo, a endogamia.

Os membros dessa comunidade praticam a agricultura de subsistência, cultivam cravo, cacau, feijão e mandioca e desta faz a farinha, que, muitas vezes, é vendida na BR 101. Grande parte dos moradores trabalha na roça e recebe muito pouco como pagamento, até mesmo em época de plantio ou colheita; todos trabalham sejam homens, mulheres ou crianças.

Não há saneamento na comunidade e poucas casas possuem banheiro; a eletricidade atinge apenas as casas construídas na rua principal e nem todos os moradores possuem eletrodomésticos; no entanto, há muitos aparelhos de televisão que, nos locais onde não há rede elétrica, são ligados à bateria de carro.

Não foram registrados, entre os membros da comunidade, seguidores de tradições de origem africana; na verdade, eles afirmam com orgulho não seguir tais cultos, o que parece demonstrar o apagamento das tradições de origem africana em virtude do contato com os valores da cultura branca européia.

Diante disso, podemos observar que a comunidade de Sapé, assim como Cinzento, Helvécia e Rio de Contas, é constituída por descendentes de escravos. No entanto, não se origina

---

<sup>84</sup> Esses distritos se situam próximos à comunidade de Sapé.



de um antigo quilombo, pois os negros se instalaram nessas terras após a abolição da escravatura, mas apresenta um passado marcado por agrupamentos de ex-escravos, que se mantiveram isolados até meados do século XX. Atualmente, a difusão da televisão entre os moradores de Sapé vem contribuindo para que estes entrem em contato com os modelos prestigiados pela norma urbana culta.

#### 4.6 MODELO QUANTITATIVO: O PROGRAMA VARBRUL

A diversidade lingüística não é aleatória, mas condicionada por uma série de fatores, ou seja, é regulada, governada por um conjunto de regras. Portanto, “(...) existem condições ou regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variáveis em cada contexto” (NARO, 1992b, p. 17). Daí, podemos afirmar que a heterogeneidade lingüística é influenciada por diferentes fatores que podem ser controlados.

O controle do grupo de fatores, a fim de se verificar a influência que cada um deles exerce sobre as variantes de um fenômeno lingüístico, é definido por meio de modelos matemáticos aplicados à metodologia da sociolingüística quantitativa. Em 1978, Pascale Rousseau e David Sankoff apresentaram um modelo rotulado de Logístico<sup>85</sup>, que, segundo Scherre (1996a, p. 44-45), é:

(...) considerado mais adequado para a análise de fenômenos variáveis.

(...)

Pela forma de funcionamento deste modelo, afirma-se que, para fenômenos binários, probabilidades maiores do que 0,50 favorecem a aplicação da regra, probabilidades menores do que 0,50 desfavorecem-na e todas as probabilidades em torno de 0,50 não exercem nenhum efeito sobre ela.

Scherre (1996a) ainda afirma que não são os valores em si, observados isoladamente, que são importantes para a análise lingüística, mas os valores associados às probabilidades ou pesos relativos. Na verdade, este modelo visa a estabelecer, por meios de pesos relativos, uma

---

<sup>85</sup> Anteriores a este modelo, podemos citar outros, que foram apresentados na tentativa de serem melhor apropriados para a análise de fenômenos lingüísticos, como o modelo aditivo, proposto por Labov, em 1969, e o modelo multiplicativo, apresentado por Henrietta Cedergren e David Sankoff, em 1974, que visava a substituir freqüências por probabilidades.

associação entre os grupos de fatores, de modo a observar o peso relativo de um fator sobre o outro e a influência exercida por eles na seleção das variantes lingüísticas analisadas.

Em nossa pesquisa, os dados serão submetidos ao programa computacional VARBRUL, cujo cálculo de probabilidades atua em níveis de análises. No primeiro nível, são calculadas as probabilidades de cada grupo de fatores, efetuando a seleção do grupo mais relevante para a escolha das variantes. Desse modo, o primeiro grupo de fatores é selecionado estatisticamente. O segundo nível do programa consiste em comparar o primeiro grupo com os demais, verificando, sucessivamente, as variáveis estatisticamente mais relevantes.

Nesse sentido, cabe ao pesquisador, a partir de uma perspectiva teórica, interpretar coerentemente os resultados numéricos. De fato, “(...) o progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas” (NARO, 1992b, p. 25).

## **CAPÍTULO 5: A ANÁLISE DOS DADOS**

Tendo em vista que definimos duas variáveis dependentes para estudo, a seleção das ocorrências teve como base algumas condições por nós observadas para cada variável, conforme já descrito no *Capítulo 4: Procedimentos Metodológicos*. Dessa forma, após a codificação das ocorrências de subjuntivo tanto nas relativas quanto nas completivas, encontradas nos *corpora* de Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, os dados foram submetidos ao programa computacional VARBRUL, modelo matemático aplicado à Sociolinguística quantitativa, a fim de que fosse calculada a frequência em percentual de ocorrências dos fatores controlados.

Em relação ao uso do subjuntivo em orações relativas, encontramos, nos 28 inquéritos, um total de 827 ocorrências, das quais selecionamos apenas 162 referentes aos contextos em que é previsto o emprego do subjuntivo de acordo com os padrões normativos. Esses dados foram assim distribuídos entre as comunidades: 67 no *corpus* de Cinzento, 37, no de Helvécia, 29, no de Rio de Contas e 29, no de Sapé. De fato, o número de ocorrências foi reduzido, mas deixa de sê-lo quando “(...) consideramos o complexo domínio do modo subjuntivo” (PIMPÃO, 1999, p. 27). Temos de levar em consideração ainda, para se explicar o baixo número de ocorrências de subjuntivo, o fato de que não trabalhamos com o emprego desse modo verbal nas orações adverbiais, contexto que contribuiria para aumentar o número de ocorrências, dando-nos uma visão abrangente do uso do subjuntivo nas comunidades afro-brasileiras<sup>86</sup>. No entanto, isso não nos impede de analisar os *corpora* a partir dos resultados encontrados nas completivas e relativas, tendo como base apenas esses contextos.

Acreditamos que a complexidade das regras que norteiam o emprego do subjuntivo e dos valores e formas a ele associados conjugados com o contexto social, no qual as comunidades afro-brasileiras estão inseridas, como a ausência de meios normatizadores e o isolamento social, contribuem para desfavorecer a transmissão das formas de subjuntivo.

A comunidade de Rio de Contas apresentou o maior percentual de uso do subjuntivo (31%), enquanto que na de Cinzento registramos o menor percentual (18%). As comunidades de Sapé e de Helvécia apresentaram respectivamente 28% e 24% de uso do subjuntivo nas relativas. Com os dados das quatro comunidades afro-brasileiras, obtemos um total de 23% de uso desse modo verbal em todos os tempos. Com relação ao tempo presente, observamos um total de 18%

---

<sup>86</sup> Temos como objetivo desenvolver uma pesquisa sobre o uso do subjuntivo nas orações adverbiais nessas comunidades afro-brasileiras, a fim de verificarmos os resultados referentes a cada contexto de uso do subjuntivo e amalgamá-los para termos uma visão abrangente do uso desse modo nessas comunidades de fala. Além disso, visamos a desencadear pesquisas sobre este modo verbal em comunidades rurais e urbanas.

de uso do subjuntivo. Pimpão (1999), ao estudar o português urbano, utilizando *corpus* do projeto VARSUL, encontrou, aproximadamente, 82% de uso do subjuntivo, no tempo presente, nas relativas em contexto em que se deve empregar esse modo verbal. Esse número desce para 44%, quando cruzado o ambiente sintático (relativas) com o contexto *realis* e *irrealis*. Nesse contexto, encontramos apenas 05% de uso do subjuntivo, perfazendo uma significativa diferença entre essas duas variedades do português brasileiro.

Desse modo, fica evidente que os nossos resultados não estão de acordo com aqueles encontrados com falantes do meio urbano, o que demonstra a concorrência de pelo menos duas gramáticas, uma referente ao português urbano e outra ao português afro-brasileiro. Como podemos ver existe uma realidade bipolarizada no português do Brasil, com distintas tendências de mudanças. Sendo assim, é importante reconhecer que o português do meio urbano percorre caminhos distintos do português rural, mais especificamente do afro-brasileiro, o que nos leva a afirmar que o português do Brasil é constituído por diferentes normas, cada uma delas apresentando peculiaridades tanto sociais quanto lingüísticas.

Rocha (1997) apresenta em seu estudo sobre o subjuntivo no português urbano algumas questões no sentido de que a alternância entre subjuntivo e indicativo pode constituir um fenômeno de variação em que o subjuntivo está perdendo ambiente para o indicativo ou de uma variação que envolve a alternância entre os dois modos, verificando, assim, a partir de seus resultados que está ocorrendo uma alternância entre os modos. No entanto, temos de afirmar que isso parece não funcionar no português afro-brasileiro, uma vez que neste está havendo o inverso: o indicativo está perdendo (aos poucos) ambiente para o subjuntivo, pois este modo vem sendo gradativamente adquirido pelos membros dessas comunidades. Na verdade, no processo de TLI, ocorrido durante o contato entre línguas, o modo indicativo deve ter sido mais facilmente adquirido pelos falantes, pois, por se referir a eventos reais, este modo tende a ser mais usado na comunicação do que o subjuntivo. Com a crescente urbanização de nosso país e todos os benefícios por ela propiciados, dentre eles, a escola, os meios de comunicação, é provável que as formas referentes ao modo subjuntivo tenham sido mais facilmente transmitidas aos falantes do meio urbano; por outro lado, temos a realidade do meio rural, especificamente aquelas comunidades constituídas por afro-brasileiros, que, por muito tempo, se mantiveram isoladas de outros grupos sociais e de todo processo urbanizador. Então, a partir de nossos resultados (apenas 18% de uso do subjuntivo em oposição a 82% de uso do subjuntivo no português urbano)

acreditamos que nas comunidades de fala analisadas as formas do subjuntivo estão sendo aos poucos assimiladas pelos membros dessas comunidades, o que pode ser explicado também quando encaramos a realidade brasileira como bipolar. Portanto, o português afro-brasileiro se caracteriza por apresentar normas divergentes do português urbano, daí a necessidade de tomarmos a questão da bipolarização como fundamental para se explicar a nossa realidade lingüística, pois, de um lado, temos as normas referentes ao português urbano e, de outro, ao português rural, no qual se inclui o afro-brasileiro.

Quanto ao uso do subjuntivo em orações completivas, em 28 entrevistas, foram encontradas 858 ocorrências. No entanto, quando selecionamos apenas os contextos prescritos como de uso do subjuntivo, foram registrados apenas 80 ocorrências, assim, distribuídas entre as comunidades: 28 em Cinzento, 25 em Helvécia, 10 em Rio de Contas e 17 em Sapé. Nesse contexto, o subjuntivo foi usado apenas em 23 ocorrências; portanto, 29% do total, número bastante reduzido. Nesse sentido, a comunidade de Helvécia apresentou o menor percentual de uso do subjuntivo 16%, enquanto a de Sapé apresentou o maior percentual 44%. Em Rio de Contas e na comunidade de Cinzento, o percentual de uso do subjuntivo ficou próximo à média geral, registrando-se, respectivamente, 30 e 32% de uso do subjuntivo.

Por outro lado, Pimpão (1999) encontra o total de 84% de uso do subjuntivo nas completivas, no tempo presente, num *corpus* constituído por 83 ocorrências (70 apresentaram o uso desse modo verbal). Quando observamos os contextos de completivas, no tempo presente, no português afro-brasileiro, foram registrados apenas 24% de uso do subjuntivo.

Tomando como base essas distinções entre o português urbano e o português rural, especialmente, afro-brasileiro, podemos perceber a realidade bipolarizada do PB como propõe Lucchesi (1994; 2001), visto que de um lado temos as normas referentes ao português urbano culto e de outro as normas referentes ao português afro-brasileiro, cada uma apresentando características próprias e tendências específicas de mudança.

## 5.1 A ANÁLISE DOS DADOS DAS ORAÇÕES RELATIVAS

### 5.1.1 Definição objetiva dos contextos em que o subjuntivo não é usado categoricamente nas orações relativas

A análise quantitativa de todas as orações relativas levantadas exaustivamente nos *corpora* analisados, perfazendo um total de 827 orações, permitiu definir objetivamente os contextos em que as formas do subjuntivo não são categoricamente usadas na gramática das comunidades de fala analisadas.

Na verdade, do total geral de ocorrências, apenas 38 (isto é, cinco por cento do total), como demonstrado na Tabela 11, continham uma forma do subjuntivo. Esse número ainda não é relevante porque, seguindo os procedimentos metodológicos da análise quantitativa variacionista, as ocorrências de contextos representativamente documentados de realização categórica de uma variante devem ser excluídas para a consecução da análise variacionista. Portanto, as frequências brutas iniciais do uso do subjuntivo e do indicativo nas orações relativas são apresentadas na Tabela 11 abaixo.

Tabela 11: Frequência de uso do subjuntivo e do indicativo do total geral de ocorrências das relativas no português afro-brasileiro

VARIANTE	Nº de ocorrências	Frequência
Formas do subjuntivo	38/827	05%
Formas do indicativo	789/827	95%

Destacando em nossa base de dados os contextos em que só ocorreram formas do modo indicativo, podemos afirmar que, nas 28 entrevistas, com um total de 827 ocorrências encontradas de orações relativas, nos seguintes contextos o subjuntivo não é usado categoricamente:

- (1) Orações relativas explicativas, perfazendo um total de 141 orações coletadas nos *corpora*, das quais podemos citar:

1a. ...agora, finado Custódio, *que é meu avô*, parte de meu pai, num conheci não (SubR\_H12).

1b. Valquíria, *que tá aqui*, só andava doente (SubR\_S06).

(2) Orações relativas restritivas com antecedente específico [-genérico], seja ele definido ou indefinido, com cerca de 419 e 317 orações coletadas nos *corpora*, respectivamente. Como exemplos desse contexto, podemos apresentar 2a., 2b., 2c. e 2d. como ocorrências de restritivas com antecedente definido e 2e, com antecedente indefinido.

2a. Eles foi no mes... *nesse mesmo hospital que levaro* o ôtro (SubR\_R04).

2b. eu recebo cento e cinqüenta reais *dos menino que estuda*, do PET (SubR\_S05).

2c. Mas se tá bom, nós tá viveno, só tá ruim pá *os que já morreu*, né? (SubR\_C01).

2d. Nós tinha um... *um curralzim que tinha* uma vaquinha... (SubR\_C12)

(3) Orações relativas que contêm uma afirmação real sobre o antecedente, ou seja, que se referem a um fato, estado ou evento que efetivamente ocorreu ou ocorre. Com relação a este tipo de contexto, coletamos 652 orações nos *corpora*. Abaixo, podemos verificar algumas dessas ocorrências:

3a. ... aí nas parede tava tudo chei'de... de buraco dos tiro *que dero*, aí baliô... baliô ele na perna... (SubR\_R04).

3b. Só 'cê veno o buraquim *que a cabra entrô*... (SubR\_C01).

Podemos dizer que o uso do subjuntivo nesses contextos é agramatical no português afro-brasileiro. Essas construções de uso exclusivo do indicativo coincidem com o padrão da língua portuguesa, uma vez que, segundo Mira Mateus *et al.* (2003), semanticamente, o antecedente de uma oração relativa explicativa, também denominada apositiva, é, por si só, definido. Desse modo, as explicativas apresentam um caráter assertivo, nunca admitindo o emprego do subjuntivo no verbo. Portanto, o emprego desse modo verbal nas orações relativas restringe-se ao contexto de restritivas. Com relação à língua latina,<sup>87</sup> apesar de ser mais limitado o uso do subjuntivo no vulgar, encontramos registros em Maurer Jr. (1959) de que seu uso foi conservado nas relativas restritivas, sendo mantido este emprego também em português.

Por outro lado, Mira Mateus *et al.* (2003) afirmam que se deve empregar também o modo indicativo nas relativas restritivas cujo antecedente apresenta caráter específico; sendo assim, a relativa terá um valor certo, real, como exemplificado nos itens anteriores (2) e (3).

Tendo isso em vista, nas comunidades de fala analisadas, observamos que o uso do subjuntivo se limitava ao seguinte contexto: orações restritivas que contêm uma proposição

<sup>87</sup> Já fizemos menção a este fato no *Capítulo 2: O Modo Subjuntivo: Antecedentes Históricos*.

hipotética ou irreal sobre um antecedente de referência genérica, como podemos observar nos seguintes exemplos retirados dos *corpora*:

- 4a. Se tivesse *um que fizesse assim*, ‘cê não tinha coragem, não é? (SubR\_S01).  
 4b. ...e tinha o cacau, o cacau tinha mais que o guaraná, aí *todo dinheiro que ele pegasse*, ele... de pemêro não, quando tava numa boa mais eu, contente, ele num pegava pa fazê isso não (SubR\_S05).  
 4c. ...porque *cara que não tiver* todo dia na Igreja,não, num... ele não deve ser... eu sei lá (SubR\_S05).  
 4d. *Todos os tipo de verdura que tivé* coloca nos prato, né? (SubR\_C01).

Levando em consideração apenas o contexto definido acima, foram selecionadas apenas 162 ocorrências das 827 encontradas; nesse sentido, a frequência de uso das formas do subjuntivo nas amostras de fala analisadas é da ordem de 23% do total (38 em um total de 162 ocorrências), como se pode ver na Tabela 12:

Tabela 12: Frequência de uso do subjuntivo e do indicativo nas orações relativas do português afro-brasileiro

VARIANTE	Nº de Ocorr./TOTAL	Frequência
Formas do subjuntivo	38/162	23%
Formas do indicativo	124/162	77%

A seguir citaremos algumas ocorrências dessa variável. As sentenças 4e. e 4f. exemplificam o uso das formas do subjuntivo, em contexto de restritiva, enquanto que 4g., 4h., 4i., 4j e 4l. são exemplos do uso das formas do indicativo em lugar do subjuntivo neste contexto:

- 4e. ...ela mesmo fazia a recepção pra que as pessoa *que quisesse* tomá dinheiro... (SubR\_C11).  
 4f. Quando a gente vai tem em quarqué um das casa *que fô*... (SubR\_C09).  
 4g. Se eu topá ôta pessoa *que me dá* assistência e me ajuda é o pai a mesma coisa (SubR\_C06).  
 4h. ...num tem essa *que vai substituí* o lugá da mãe (SubR\_C06).  
 4i. quarqué... quarqué uma coisa assim, né, *que as pessoas acha graça* (SubR\_C01).  
 4j. É difíci i(r) assim alguém *que num usa o chapéu* (SubR\_C01).  
 4l. Eu dei que fazê pra encontrá uma pessoa *que colocava pra mim* (SubR\_C01).

Quanto ao contexto de negativa, de acordo com Mira Mateus *et al.* (1989, p. 110), “(...) a negação é uma operação de modificação que actua sobre os vários tipos de modalidades -



lexicalizadas, proposicionais, ilocutórias e pragmáticas - contrariando-as ou contradizendo-as,” podendo assim modificar a modalidade da predicação. Na verdade, uma proposição, uma vez negada, pode exprimir uma modalidade contrária. Sendo assim, uma afirmativa, de natureza definida e real, seleciona o modo indicativo, ao passo que, quando negada, passa a exprimir um valor irreal ou hipotético, selecionando o subjuntivo, como nos seguintes exemplos:

- a. Existe um carro que passa ali.
- b. Não existe um carro que passe ali.

Pereira (1974), ao analisar as formas do subjuntivo no português sob uma perspectiva gerativista, também preceitua que a negativa contribua para o emprego do subjuntivo, o que é confirmado na pesquisa de Rocha (1997), de cunho sociolingüístico, sobre o uso das formas subjuntivas no português urbano, que demonstra que esse modo do verbo é favorecido quando surge um elemento de negação na oração matriz, bem como quando as declarativas são negadas.

No entanto, nas comunidades afro-brasileiras por nós estudadas, contrariando o que afirma a tradição gramatical e o que foi afirmado por Pereira (1974) e Rocha (1997) é freqüente o uso do indicativo ao invés do subjuntivo em contextos de negação. Observe os exemplos abaixo:

- ... *num* tem aquele que *num* pensa a vida (SubR\_C06).
- ... *num* tinha um carro que *saía*, *nem* entrava (SubR\_C06).
- ... Aqui no Planalto *não* tem um que *tem* minha idade (SubR\_C10).
- ...a gente não vá com medo, que hoje *num* tem esse que *vai* pegá capital dos ôto e *num* tem medo... (SubR\_C06).

Além disso, é de regra empregar o subjuntivo nas relativas que estejam “(...) associadas a uma modalidade de carácter contrafactual (...)” (MIRA MATEUS *et al.*, 2003, p. 670); entretanto, nossos dados não estão de acordo com essa regra da tradição gramatical, uma vez que observamos constantemente o uso do indicativo nesse contexto. Atentemos para os seguintes exemplos:

- ...as comida que *num* dava pá comê, *num* podia comê (SubR\_C09).
- ...se for mandioca braba que *num* dá farinha pá comê *num* faz (SubR\_C09).

### 5.1.2 As variáveis lingüísticas

Para a análise do encaixamento lingüístico e social do uso do subjuntivo nas orações relativas, foram propostas 11 variáveis: seis variáveis da estrutura da língua e cinco variáveis da estrutura social. Na quantificação dos dados, tivemos de amalgamar alguns dos fatores dessas variáveis em função do número reduzido de ocorrências. O VARBRUL selecionou com nível de significância .044 quatro variáveis, sendo três lingüísticas e uma social. Analisaremos assim os resultados obtidos. A ordem das variáveis lingüísticas e extralingüísticas selecionadas foi:

- (i) Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação;
- (ii) Tempo do subjuntivo previsto no uso culto;
- (iii) Morfologia verbal;
- (iv) Estada fora da comunidade.

#### 5.1.2.1 Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação

O Programa das Regras Variáveis (VARBRUL) selecionou como estatisticamente relevante a variável *localização temporal do evento expresso na oração relativa*. Como podemos ver, a partir dos resultados da Tabela 13, o uso do subjuntivo é largamente favorecido quando o evento referido na relativa se localiza em um momento posterior ao momento da ilocução, confirmando assim a nossa hipótese (cf. 4.5.1.1.5).

Tabela 13: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a *localização temporal do evento expresso na oração relativa*

Nível de Significância: .044)

LOCALIZAÇÃO TEMPORAL	nº de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Posterior à ilocução	17/31	61%	.93
2. Simultaneamente à ilocução	09/38	13%	.36
3. Anterior à ilocução	12/66	15%	.37
TOTAL	38/135	28%	

Com o intuito de evitar a superposição com a variável *tempo previsto no uso culto* (cf. 5.1.2.2), os pesos relativos apresentados aqui são provenientes de uma rodada sem esta variável. Então, podemos verificar que há certa consistência entre os pesos relativos e valores percentuais no sentido de que o uso do subjuntivo é desfavorecido quando os eventos referidos são anteriores ou simultâneos ao momento da ilocução. Isso se ajusta ao valor semântico do subjuntivo, que se relaciona a eventos hipotéticos e irreais, que, por sua vez, abarcam também uma referencialidade posterior ao momento da enunciação. De fato, esse plano do *irrealis* está mais diretamente ligado ao futuro do que ao presente e ao passado; na verdade, os eventos que se situam no futuro são objetivamente irreais, por maior que seja a certeza do falante em face da sua realização.

Apresentaremos abaixo exemplos dessas ocorrências: em 5a. podemos observar que o evento expresso na relativa é anterior ao momento da enunciação, em 5b temos o futuro para marcar o tempo desse evento e em 5c podemos verificar a simultaneidade entre o tempo da relativa e o momento da enunciação:

- 5a. ... as comida *que num dava* pá comê, num podia comê (SubR\_C09).  
 5b. Quando a gente vai tem em quarqué um das casa *que fô...* (SubR\_C09).  
 5c. É difíci i(r) assim alguém *que num usa* o chapéu (SubR\_C01).

### 5.1.2.2 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

Podemos dizer que são em menor número os tempos verbais do subjuntivo quando comparados com os do indicativo. Sendo assim, são divididos em simples e compostos, com três tempos cada um, totalizando seis, assim distribuídos: Presente, Imperfeito e Futuro e, suas respectivas formas compostas, Pretérito perfeito, Pretérito mais-que-perfeito e Futuro.

Tomando por base o uso culto, o subjuntivo no português afro-brasileiro é mais usado nos contextos em que o uso culto prevê as formas do futuro e do imperfeito, como podemos verificar na Tabela 14 abaixo.

Tabela 14: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a *forma prevista na norma culta*

(Nível de Significância: .044)

<b>FORMA PREVISTA NO USO CULTO</b>	<b>nº de oc./Total</b>	<b>Freq.</b>	<b>P.R.</b>
1. Futuro do Subjuntivo	17/31	55%	.52
2. Imperfeito do Subjuntivo	09/38	24%	.81
3. Presente do Subjuntivo	12/66	18%	.30
TOTAL	38/135	28%	

Podemos notar em nossos resultados que há uma inversão nos pesos relativos em relação aos valores percentuais da frequência. Esse inviesamento dos pesos relativos do futuro e do imperfeito do subjuntivo deve-se a uma superposição dos grupos de fatores *forma verbal prevista no uso culto e localização temporal do evento expresso na oração relativa*. Nesta última variável, que foi a primeira selecionada pelo VARBRUL, o fator evento situado num momento posterior ao momento da ilocução favoreceu em muito o uso das formas do subjuntivo. Como todos os contextos de uso do futuro referem-se a eventos posteriores ao momento da ilocução, quando se deu o cruzamento dessas duas variáveis, o programa reduziu drasticamente o peso do futuro, aumentando o peso do subjuntivo, o que explica o inviesamento dos pesos relativos desses dois fatores. Para corrigir essa distorção, foi feita uma rodada só com o *tempo previsto no uso culto*, sem a variável *localização temporal do evento referido*. Os resultados são apresentados na tabela seguinte.

Tabela 14a: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a *forma prevista na norma culta* (sem superposição)

(Nível de Significância: .000)

FORMA PREVISTA NO USO CULTO	n.º de oc./Total	Freq.	P.R.
1. Futuro do Subjuntivo	17/31	55%	.78
2. Imperfeito do Subjuntivo	09/38	24%	.46
3. Presente do Subjuntivo	12/66	18%	.38
TOTAL	38/135	28%	

Corrigida a distorção observada na tabela anterior, obtemos pesos relativos consistentes com as frequências de uso. Observamos, assim, que o grande favorecedor do uso das formas do subjuntivo é o futuro, enquanto o imperfeito fica um pouco abaixo da média geral de uso (24% contra 28%, do geral), desfavorecendo ligeiramente o emprego do subjuntivo (p.r. de .46). O contexto de presente é aquele que mais desfavorece o uso desse modo verbal.

Segundo Mattoso Câmara (1979), não existia o tempo futuro do subjuntivo no latim vulgar. Assim, o tempo futuro se originou de formas flexionais volitivas e subjuntivas e, a partir daí, desenvolveu-se um futuro modal, que conduziu às línguas românicas a um futuro temporal. Diante disso, concordamos com Lyons (1979), quando este afirma que o caráter modal do tempo futuro, existente desde o latim, atua no futuro temporal das línguas românicas. No entanto, discordamos de Pimpão (1999), que defende que a noção de futuridade, desencadeada pelo tempo presente, favorece o uso do subjuntivo e não o valor nocional de irrealidade.

A partir dos nossos resultados, podemos afirmar que o uso do subjuntivo em comunidades afro-brasileiras é favorecido pelo tempo futuro (55%) e não pelo tempo presente (18%). Isso pode ser explicado da seguinte maneira. A idéia de projeção futura desencadeada pelo tempo futuro pode se relacionar com o traço *irrealis*, na medida em que o futuro indica apenas uma suposição, hipótese ou, como afirma Mattoso Câmara (2002a [1970]), o tempo futuro, assim como o pretérito mantêm uma oposição em orações que designam uma condição prévia do que será dito, pois um evento futuro sugere que poderá acontecer ou não. Nesse sentido, as formas do futuro em sua grande maioria coincidem com as formas do infinitivo, o que facilitaria a sua aquisição. Já o imperfeito e o presente, que apresentam morfemas exclusivos, seriam mais lentamente incorporados ao uso da comunidade de fala. E, entre esses dois, as formas do imperfeito levariam vantagem por apresentarem um morfema foneticamente mais saliente e regular, o *-sse-* (que possui o padrão silábico CV). Por outro lado, a alternância da vogal temática que marca as formas do presente do subjuntivo seria a de mais difícil aquisição, o que nos leva a crer que a forma de futuro foi facilmente adquirida pelos falantes no processo de TLI, desencadeado pelo

contato entre línguas e isso está em conformidade com os nossos resultados, uma vez que observamos em nossos dados um peso relativo de .78 no uso do subjuntivo no tempo futuro e de .46 e .38 para, respectivamente, os tempos imperfeito e presente.

Tendo em vista apenas as formas do imperfeito e do presente, esperávamos, tomando como base o princípio da saliência fônica, que aquelas fossem as favorecedoras do uso do subjuntivo, o que pode ser confirmado em nossos resultados, já que encontramos um peso relativo de .46 para uso das formas do tempo imperfeito e de .38 para o uso do presente. Verificamos assim a aplicação do princípio da saliência fônica e, dessa forma, defendemos que no processo de aquisição da norma culta, os falantes das comunidades de fala analisadas tendem a usar inicialmente a forma de subjuntivo que se assemelha às outras formas de nossa língua e, em outro sentido, os falantes adquirem as formas de subjuntivo em que o material fônico é mais perceptível, pois nos ambientes em que o material fônico é menos saliente o uso de subjuntivo foi menor.

Pimpão (1999) apresenta um total de 82% de uso de subjuntivo no tempo presente, resultado totalmente distinto ao das comunidades afro-brasileiras, em que encontramos para o tempo presente apenas 18%. Acreditamos que essas comunidades adquiriram mais facilmente, no processo de TLI, as formas do tempo futuro por coincidirem com as formas do infinitivo; por outro lado, nos grandes centros, o alto índice de uso da forma do tempo presente pode ser explicado pelo fato de nesses meios haver a difusão do padrão culto através dos meios de comunicação e da escolarização.

Essa diferença de frequência no uso do subjuntivo entre comunidades afro-brasileiras e o meio urbano, bem como diferenças também nesse sentido encontradas em outros estudos (cf. Lucchesi, 2000; Silva, 2003) sobre o português afro-brasileiro, pode nos revelar a existência de gramáticas distintas em uso nos variados contextos sociais. Dessa forma, a gramática do português afro-brasileiro apresenta normas que a distingue da gramática do português urbano.

Observemos os seguintes exemplos referentes à variável *tempo do subjuntivo previsto no uso culto*:

6a. ...tudo *que a gente tivé*, assim, a gente leva... (SubR\_H01).

6b. ...tua ex- mullhé pode chegá aqui pa conversá comigo... *quarqué uma coisa que precisá*, eu sô mulé pa emprestá (SubR\_S12).

6c. ...num tinha aqueles trem de fe, aqueles tá assim...aquele trem *que a gente passasse* no ININT (SubR\_C08).

- 6d. ...e tinha o cacau, o cacau tinha mais que o guaraná, aí todo dinheiro *que ele pegasse*, ele... de pemêro não, quando tava numa boa mais eu, contente, ele num pegava pa fazê isso não (SubR\_S05).  
 6e. E hoje, graças a Deus, tem tudo em qualquer lugar *que 'cê chegue* (SubR\_C03).  
 6f. Uma quantidadzinha *que dê* pra... num compra mais maior quantidade que o dinheiro não dá (SubR\_S05).

Em 6a. e 6b., temos exemplos das ocorrências de formas do futuro que apresentaram a maior percentagem (55%) de uso em relação às formas do imperfeito, com 24% (cf. exemplos 6c. e 6d.) e às formas do presente (cf. exemplos 6e. e 6f.) com a menor percentagem (18%).

Do ponto de vista das variantes em jogo, enquanto as formas do imperfeito do subjuntivo estão em variação com as formas do pretérito imperfeito do indicativo (cf. exemplos 7a. e 7b.), as formas do futuro e do presente do subjuntivo estão em variação com as formas do presente do indicativo (cf. exemplos 7c., 7d. e 7e.), o que podemos verificar nas seguintes ocorrências dos *corpora*:

- 7a. ...eu dei que fazê pra encontrá uma pessoa *que colocava* pra mim (SucR\_C01).  
 7b. ... num tinha um carro *que saia, nem entrava* (SubR\_C06).  
 7c. É difíci i(r) assim alguém *que num usa* o chapéu (SubR\_C01).  
 7d. ... num tem aquele *que num pensa* a vida (SubR\_C06).  
 7e. Eu tei que fazê todo mundo a ri(r) ...ININT... qualquer... qualquer uma coisa assim, né, *que as pessoas acha graça* (SubR\_C01).

Segundo Wherritt (199-? *apud* FARIAS, 2005, p. 50), há duas fases no processo de aquisição das formas de subjuntivo:

- a) uma em que o subjuntivo é adquirido na comunidade por meio do *input*, por exemplo, o aparecimento do futuro do subjuntivo em orações adjetivas, com conectivos como 'se', 'como se', 'quando', 'onde' e depois de palavras que indicam incerteza; b) outra que é adquirida por meio da educação formal, em que aparece o uso do subjuntivo nas orações adjetivas (no presente e no pretérito) e em orações substantivas introduzidas por conjunções diferentes das mencionadas acima.

Tomando como base as comunidades de fala analisadas, podemos encaixá-las nessa primeira fase, uma vez que as formas do futuro podem ter sido adquiridas pelo *input* no processo de TLI. Por outro lado, isso também explicaria o uso do tempo presente pelos falantes do português urbano, uma vez que estes, mesmo que muitos não passaram por uma educação formal, mantêm sempre contato com os meios difusores da norma culta.

Seja como for, visamos a realizar pesquisas sobre o uso do subjuntivo em comunidades rurais e urbanas, pois apenas nesse sentido poderemos apresentar dados dos diferentes contextos, comparando-os, a fim de precisar as etapas do processo de aquisição das formas do subjuntivo na realidade lingüística brasileira.

### 5.1.2.3 Morfologia Verbal

A variável *morfologia do verbo* caminha também na direção do processo de variação e foi a terceira variável selecionada pelo programa. Esperávamos que, por influência da saliência fônica, ou seja, do material fonético envolvido na diferença entre a forma do subjuntivo nos verbos regulares e irregulares, fosse mais empregada a marca de subjuntivo nestes. No entanto, os verbos regulares favorecem mais o uso das formas do subjuntivo do que os verbos irregulares, como podemos verificar na Tabela 15:

Tabela 15: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a *morfologia flexional do verbo*

(Nível de Significância: .044)

<b>FLEXÃO VERBAL</b>	<b>Nº de oc./Total</b>	<b>Freq.</b>	<b>P.R.</b>
1. Regular	14/50	28%	.66
2. Irregular	24/112	21%	.42
TOTAL	38/162	23%	

Os resultados apontam no sentido de que a regularidade favorece mais a aquisição das formas do subjuntivo do que a saliência fônica, que favoreceria o uso das formas irregulares. Desse modo, podemos perceber a partir dos resultados que o princípio da saliência fônica não teve sua aplicação confirmada pelos dados, não contribuindo para a aquisição das marcas de subjuntivo. Essa realidade pode ser explicada da seguinte forma: Levando em consideração o fato de que o futuro teve um maior percentual de uso nessas comunidades rurais (55%), com um peso relativo de .78 e de que as formas desse tempo verbal coincidem com as formas do infinitivo, o emprego das marcas de subjuntivo nos verbos regulares também coincide com as marcas de futuro e de infinitivo, o que teria facilitado o processo de aquisição por parte dos falantes. As ocorrências 8a. e 8b. são exemplos do uso do subjuntivo em verbos regulares, ao passo que 8c., 8d. e 8e. exemplificam o não uso desse modo em verbos irregulares.



8a. ...e tinha o cacau, o cacau tinha mais que o guaraná, aí todo *dinhêro que ele pegasse*, ele... de pemêro não, quando tava numa boa mais eu, contente, ele num ...pegava pa fazê isso não (SubR\_S05).

8b. Mas a criação *que 'ocê... 'ocê sustentá* na mão, 'cê é obrigado tê a mandioca (SubR\_C12).

8c. ...as comida *que num dava* pá comê, num podia comê (SubR\_C09).

8d. Às vezes pode tê alguma *pessoa que sabe*, né? (SubR\_C01).

8e. Se eu topá ôta pessoa *que me dá* assistência e me ajuda é o pai a mesma coisa (SubR\_C06).

#### 5.1.2.4 Conclusão da análise das variáveis lingüísticas

Por meio da análise das variáveis lingüísticas, observamos quais os fatores estruturais estão agindo na determinação do uso do subjuntivo pelos falantes de quatro comunidades afro-brasileiras.

O programa não selecionou como relevantes as seguintes variáveis lingüísticas: tipo de oração relativa, nível de referência do antecedente e nível de realidade da predicação contida na oração relativa.

Tendo como base nossos dados, percebemos que o subjuntivo, nas comunidades de fala analisadas, tende a ser mais favorecido em orações relativas cujo evento se localiza em um momento posterior ao momento da ilocução. Comprovamos ainda que a aplicação das formas de subjuntivo tende a ocorrer quando a relativa é usada no tempo futuro, o que se explica pelo fato de as formas desse tempo verbal coincidirem com a forma do infinitivo, facilitando, assim, o processo de aquisição por parte dos falantes. Por outro lado, quando comparamos os resultados dos tempos imperfeito e presente, observamos a aplicação do princípio da saliência fônica, já que foi registrado maior frequência de uso de subjuntivo nas situações lingüísticas em que a diferença de material fonético na oposição indicativo/subjuntivo é mais perceptível. Analisando a morfologia do verbo, constatamos que o uso de verbos regulares nas relativas influencia o uso do subjuntivo. Na verdade, o material fônico envolvido na diferença entre verbos regulares e irregulares desfavorece o uso do subjuntivo, uma vez que os verbos irregulares, em contextos em que se deveriam empregar o subjuntivo, contribuem para diminuir a possibilidade de emprego desse modo do verbo. Assim, não encontramos fundamento, tendo em vista essa variável, para a questão da saliência fônica com relação ao subjuntivo nas relativas, o que pode ser explicado pela

alta frequência de uso do subjuntivo no tempo futuro, cujas formas se assemelham às formas do infinitivo dos verbos regulares.

A fim de verificarmos as diferenças entre o português afro-brasileiro e o português urbano, procuramos, na medida do possível, comparar os nossos resultados a outras pesquisas realizadas com a mesma variável dependente no meio urbano. Acreditamos que é necessário desenvolver mais estudos sobre o uso do subjuntivo na realidade lingüística brasileira. Nesse sentido, temos como objetivo desencadear pesquisas sobre o uso desse modo verbal em comunidades rurais e urbanas, pois só assim nos será possível, a partir da comparação dos resultados, descrever o uso do subjuntivo no português do Brasil.

### **5.1.3 As variáveis sociais**

Postulamos cinco variáveis sociais para análise (sexo, faixa etária, estada fora da comunidade, nível de escolaridade e comunidades rurais), sendo que, no *Capítulo 4: Procedimentos Metodológicos*, tivemos a oportunidade de descrever as hipóteses de favorecimento de uso do subjuntivo correspondentes a cada variável. Gostaríamos de registrar que, em virtude das comunidades estudadas não apresentarem diferenças tão acentuadas de classe econômica, decidimo-nos por não nos servir dessa variável.

Com relação à variável *comunidade*, consideramos necessário distinguir entre as quatro comunidades afro-brasileiras (duas que estão mais sujeitas à influência externa e duas, cujo contexto era de origem quilombola ou que se registrou vestígios de fala crioulezada) a que apresentava o maior peso relativo no uso do subjuntivo nas relativas. No entanto, este item não foi considerado significativo pelo programa, o que não nos impede de tecer alguns comentários sobre esta variável.

As comunidades de Rio de Contas, devido à estrutura turística propiciada pela região da Chapada Diamantina, não apresenta uma história de isolamento tão acentuada quanto à comunidade de Cinzento. Como podemos verificar na Tabela 16, Rio de Contas apresentou o maior índice de uso do subjuntivo (31%), ficando um pouco acima da média geral, ao passo que registramos em Cinzento o menor índice (18%). Em Sapé foi registrado um total de 28% de uso

do subjuntivo, o que poderia ser explicado pelas alterações na estrutura social, propiciadas pela difusão dos meios de comunicação, como a televisão. Helvécia está praticamente na média geral de uso do subjuntivo (24%). Dessa forma, o contato com padrões lingüísticos propiciados pelo turismo em Rio de Contas e pelos meios de comunicação em Sapé podem ser responsáveis pela modificação na estrutura lingüística, influenciando variações e/ou mudanças no sentido da norma urbana culta. Observemos a tabela abaixo:

Tabela 16: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro em cada comunidade de fala

<b>FORMA PREVISTA NO USO CULTO</b>	<b>Nº de ocorrências/Total</b>	<b>Frequência</b>
1. Rio de Contas	09/29	31%
2. Sapé	08/29	28%
3. Helvécia	09/37	24%
4. Cinzento	12/67	18%
TOTAL	38/162	23%

Como podemos ver, Cinzento é a comunidade que apresenta o menor índice de uso do subjuntivo e, como já dissemos anteriormente, a história dessa comunidade está relacionada com uma origem quilombola, o que a distingue das demais. Nesse sentido, Cinzento “(...) foi fundada por negros fugidos que se lançaram por uma terra desconhecida, de difícil acesso, com poucas oportunidades de bem estar, distante do centro comercial, carente de infra-estrutura” (SILVA, 2003, p. 177).

É importante ressaltar que não há para essa variável pesos relativos porque este grupo não foi selecionado pelo Programa das Regras Variáveis; além disso, temos de deixar claro que o número de ocorrências de contextos de subjuntivo nessas comunidades de fala foi muito reduzido, o que poderia ter influenciado a não seleção das variáveis sociais. Por isso, ensejamos ampliar a nossa pesquisa, fazendo uso dos dados referentes a contextos de completivas, relativas e advérbias com o intuito de descrever a realidade do subjuntivo no português afro-brasileiro. Ao lado disso, temos ainda como objetivo desenvolver pesquisas sobre o uso do subjuntivo em comunidades rurais e urbanas, de forma a compararmos os dados para termos resultados mais confiáveis sobre as variáveis sociais e lingüísticas.

O VARBRUL selecionou como significativa apenas a variável *estada fora da comunidade*, as demais foram descartadas pelo programa. Mesmo assim, gostaríamos de tecer algumas considerações acerca das variáveis *sexo* e *nível de escolaridade*, buscando apontar as razões pelas quais elas não foram selecionadas. Discutiremos inicialmente a variável *estada fora da comunidade*, pois foi a única variável social não descartada pelo VARBRUL.

### 5.1.3.1 Estada fora da comunidade

Das variáveis sociais, o VARBRUL só selecionou como estatisticamente relevante a *estada fora da comunidade*, confirmando os valores das frequências absolutas, como podemos visualizar na Tabela 17:

Tabela 17: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a variável social *estada fora da comunidade* (pelo menos seis meses)

(Nível de Significância: .044)

<b>ESTADA FORA DA COMUNIDADE</b>	<b>nº de oc./Total</b>	<b>Freq.</b>	<b>P.R.</b>
1. Não	28/92	30%	.69
2. Sim	10/70	14%	.26
TOTAL	38/162	23%	

Esses resultados contrariam a expectativa, pois aqueles que não saíram da comunidade usam mais o subjuntivo do que aqueles que já viveram fora da comunidade. Entretanto, devemos salientar que, com um número de ocorrências tão baixo como o que se obteve nos *corpora* analisados, dificilmente poderíamos chegar a resultados confiáveis no plano das variáveis sociais. Portanto, vale frisar que é necessário ampliar a nossa variável dependente, estudando também o uso do subjuntivo nas orações adverbiais, observando contextos com a partícula *talvez*, com o intuito de abranger todos os contextos de ocorrência do subjuntivo e chegar assim a resultados também mais abrangentes a respeito do encaixamento social do uso do subjuntivo no português afro-brasileiro.

### 5.1.3.2 Sexo

Os papéis dos homens e das mulheres são diferentes em comunidades rurais. As mulheres, de forma geral, têm seus afazeres distribuídos entre os trabalhos domésticos e da roça, sendo mais propensas a permanecer na comunidade. Os homens, ao contrário, constantemente, vão à cidade, responsabilizam-se pelo comércio e mantêm um maior contato com outros grupos sociais.

Diante disso, esperávamos que os homens usassem mais as marcas de subjuntivo do que as mulheres, pois este foi considerado por nós o traço mais inovador da comunidade. Na verdade, a hipótese é de que os homens tendem a ser mais inovadores por manterem mais contato com outros grupos sociais e as mulheres, mais conservadoras. No entanto, rompendo com nossa expectativa, nossos resultados apontam para um maior percentual de uso do subjuntivo pelas mulheres (33%), enquanto os homens são responsáveis por um total de 17% de uso desse modo verbal. Observe a tabela 18.

Tabela 18: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a variável *sexo*

<b>SEXO</b>	<b>n.º de ocorrências/Total</b>	<b>Frequência</b>
1. Mulheres	21/64	33%
2. Homens	17/98	17%
TOTAL	38/162	23%

Achamos interessante que, trabalhando com o português urbano, Pimpão (1999) também obteve resultado inverso ao esperado no uso do subjuntivo pelos homens e pelas mulheres. A tendência nos grandes centros urbanos é de que as mulheres sejam mais conservadoras (no sentido de conservar a norma de prestígio, portanto, o emprego do subjuntivo) e os homens mais inovadores, o que vai de encontro à hipótese sobre a variável *sexo* atribuída às comunidades rurais. Contudo, os resultados demonstraram um peso relativo de .36 para o uso do modo subjuntivo pelas mulheres e de .65 pelo sexo masculino, o que também contraria as expectativas

sobre essa variável no meio urbano e não se iguala aos nossos resultados em comunidades rurais afro-descendentes.

A explicação para esses dados pode estar no número reduzido de ocorrências levantadas nos *corpora* analisados, o que não nos permite chegar a resultados confiáveis. Além disso, ainda são incipientes os estudos sobre a realidade lingüística brasileira. De fato, as fontes teóricas da sociolingüística são norte-americanas e ainda nos baseamos muito nelas. Por outro lado, muitos lingüistas brasileiros ainda não encaram o PB como uma realidade bipolar: de um lado, o português urbano e, de outro, temos o português rural, incluindo neste o afro-brasileiro. Cada uma dessas realidades apresenta características e normas próprias. Daí podermos citar a seguinte afirmação de Paiva (2004, p. 39-40):

É necessário cuidado para não tomar como fatos indicações que só podem ser interpretadas no plano simbólico. O fato de as mulheres se revelarem lingüisticamente mais conservadoras ou mais orientadas para variantes de prestígio em algumas comunidades de fala pode ser, em grande parte, resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala.

### 5.1.3.3 Nível de Escolaridade

Apesar de o programa ter descartado a variável *nível de escolaridade*, achamos conveniente apresentar algumas experiências por nós vividas em nosso trabalho de campo.

Tivemos a oportunidade de manter um maior contato com os falantes de Cinzento e nessa comunidade observamos que o papel da escola é muito diferente do que verificamos nos grandes centros. Na verdade, a educação formal e normatizadora da escola se resumem a transmitir precariamente alguns conceitos básicos da tradição gramatical, o que nos leva a supor que não se trabalhe com noções referentes aos modos verbais. Além disso, freqüentemente a diferença entre os falantes analfabetos e semi-analfabetos diz respeito apenas à questão de saber assinar o nome e de fazer algumas leituras. Estas são também feitas nas missas a partir de textos bíblicos.

O VARBRUL não selecionou a variável *nível de escolaridade*. Os resultados demonstraram que os analfabetos usam mais o subjuntivo do que os semi-analfabetos, mas, como já dissemos anteriormente, não há uma diferença tão acentuada em termos de normas gramaticais

transmitidas entre analfabetos e semi-analfabetos, o que pode explicar essa inversão da expectativa inicial, como podemos ver nos resultados da Tabela 19:

Tabela 19: O uso do subjuntivo nas orações relativas no português afro-brasileiro segundo a variável *nível de escolaridade*

<b>NÍVEL DE ESCOLARIDADE</b>	<b>n.º de ocorrências/Total</b>	<b>Frequência</b>
1. Analfabetos	22/83	27%
2. Semi-Analfabetos	16/79	20%
TOTAL	38/162	23%

Portanto, a conclusão mais razoável a que se pode chegar diante desses resultados é a de que a escolarização precária do meio rural não parece interferir nos padrões de uso do subjuntivo entre os membros dessas comunidades de fala.

#### 5.1.3.4 Conclusão da análise das variáveis sociais

Seja como for, as variáveis sociais apresentaram uma distribuição contrária a todas as expectativas, fundadas nas análises sociolinguísticas, que têm sido feitas sobre essas comunidades afro-brasileiras isoladas no âmbito do projeto Vertentes. Os mais jovens foram os que menos exibiram as formas do subjuntivo, enquanto as mulheres, bem como os analfabetos e os que nunca saíram da comunidade exibiram os maiores índices de uso do subjuntivo. Não podemos perder de vista que, com a quantidade de ocorrências tão baixas, não podemos chegar a conclusões definitivas a respeito do uso do subjuntivo nas comunidades de fala analisadas. Acreditamos que esses resultados se modificarão quando acrescentados os resultados referentes ao uso do subjuntivo em contexto de adverbial e com a partícula *talvez*; portanto, objetivamos desenvolver pesquisas nessas comunidades afro-brasileiras com mais essa variável com o intuito de chegar a resultados mais esclarecedores.

## 5.2 A ANÁLISE DOS DADOS DAS COMPLETIVAS

### 5.2.1 Definição objetiva dos contextos em que o subjuntivo não é usado categoricamente nas orações completivas

A análise quantitativa de todas as orações completivas levantadas exaustivamente nos *corpora* analisados, perfazendo um total de 858 ocorrências, permitiu definir objetivamente os contextos em que as formas do subjuntivo não são categoricamente usadas na gramática das comunidades de fala analisadas.

Sendo assim, do total geral de ocorrências, apenas 23 (isto é, três por cento do total), continham uma forma do subjuntivo, como podemos verificar no Tabela 20. Esse número ainda não é relevante porque, seguindo os procedimentos metodológicos da análise quantitativa variacionista, as ocorrências de contextos representativamente documentados de realização categórica de uma variante devem ser excluídas para a consecução da análise variacionista.

Tabela 20: Frequência de uso do subjuntivo e do indicativo do total geral de ocorrências das completivas no português afro-brasileiro

VARIANTE	Nº de ocorrências	Frequência
Formas do subjuntivo	23/858	03%
Formas do indicativo	835/858	97%

Observe alguns exemplos de uso do indicativo em contextos de subjuntivo:

Ah, eu num quero *que mulhé minha fica* atrás de eu não (SubC\_S05).  
 ...e se ela vem na nova, a gente espera, a gente espera *qu'ela vem* naquele mesmo...  
 naquela mesma base, né, é por isso qu'a gente tá visano, né? (SubC\_C06).

Os contextos em que o subjuntivo não é usado categoricamente nos *corpora* analisados foram definidos em função do *tipo de verbo em que a completiva está encaixada* e da *avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva*.



Quanto ao *tipo de verbo em que a completiva está encaixada*, o subjuntivo não foi usado categoricamente nos *corpora* analisados nos seguintes contextos:

(1) Orações selecionadas por verbos declarativos (do tipo *dizer, falar, contar* etc.),<sup>88</sup> com um total de 350 orações coletadas. Observe os exemplos dessas ocorrências:

- 1a. ...aí com sete dia ele retornô de novo, que já tinha recuperado. Aí diz *ele que tá recuperano* (SubC\_C01).
- 1b. Elas disse *que de caminhão elas num anda nunca* (SubC\_C01).
- 1c. ...que ela tá soffreno, num teve nada, fâlô *que tem aqui*, ela tá boa! (SubC\_H22).

(2) Orações selecionadas por verbos perceptivos (do tipo *ver, ouvir, notar* etc.), das quais coletamos 57 orações nos *corpora*:

- 2a. Isso é pra *vê se eu aprendo* ainda alguma coisa (SubC\_C01).
- 2b. tu puxa a... as corrêa do reladô que é po mode *vê se tá nivelado* (SubC\_C06).
- 2c. o senhô ía *vê que nós já tá* pra lá desse pé-de-banana... (SubC\_H13).

Quanto ao *nível de realidade do evento referido*, o subjuntivo não foi usado categoricamente nos *corpora* analisados nos seguintes contextos:

(3) Em oração completiva que se refere a um evento efetivamente ocorrido, com um total de 341 ocorrências coletadas, como podemos observar nos seguintes exemplos:

- 3a. Eu sei *que nós morô* nessa casa lá, nós mesmo morô negócio de uns vinta ano, por aí. Aí eu me casê, minha irmã casô, ficô ele e minha mãe (SubC\_C06).
- 3b. Sei *que já saiu* foi mutcho... ôtro lugá que tá rolano é Lagoa de Água. (SubC\_C09).
- 3c. Eles disse *que deu derrame* (SubC\_H01).

(4) Em oração completiva que se refere a um evento pressuposto pelo falante. Com relação a esse tipo de contexto, foi coletado um total de 425 orações, como podemos exemplificar abaixo:

- 4a. ... você sabe *que assim num show assim sempre as mulê gosta de ficá gritano*, né... (SubC\_C01).
- 4b. ... eu acho *que essa criação de hoje tá muito diferente* das criação nossa! (SubC\_H07).
- 4c. ...diz eles *que tá tudo limpo*, que pessoá alimpô eucalipe tudo (SubC\_H04).

Em princípio, podemos dizer que o uso do subjuntivo nesses contextos é agramatical no português afro-brasileiro. Entretanto, esses contextos de uso exclusivo do indicativo não coincidem com o padrão da língua portuguesa, pois é possível o emprego variável do modo

<sup>88</sup> Mira Mateus *et al.* (2003) citam ainda, com relação aos verbos declarativos, os chamados *declarativos de ordem*, do tipo *dizer, ordenar, suplicar, rogar*, que, por sua vez, selecionam o modo subjuntivo na completiva. Em nossa codificação, incluímos este tipo de verbo nos verbos causativos, como *mandar, deixar, impedir* etc., já que ambos tendem a denotar uma idéia de ordem e pedido sobre o evento referido.

subjuntivo quando a completiva é selecionada por verbos declarativos em orações negativas, como se pode ver nos seguintes exemplos:

Não que eu fale que isso seja verdade.  
 Não estou dizendo que esteja ruim.

Esse uso variável do subjuntivo em orações completivas subcategorizadas por verbos declarativos se confirmou na aplicação da intuição da analista nas frases de nossa base de dados, que indicou o uso de formas do subjuntivo em três por cento do total de ocorrências desse contexto, dentre as quais destacamos as seguintes:

5a. É dessa maneira e *ninguém fala* que *acontece* disso aqui no sertão (SubC\_C06).  
 5b. *Né pra dizê* que *é* fácil ficá aí juntano dinheiro não (SubC\_C09).  
 5c. Ela num reagiu... ela num faz nada não. Ela fica quietinha, só quem conversa é eu. Ela aí *num vai dizê* que eu *tô* errada (SubC\_S05).

Tomando por base essas orações retiradas dos *corpora* analisados, podemos perceber que no uso culto é possível o emprego do modo subjuntivo nesses casos, como exposto abaixo:

5a'. É dessa maneira e ninguém fala que **aconteça** disso aqui no sertão (SubC\_C06).  
 5b'. Né pra dizê que **seja** fácil ficá aí juntano dinheiro não (SubC\_C09).  
 5c'. Ela num reagiu... ela num faz nada não. Ela fica quietinha, só quem conversa é eu. Ela aí num vai dizê que eu **esteja** errada (SubC\_S05).

Portanto, diferentemente do que ocorreu com o uso do subjuntivo nas relativas, o padrão de uso categórico do subjuntivo nas completivas não coincidiu com o padrão do uso culto nem com o prescrito pela tradição gramatical. Passemos, então, à análise dos fatores que condicionaram o uso variável do subjuntivo nas orações completivas na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia.

### 5.2.2 As variáveis lingüísticas

O uso do subjuntivo nas orações completivas revelou-se bastante reduzido no *corpus* analisado, mesmo tomando-se por base o uso culto. Nos *corpora* de 858 orações completivas, a intuição de falante nativo da analista indicou o uso do subjuntivo em apenas 99 ocorrências, 12% do total. Só foram indicados o uso do presente e do imperfeito do subjuntivo, não se registrando contexto de uso do futuro desse modo verbal.

Retirando-se as ocorrências dos contextos em que o subjuntivo não é usado categoricamente nas comunidades de fala analisadas, restaram apenas 80 orações de contextos variáveis de uso do subjuntivo em orações completivas. A base de dados restante ficou bastante reduzida, não possibilitando a obtenção de resultados consistentes no nível da análise probabilística do Programa das Regras Variáveis – VARBRUL. Por isso, os resultados apresentados serão baseados apenas na frequência relativa expressa nos resultados percentuais.

Tendo isso em vista, do total de 80 ocorrências de orações completivas dessa base de dados, foram registradas apenas 23 ocorrências de formas do subjuntivo, o que corresponde a praticamente trinta por cento do total. Comparando-se com o uso do subjuntivo na norma culta do PB (com base na intuição da analista), tendo por universo de observação esse conjunto de 80 orações, chegamos a um resultado significativo, pois a indicação do uso do subjuntivo atingiu 78 orações, o que corresponde a quase 98% do total. Portanto, o uso do subjuntivo na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras é mais do que três vezes menor do que o que se observa na norma culta. Esse resultado confirma a idéia de uma redução na morfologia flexional dessa variedade afro-brasileira do PB em função do contato entre línguas. Passemos aos contextos condicionadores da variação no uso do subjuntivo em orações completivas na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas.

### 5.2.2.1 Tipo da oração em que a completiva está encaixada

No que concerne à variável *tipo da oração em que a completiva está encaixada*, embora tenhamos postulado cinco fatores para codificação dessa variável,<sup>89</sup> optamos por amalgamá-los, reunindo-os em apenas três: afirmativo, negativo e a junção entre os fatores condicional e oração com verbo modal. Esperávamos com essa variável verificar se o contexto semântico do evento referido na oração principal tende a influenciar a aquisição das formas de subjuntivo pelos falantes das comunidades de fala analisadas, pois predicções hipotéticas e não factivas estão mais associadas ao valor *irrealis*, que, por sua vez, está relacionado ao modo subjuntivo. Nesse sentido, levando em conta o fato de a oração condicional estar impreterivelmente associada a

---

<sup>89</sup> Não foram encontradas orações interrogativas em contextos de emprego do subjuntivo.

hipóteses e eventos duvidosos, nossa expectativa era a de que os falantes tendessem a fazer uso do subjuntivo quando a oração principal apresentasse uma condição hipotética sobre um evento. Além disso, temos também as negativas que modificam a modalidade de predicação, contrariando-a ou contradizendo-a (cf. Mira Mateus *et al.*, 2003), pois um evento tido como possível quando negado passa ao seu contraditório. Por outro lado, as orações afirmativas parecem estar mais relacionadas a eventos reais, o que poderia contribuir para desfavorecer o uso das formas do subjuntivo. Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 21: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tipo de oração em que a completiva está encaixada

TIPO DE ORAÇÃO	n.º de ocorrências/Total	Frequência
1. Condicional	03/07	43%
2. Negativa	06/18	33%
3. Afirmativa	14/55	25%
TOTAL	23/80	29%

Como podemos constatar, quando está dependente de uma oração condicional (cf. exemplo 6a.) ou de uma oração negativa (cf. exemplos 6b. e 6c.), com respectivamente 43% e 33% de uso do subjuntivo, a completiva favorece mais o uso do subjuntivo do que quando está subordinada a uma oração afirmativa (cf. exemplos 6d. e 6e.):

- 6a. Ele levô a mão ne minha cara, [meteu] a mão ne minha cara, eu bati na cara dele... “Ê, Dona Mariinha, ela me bateu!”. Mãe [disse]: “você também foi errado, se você *num* quisesse que ela *fosse*, você ficava quieto, num mandava ela arrumá” (SubC\_S01).  
 6b. Eles *num* gostam que *ande entrano* no mato pa caçá não? (SubC\_S04).  
 6c. Tá difícil... tá difícil... tá... e essas aí, eles num qué que *tire* naõ... (SubC\_H07).  
 6d. *Espero* que daqui pra frente, a gente... *a situação da gente vai melhorá* mais... cada vez mais. (SubC\_C03).  
 6e. ...e se ela vem na nova, a gente espera, a gente *espera* qu’ela *vem* naquele mesmo... naquela mesma base, né, é por isso qu’a gente tá visano, né? (SubC\_C06).

No uso culto do PB, ainda com base na intuição da analista, essa tendência se confirma, pois, nas completivas encaixadas em orações condicionais e negativas, o uso do subjuntivo foi categórico, sendo que a margem de variação ficou concentrada nas orações afirmativas. Esses resultados confirmam a relação do modo subjuntivo com o valor semântico de irrealidade, pois,

estando essas orações completivas encaixadas em orações negativas e condicionais, elas tendem a forçosamente conter proposições hipotéticas ou contrafactuais.

### 5.2.2.2 Tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

No que concerne à variável *tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada* e tendo em vista o fato de que o subjuntivo se relaciona com o valor semântico de irrealidade, esperávamos que os contextos semânticos de desejo, sentimento, pedido e ordem propiciados respectivamente pelos verbos volitivos, avaliativos, inquiritivos e causativos condicionassem o uso das formas do modo subjuntivo, uma vez que nestes o fato expresso pela oração principal está associado a eventos irrealis ou duvidosos. Por outro lado, verbos cognitivos, por se relacionar a eventos em que o falante tem de se posicionar a respeito de um fato e daí tende a acreditar em seu posicionamento, terminam selecionando o modo indicativo, que, por sua vez, está associado a valores certos e reais.

Nesse sentido, foram feitos alguns ajustes nos fatores inicialmente arrolados nesse grupo. Inicialmente, postulamos para essa variável as seguintes situações: verbos volitivos, avaliativos, declarativos, cognitivos, perceptivos, inquiritivos e causativos. As ocorrências dos verbos declarativos e perceptivos foram descartadas por se tratar de contextos categóricos de uso do indicativo nas comunidades de fala analisadas. Por outro lado, as ocorrências de verbos volitivos, avaliativos e inquiritivos foram reunidas em um mesmo fator em função do seu baixo número de ocorrência. Feitos esses ajustes, os resultados desse grupo de fatores são apresentados na seguinte tabela:

Tabela 22: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o *tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada*

TIPO DO VERBO	nº de ocorrências/Total	Freqüência
---------------	-------------------------	------------

1. Volitivos, Avaliativos e Inquiritivos	10/23	43%
2. Causativos	07/18	39%
3. Cognitivos	03/32	09%
TOTAL	23/80	29%

Como podemos notar, o uso do subjuntivo é favorecido quando a completiva é subcategorizada por verbos volitivos, avaliativos, inquiritivos (43%), conforme exemplificado, respectivamente, em 7a., 7b. e 7c. e causativos (39%), como exemplificado em 7d., sendo desfavorecido quando a completiva está subordinada aos verbos cognitivos (conforme exemplo 7e.), com os quais registramos apenas 09% de uso do subjuntivo.

7a. ...você também foi errado, se você num *quisesse que ela fosse*, você ficava queto, num mandava ela arrumá (SubC\_S01).

7b. Quem sabe? Eles num *gostam que ande entramo* no mato pa caçá não? (SubC\_S04).

7c. ...mandô os ôto perguntá a menina se qué namorá, falô: ‘quer’ (SubC\_H12).

7d. Aí ele rezô ela e *mandô que fosse* po hospital, que essa menina tava muito ruim (SubC\_R13).

7e. Aí ela pensava *que era* brincadêra, né? (SubC\_S01).

No uso culto do PB, ainda com base na intuição da analista, essa tendência também se confirmou, pois a margem de variação ficou concentrada no fator *verbos cognitivos*, ao passo que, nos demais contextos, o uso do subjuntivo foi categórico.

Mais uma vez a relação do uso do subjuntivo em proposições com o traço semântico [-*realis*] foi ratificada, em função do seu menor uso com verbos do tipo *pensar, crer, achar* em que o nível de incerteza do falante em relação à proposição expressa na oração completiva é menor do que quando essa oração está ligada a verbos do tipo *gostar, querer, perguntar* etc, que tendem a subcategorizar mais proposições com um maior grau de incerteza, ou mesmo irrealidade.

Entretanto, isso não impede a ocorrência do modo subjuntivo quando a completiva é selecionada por verbos cognitivos, conforme está explicitado em Mira Mateus *et al.* (2003) através dos seguintes exemplos:

*Penso que ele ainda esteja* na faculdade a esta hora.  
*Imagino que queiras* tomar um duche antes do jantar.  
(MIRA MATEUS *et al.*, 2003, p. 605)

Com relação ao português urbano, apesar de o grupo relacionado à natureza semântica da forma verbal não ter sido selecionado como estatisticamente significativo pelo VARBRUL, Pimpão (1999) encontrou, em seus dados, ocorrências de uso do subjuntivo em completivas

selecionadas por verbos cognitivos, afirmando que esse tipo de contexto instaura o escopo da baixa certeza e assim assinala “(...) o não comprometimento do falante com que é dito. Estratégias lingüísticas dessa natureza codificam a fraca proximidade do falante com o conteúdo proposicional” (PIMPÃO, 1999, p. 92). Nesses termos, enquanto em nossos *corpora* o uso do subjuntivo nesse contexto é muito baixo, no português urbano é comum o emprego das formas de subjuntivo em completivas selecionadas por verbos cognitivos. Observemos os seguintes exemplos:

Ah! Piora, acredito que piore bastante, né?  
(PIMPÃO, 1999, p. 92)

Portanto, mais uma vez o uso do subjuntivo no português afro-brasileiro situa-se em um pólo distinto do padrão da norma urbana culta e do padrão prescrito pela tradição gramatical.

### 5.2.2.3 Tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

No que concerne à variável *tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada*, só o presente, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo exibiram, nos *corpora* analisados, um número de ocorrências suficientes para se fazer alguma ilação sobre a sua influência no uso do subjuntivo. Com essa variável, procuramos verificar se o tempo pretérito imperfeito, por estar mais relacionado ao valor de irrealidade, tende a favorecer o uso do subjuntivo. Os resultados desses três fatores são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 23: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o *tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada*

TEMPO DO VERBO	n.º de ocorrências/Total	Freqüência
1. Pretérito Imperfeito do Indicativo	04/11	36%

2. Presente do Indicativo	12/41	29%
3. Pretérito Perfeito do Indicativo	05/19	26%
TOTAL	21/71	30%

Como podemos ver, nesse grupo, os resultados não foram coincidentes com o uso culto, pois, enquanto aqui o imperfeito se destaca como um dos contextos favorecedores do uso do subjuntivo, com seis pontos percentuais acima da média geral; no uso culto (baseado na intuição de falante nativa da analista), os pretéritos concentraram o uso categórico desse modo verbal, ficando a taxa de variação restrita ao presente do indicativo. Abaixo, são exemplificadas as ocorrências dessa variável: o pretérito imperfeito é exemplificado em 8a.; o presente do indicativo, em 8b.; e o pretérito perfeito, em 8c.

8a. ...ah, eu *queria* que o senhô me desse seu menino pa fazê esse serviço aqui pra mim”, eu já marcava... (SubC\_H12).

8b. Eles num *gostam* que *ande entramo* no mato pa caçá não? (SubC\_S04).

8c. Aí ele rezô ela e *mandô que fosse* po hospital, que essa menina tava muito ruim (SubC\_R13).

O uso culto está mais de acordo com a expectativa em relação a esse grupo de fatores, pois o uso do tempo gramatical do presente do indicativo está positivamente relacionado ao valor de verdade da proposição contida na oração introduzida pelo verbo, em contraste com o que costuma ocorrer com os pretéritos, como podemos ver nas frases abaixo:

8d. Ele pensa que foi aprovado.

8e. Ele pensou que fosse aprovado.

8f. Ele pensava que fosse aprovado.

O uso do subjuntivo nos *corpora* analisados foge a essa expectativa, porque a frequência de uso do subjuntivo no presente é ligeiramente maior do que no pretérito perfeito do indicativo – 29% daquele contra 26% deste.

#### 5.2.2.4 Tempo do subjuntivo previsto no uso culto<sup>90</sup>

Tendo como base o princípio da saliência fônica, formas mais perceptíveis tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes. Nesse sentido, a partir da variável *tempo do subjuntivo*

<sup>90</sup> Postulamos para essa variável três fatores: Presente, futuro e imperfeito do subjuntivo. Como já havíamos dito anteriormente, não registramos ocorrências de futuro do subjuntivo nos *corpora*.



*previsto no uso culto*, tínhamos em vista verificar se o material fonético envolvido na diferença entre a forma do imperfeito e a do presente do subjuntivo na oposição subjuntivo/indicativo contribuiria para a aquisição da norma culta pelos falantes das comunidades analisadas e nossa expectativa era a de que a forma mais perceptível (a do imperfeito) favorecesse o uso das formas do subjuntivo.

Sendo assim, confrontando diretamente o uso do subjuntivo nos *corpora* com uso do subjuntivo na norma culta (definido com base na intuição de falante nativo da analista), observamos que no português afro-brasileiro o subjuntivo é mais usado nos contextos do imperfeito do que nos contextos de presente, como podemos observar na seguinte tabela:

Tabela 24: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tempo do subjuntivo previsto no uso culto

CONTEXTO DE USO	nº de ocorrências/Total	Frequência
1. Contexto de Imperfeito do Subjuntivo	11/33	33%
2. Contexto de Presente do Subjuntivo	11/45	24%
TOTAL	22/78	28%

A partir dos resultados nas comunidades afro-brasileiras, podemos confirmar a aplicação do princípio da saliência fônica, visto que a alta frequência de uso do subjuntivo nos contextos de imperfeito (cf. explicado em 9a.) se deve à maior força morfofonológica desse tempo verbal; na verdade, o morfema do imperfeito *-sse-* apresenta um padrão CV mais consistente em termos de seu material fonético do que a alternância vocálica que indica o presente do subjuntivo (cf. exemplo 9b.), como podemos observar nos seguintes exemplos:

9a. Eles lá que sabe, né. Eu queria que *estudasse*, eu tinha dois menino... os dois menó tá estudano (SubC\_S05).

9b. Tá difícil... tá difícil... tá... e essas aí, eles num qué que *tire* não... (SubC\_H07).

Dessa forma, a saliência fônica estaria atuando como um elemento contribuinte para a aquisição da forma de subjuntivo, especialmente do imperfeito, visto que, no ambiente lingüístico em que se registra material fônico mais perceptível, o uso do subjuntivo foi maior. Diante disso, defendemos que os falantes das comunidades de fala analisadas, no processo de aquisição da

norma culta, tendem a adquirir a forma de subjuntivo em que o material fônico envolvido é mais perceptível, pois no ambiente lingüístico constituído por material fônico interveniente menos saliente, a freqüência de uso do subjuntivo foi menor, como podemos observar o contexto de presente do subjuntivo no qual registramos apenas 24% de uso desse modo verbal, freqüência abaixo da média geral de 28%.

Pimpão (1999) obteve um total de 84% de uso do presente do subjuntivo nas orações completivas, tendência que se opõe à que encontramos no português afro-brasileiro, com apenas 24% de uso desse modo nesse contexto. A disparidade desses resultados ratifica as diferenças entre a gramática do português urbano e a do português afro-brasileiro.

#### 5.2.2.5 Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva

Com a variável *Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva*, esperávamos verificar quais os contextos semânticos que poderiam em maior intensidade influenciar o uso do subjuntivo. Foram postulados cinco situações: fato considerado irreal, hipotético, (in)desejado, ocorrido e pressuposto. A nossa expectativa era a de que as formas de subjuntivo fossem mais recorrentes nos contextos de irrealidade, visto que há tradicionalmente uma associação entre este contexto e o modo subjuntivo.

A fim de avaliarmos o grau de variação no uso do subjuntivo em função desta variável, foram retiradas as ocorrências de eventos efetivamente *ocorridos* e *pressupostos* porque se mostraram contextos de uso categórico do indicativo. A Tabela 25 apresenta os resultados obtidos na quantificação dos dados.

Tabela 25: O uso do subjuntivo no português afro-brasileiro de acordo com a variável *nível de realidade do evento referido na oração completiva*

<b>NÍVEL DE REALIDADE DO EVENTO</b>	<b>n° de ocorrências/Total</b>	<b>Freqüência</b>
1. Irreal	08/23	35%

2. Hipotético	07/26	27%
3. (In)desejado	08/30	27%
TOTAL	23/79	29%

Podemos apresentar exemplos desses fatores, em que 10a. apresenta ocorrência de fato considerado irreal; 10b., de fato hipotético; e 10c., de fato (in)desejado:

10a. Eu tive lá nove dia, fiz um exame, a médica *num queria que eu viesse*. Eu falei: não, neném, eu preciso ir embora, minha fia... tem a casa, tem as criação, num tem quem cuide, antonce eu preciso ir embora (SubC\_R24).

10b. Tá bonito... cemitéro era como daí pra lá, pro dentro desses eucalipe. Ieu... ai... ai!... Ieu fui lá quando tava pequeno 'inda. Até... pode sê *que eu vô* quand'eu tivé... quan... quand'eu morrê, [às vez] vô contente, porque a tera de nós verdadêra é esse lá (SubC\_H13).

10c....e se ela vem na nova, a gente espera, a gente espera *qu'ela vem* naquele mesmo... naquela mesma base, né, é por isso qu'a gente tá visano, né? (SubC\_C06).

Como podemos ver a partir dos resultados, o contexto de irrealidade, apresentando 35% de freqüência de subjuntivo, valor este acima da média geral, pode ser considerado um fator favorável ao uso desse modo verbal. Sendo assim, percebemos em nossa análise que a forma de subjuntivo nas comunidades de fala analisadas é também desencadeada pelo fator semântico, ou seja, o contexto a mostrar maior influência no uso da forma do subjuntivo foi a idéia de irrealidade. Assim, a partir de nossos resultados, observamos que a forma de subjuntivo vem sendo também condicionada por um parâmetro semântico.

Como apresentado no capítulo sobre a história do subjuntivo na língua portuguesa, é comum na história do português que o modo subjuntivo seja associado ao traço *irrealis*, aos valores de incerteza e de hipótese. Esse fenômeno aparece tanto no português arcaico, quanto no latim vulgar e clássico, sendo que neste o uso desse modo verbal é mais generalizado do que naqueles, o que poderia ser considerado por alguns estudiosos (cf. Silva Neto, 1950; Cunha, 1970; Teyssier, 2004)<sup>91</sup> como um arcaísmo ou um fenômeno conservado desde o latim. Chegaríamos a essa conclusão, caso a forma de subjuntivo fosse usada pelos falantes na maior parte do contexto *irrealis* com o nível de variação muito reduzida. No entanto, tomando como base os resultados nas comunidades afro-brasileiras, temos de observar que as formas de subjuntivo, nos contextos marcados pelo traço de irrealidade, vêm ganhando ambiente junto ao modo indicativo e não o contrário. Observe que os valores hipotético e (in)desejado apresentam

<sup>91</sup> Estes estudiosos não citam o modo subjuntivo como um caso de arcaísmo, mas faz referência a outros fenômenos que foram conservados no PB.

uma percentagem (27%) abaixo da média geral (29%) de uso do subjuntivo e que o fator *irreal* apresenta apenas 35% de uso do subjuntivo, percentagem reduzida quando comparado com o uso desse modo verbal no português urbano.

Tendo isso em vista, podemos citar a teoria da transparência semântica, segundo a qual a reestruturação da gramática por parte de falantes de línguas *pidgins* e crioulas tem como base estruturas cognitivas, semânticas e não apenas gramaticais. Nesse sentido, a estrutura semântica, por ser mais universal e transparente, tende a ser mais fácil de ser aprendida do que as estruturas de superfície. Na verdade, tais falantes fazem uso de variados meios expressivos com o intuito de se comunicarem. Daí podermos entender o porquê de nestas comunidades haver uma associação entre o subjuntivo e o valor *irrealis* e, assim, a reestruturação da gramática se dá também a partir da estrutura semântica indo ao encontro do padrão da língua alvo.

#### 5.2.2.6 Morfologia do verbo da oração completiva

A variável *morfologia do verbo da oração completiva* diz respeito à diferença de material fônico nas formas dos verbos regulares e irregulares no uso do modo subjuntivo. A nossa expectativa era a de que o contexto de verbo irregular, por apresentar maior saliência na oposição indicativo *versus* subjuntivo, favorecesse o uso do subjuntivo. A Tabela 26 apresenta os resultados dessa variável:

Tabela 26: Uso do subjuntivo no português afro-brasileiro segundo a *morfologia do verbo da oração completiva*

<b>TIPO MORFOLÓGICO DO VERBO</b>	<b>n.º de ocorrências/Total</b>	<b>Frequência</b>
1. Irregular	15/49	31%
2. Regular	08/30	27%

TOTAL	23/79	29%
-------	-------	-----

A partir dos resultados, verificamos que o princípio da saliência fônica foi confirmado, visto que a aquisição da forma de subjuntivo dá-se em ambientes lingüísticos mais salientes, mais perceptíveis foneticamente. Dessa forma, podemos ver que nos verbos irregulares, que apresentam alto nível de saliência na oposição subjuntivo *versus* indicativo, a frequência de uso do subjuntivo é maior (31%) do que nos verbos regulares, que apresentam um nível baixo de saliência fônica na oposição subjuntivo-indicativo, demonstrando apenas 27% de uso do subjuntivo, abaixo da média geral. A seguir, exemplificamos algumas ocorrências dessa variável, em que 11a. exibe uma ocorrência de verbo irregular (*dar*), e 11b., uma ocorrência de verbo regular (*morar*).

11a. Aí eu disse: “Norberto mandô dizê o senhô, meu compade, que o senhô me *desse* cinquenta mil... pra minha viagem! Cadê o... a ôtra cáxa que tá? (SubC\_H20).

11b. E aí num qué que ela *mora* má... má o marido dela (SubC\_S05).

### 5.2.2.7 Conclusão da análise das variáveis lingüísticas

Apesar de não termos trabalhado com os pesos relativos de nossos dados devido ao reduzido número de ocorrências, verificamos, a partir da frequência percentual das variáveis lingüísticas, quais os fatores estruturais estão favorecendo o uso do subjuntivo nas comunidades de fala afro-brasileiras analisadas.

Com base nos dados, observamos que o uso da forma do subjuntivo nas orações completivas é favorecido pelo contexto semântico determinado pela oração principal; assim, quando esta for condicional ou negativa, o subjuntivo tende a ser o modo selecionado pela completiva, já que este seria um contexto próprio para proposições hipotéticas ou contrafactuais. Além disso, o tipo de verbo da oração em que a completiva está encaixada também afeta a probabilidade de uso das formas de subjuntivo, pois verbos volitivos, avaliativos e inquiritivos tendem a favorecer o uso desse modo verbal. O tempo da oração em que a completiva está encaixada, especialmente o pretérito imperfeito do indicativo, favorece igualmente o uso do subjuntivo. Este modo verbal tende ainda a ocorrer nas situações lingüísticas em que a diferença subjuntivo *versus* indicativo é mais perceptível, em termos fônicos: tanto no contexto do

imperfeito do subjuntivo, comparado com as formas do tempo presente, em função da maior força fonética do morfema daquele tempo *vis-à-vis* o morfema deste tempo; quanto com a maior saliência do material fônico dos verbos irregulares, favorecendo o uso das formas do subjuntivo. Por fim, constatamos, quanto ao nível de realidade do evento referido na oração completiva, que o subjuntivo tende a ocorrer nas situações em que se tem um evento irreal, não sendo categoricamente usado na referência a um evento já ocorrido ou pressuposto.

Tendo isso em vista, gostaríamos de tecer algumas considerações gerais a respeito do uso do subjuntivo, especialmente nas relativas e completivas, nas comunidades de fala analisadas e tais considerações devem ser vistas apenas como hipóteses para os desdobramentos desta pesquisa.

Podemos observar, a partir dos resultados, que a aquisição do subjuntivo por falantes de comunidades constituídas por afro-descendentes desencadeia-se a partir dos seguintes fatores: (i) um de base morfológica, em que a forma mais saliente, em termos morfofonológicos, favorece a implementação das formas do subjuntivo; (ii) o outro fator é semântico: as formas do subjuntivo começam a ser empregadas nas referências a eventos claramente irrealis. Na verdade, partindo da idéia de que na oposição entre indicativo e subjuntivo, este estaria associado ao traço semântico *irrealis* e aquele ao traço *realis*, acreditamos que o princípio da transparência semântica pode explicar o incremento das formas do subjuntivo, a partir do momento em que o falante percebe uma oposição entre um modo relacionado com o *realis* e outro associado ao *irrealis*, passando a dispor de diferentes meios expressivos para efetivar a comunicação. Sendo assim, nas comunidades afro-brasileiras analisadas a aquisição do subjuntivo tem, *a priori*, base tanto morfológica quanto semântica.

### 5.2.3 As variáveis sociais

Selecionamos cinco variáveis sociais para análise: sexo, faixa etária, estada fora da comunidade, nível de escolaridade e comunidade. No entanto, com o baixo número de ocorrências dos *corpora*, decorrente da reduzida faixa de variação encontrada, não obtivemos

resultados consistentes no plano do encaixamento social da variável analisada; tanto que nenhuma variável social foi selecionada pelo Programa VARBRUL. Mesmo assim, podemos analisar os resultados obtidos das frequências relativas.

Apesar de o Programa das Regras Variáveis não ter selecionado nenhuma variável social, decidimos tecer algumas considerações acerca dos fatores *faixa etária*, visto que já tivemos a oportunidade de tratar das variáveis *sexo*, *nível de escolaridade* e *comunidades* na seção sobre a análise das relativas, expondo as razões porquê essas variáveis não foram selecionadas.

### 5.2.3.1 Faixa etária

Com a variável *faixa etária*, procuramos observar se os falantes mais jovens são responsáveis pela aquisição das formas de subjuntivo, apresentando maior percentual de uso ou se se trata de um caso de variação estável, em que os falantes da faixa etária entre 41 a 60 anos tendem a usar mais as formas de subjuntivo. Sendo assim, dividimos os falantes em quatro faixas etárias:

- I - 21 a 40 anos;
- II - 41 a 60 anos;
- III - 61 a 80 anos;
- IV - mais de 80 anos.

Vejamos os resultados obtidos com essa variável:

Tabela 27: O uso do subjuntivo nas orações completivas segundo a variável *faixa etária*

FAIXA ETÁRIA	n° de ocorrências/Total	Frequência
1. 20 a 40 anos	04/21	19%
2. 41 a 60 anos	12/30	40%

3. 61 a 80 anos	05/17	29%
4. mais de 80 anos	02/11	18%
TOTAL	23/79	29%

Com base nos dados das quatro comunidades, verificamos o padrão curvilíneo de variação estável, uma vez que os falantes da Faixa II apresentam o maior percentual de uso do subjuntivo e os falantes mais jovens e mais velhos (Faixas I e IV) são responsáveis pelo menor percentual.

Como foi encontrado um número muito reduzido de ocorrências de subjuntivo nas quatro comunidades afro-brasileiras, acarretando a não seleção dessas variáveis pelo VARBRUL, não podemos ratificar essa indicação da variável *faixa etária*, afirmando que não há um processo de incremento das formas do subjuntivo nas comunidades de fala analisadas. Uma análise com todos os contextos de uso do subjuntivo – incluindo as orações adverbiais e a co-ocorrência de advérbios de dúvida com *talvez* –, prevista para as etapas futuras desta pesquisa, poderá fornecer uma base mais consistente para interpretações mais seguras.

### 5.2.3.2 Conclusão da análise das variáveis sociais

Quanto às outras variáveis sociais, as mulheres, os que não viveram fora da comunidade e os analfabetos apresentaram os maiores índices de uso do subjuntivo. Portanto, todos os resultados contrariam a expectativa e as outras análises que já foram feitas sobre a gramática das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas.

Os dados da faixa etária demonstram estar havendo uma variação estável na comunidade; no entanto, temos de levar em conta o baixo índice de ocorrências de subjuntivo nas quatro comunidades afro-brasileiras, que, como foi dito anteriormente, não nos permite chegar a conclusões mais definitivas.

No que se refere à variável *comunidades*, podemos ressaltar que todas as quatro apresentam em comum o fato de terem sido constituídas em suas bases por negros africanos ou por afro-descendentes. As comunidades de Cinzento e de Helvécia se mantiveram isoladas por muito tempo. A comunidade de Sapé vem recebendo influências dos meios de comunicação,



como a televisão e Rio de Contas, graças às suas belezas naturais, conta com grande fluxo de turistas, que podem difundir os padrões lingüísticos prestigiados. Tendo como base nossos resultados, Helvécia foi a comunidade que registrou o mais baixo uso do subjuntivo, o que se ajusta ao fato de ser esta comunidade aquela para qual se tem alguma prova documental de um processo anterior de reestruturação criouliizante (cf. Ferreira, 1984).

Entretanto, destacamos novamente o fato de a base de dados ser bastante restrita, o que efetivamente não confere fundamentação empírica a tais interpretações. Diante disso, pretendemos estender a análise para as orações adverbiais, optativas e com os advérbios de dúvida, sobretudo o *talvez*. Com isso, o número de ocorrências será ampliado, gerando uma base de dados mais confiável para a mensuração do encaixamento social do uso do subjuntivo nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O português do Brasil se caracteriza pela existência de uma realidade lingüística bipolar: de um lado, temos a(s) norma(s) referente(s) ao português urbano culto e de outro, a(s) norma(s) do português popular. Diante disso, tomando como base tanto o suporte teórico-metodológico da

sociolingüística variacionista e o recurso ao pacote de programas VARBRUL para o processamento quantitativo dos dados lingüísticos, bem como o princípio de transmissão lingüística irregular (TLI), analisamos a variação no uso do modo subjuntivo nas orações relativas e completivas em quatro comunidades de fala afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, aqui referidas como: Cinzento, Helvécia, Sapé e Rio de Contas. Observando a frequência de uso desse modo verbal, buscamos identificar a existência de uma variedade lingüística, desencadeada pelo contato entre línguas e marcada pela redução na morfologia flexional do verbo, cujas conseqüências atingiram o uso das formas de subjuntivo por estes falantes.

Na verdade, para compreendermos o português do Brasil, é necessário que conheçamos a história tanto do português urbano, quanto do português rural, observando a origem e a constituição dessas realidades lingüísticas. Acreditamos que o português popular brasileiro tem sua origem ligada às situações de contato entre línguas e ao processo de TLI; sendo assim, temos os negros e seus descendentes como um dos agentes na difusão do PPB, em grande parte do território brasileiro. Os negros adquiriram o português de forma irregular, sem auxílio de meios normatizadores, produzindo uma variedade da língua portuguesa, marcada pela redução na morfologia flexional do verbo. Em decorrência da urbanização e da difusão dos meios de comunicação, as comunidades rurais, especificamente a afro-brasileira, passaram por um processo de mudança em direção à aquisição das formas de subjuntivo.

Diferentemente do que se registra em pesquisas no português urbano, que comprovam a hipótese de que o indicativo vem recobrando a área do subjuntivo, comprovamos, a partir de nossos dados, que as formas do indicativo estão perdendo (aos poucos) ambiente para o subjuntivo, pois este modo vem sendo gradativamente adquirido pelos membros das comunidades de fala analisadas, tendência contrária a que se registra no meio urbano; diante disso, podemos verificar que numa situação pretérita foram as marcas do indicativo, por não serem tão marcadas morfologicamente e serem mais usadas na comunicação, que foram mais facilmente adquiridas pelos falantes no processo de TLI. Tendo isso em vista, não há fundamento para a aplicação do princípio da deriva da língua portuguesa, já que, na situação lingüística atual dessas comunidades, não registramos perda da morfologia flexional, mas sim uma tendência à aquisição das formas de subjuntivo por influxo de pressões externas, provenientes dos centros de irradiação lingüística do território brasileiro.

Nesse sentido, em virtude, de um lado, da crescente urbanização do país, as formas referentes ao modo subjuntivo foram transmitidas aos falantes do meio urbano e, por outro lado, temos a realidade lingüística das comunidades constituídas por afro-brasileiros, que se mantiveram isoladas por um longo tempo de todo processo urbanizador, o que confirma a realidade bipolarizada do português do Brasil e, assim, a co-ocorrência de pelo menos duas gramáticas no PB: uma referente ao português urbano culto e outra referente ao português rural, no qual se inclui o afro-brasileiro.

Observamos, no percurso histórico do emprego do subjuntivo na língua latina, que a língua literária inova e cria diferentes situações para o emprego do subjuntivo e, assim, generaliza o emprego desse modo verbal e, em algumas orações, não distingue entre modalidade real ou irreal, o que não se evidencia no latim vulgar, no qual prevalece, com mais frequência, uma tendência em distinguir as formas do subjuntivo das do indicativo tendo como base a idéia expressa pelo contexto: em eventos reais, usam-se as formas do indicativo e, em situações de irrealidade, é freqüente o uso do subjuntivo. Nesse sentido, demonstramos que essa tendência do latim vulgar persistiu no texto de escritores no período do português antigo, visto que a distinção entre esses modos se dava freqüentemente de acordo com a idéia expressa pelo evento da situação comunicativa. Podemos citar ainda que, em charges do século XIX, ao retratar a variedade lingüística de negros e escravos, verificamos o uso do indicativo em lugar do subjuntivo como um dos fenômenos lingüísticos comuns à fala de negros, o que evidencia tanto uma relação histórica entre o uso das formas não marcadas do indicativo nos contextos de uso das formas morfologicamente marcadas do subjuntivo, quanto à aquisição imperfeita do português pelos escravos africanos e a nativização desse modelo defectivo de português falado como segunda língua entre seus descendentes. Assim sendo, a redução na morfologia flexional já era documentada na variedade lingüística falada pelos negros no século XIX. Ao lado disso, podemos reconhecer que nesse período se evidenciou a polarização do português do Brasil, pois a normatização e o recurso ao uso escrito passaram a ser incentivados em nossa sociedade.

Discutimos também as estratégias usadas pelos falantes do crioulo de Cabo Verde para representar as formas do subjuntivo, destacando uma drástica redução na morfologia flexional como característica desse crioulo, fazendo uso, na maioria das vezes, da forma do infinitivo para representar os tempos do subjuntivo. De fato, a intensidade da redução flexional é comum às situações crioulizantes. Podemos observar também essa redução no português popular do Brasil,

não de forma drástica, como nos crioulos típicos, mas de maneira menos intensa, do tipo mais leve. Portanto, a origem do português popular só pode ser explicada pelo contato entre línguas e pelo processo de transmissão lingüística irregular que condicionaram uma redução na morfologia flexional nessa variedade da língua portuguesa. Diante disso, nossa investigação aponta um reduzido uso do subjuntivo na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras quando comparado com o que se observa na norma culta, o que confirma a idéia de uma redução na morfologia flexional dessa variedade afro-brasileira do PB em função do contato entre línguas.

Com relação ao *uso do subjuntivo nas orações relativas*, identificamos, em nossa análise variacionista dos padrões de comportamento lingüístico das comunidades afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, três fatores lingüísticos condicionadores, são eles: *localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação; tempo do subjuntivo previsto no uso culto e morfologia verbal*.

Tomando como base esses fatores, verificamos que o subjuntivo é favorecido quando o falante se refere a um evento posterior ao momento da ilocução, o que se ajusta ao valor semântico do subjuntivo, isto é, como uma referência a um evento posterior tende a conter o valor semântico de irrealidade, esse contexto favorece o emprego das formas do subjuntivo.

O princípio da saliência fônica nos auxiliou na explicação do processo de aquisição das formas de subjuntivo nos *corpora* analisados. Assim, verificamos que as formas verbais que apresentam um maior grau de saliência na oposição subjuntivo *versus* indicativo são aquelas nas quais mais se emprega o modo subjuntivo. Isso é válido para a diferença entre as formas do presente e do imperfeito do subjuntivo, já que as últimas, que têm um morfema mais consistente em termos fônicos, apresentam uma freqüência maior de uso do subjuntivo do que as formas do presente, que apresentam material fônico menos perceptível nessa oposição. Esse princípio também se confirmou na análise do *uso do subjuntivo nas orações completivas*, tanto com relação aos tempos verbais, quanto com a questão da regularidade e irregularidade dos verbos. No entanto, o princípio da saliência fônica não se confirmou na diferença entre o material fônico dos verbos regulares e irregulares nas orações relativas. Em vista disso, buscamos identificar outros fatores que estariam intervindo no emprego das formas do modo subjuntivo. Com relação aos tempos verbais, a maior freqüência de uso, nos *corpora*, deu-se com as formas de futuro dos verbos regulares, que, por coincidirem com a forma de infinitivo, facilitou o processo de sua aquisição por parte dos falantes. Assim, acreditamos que as formas de futuro dos verbos regulares

podem ter sido adquiridas mais facilmente no processo de transmissão lingüística irregular do que as formas do futuro nos verbos irregulares.

No que se refere à variável *uso do subjuntivo nas orações completivas*, tomando como base as variáveis *tipo de oração em que a completiva está encaixada*, *tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada*, *tempo da oração em que a completiva está encaixada*, *tempo do subjuntivo previsto no uso culto e nível de realidade do evento referido*, a nossa investigação provou que as formas de subjuntivo são mais recorrentes nos contextos de irrealidade, hipótese e desejo, o que não constitui uma peculiaridade do português popular do Brasil, uma vez que encontramos no latim, na história da língua portuguesa e na prescrição da tradição gramatical uma oposição entre subjuntivo e indicativo, tendo como base os contextos irrealis e realis. Portanto, a opção pelas formas do subjuntivo a partir de critérios semânticos é comum na história dessas línguas, daí considerarmos válido o princípio da transparência semântica, que postula que a universalidade e a transparência das estruturas semânticas são mais ricas do que as estruturas de superfície lingüística, pois são menos marcadas. Assim, comprovamos que as estruturas semânticas universais tendem a influenciar a aquisição e o uso das formas de subjuntivo.

Em linhas gerais, verificamos que, do ponto de vista lingüístico, as formas do modo subjuntivo ocorrem com maior freqüência em duas situações: (i) uma de base morfológica, em que o uso das formas de subjuntivo se dá tanto com verbos quanto com o tempo em que a oposição subjuntivo *versus* indicativo é mais saliente; (ii) outra de base semântica, em que o contexto de irrealidade tende a favorecer o uso do modo subjuntivo.

Com relação às variáveis sociais, em virtude de a base de dados ser bastante restrita, não obtivemos resultados consistentes no plano do encaixamento social das variáveis analisadas, daí não podermos apresentar uma análise mais conclusiva no que concerne às variáveis extralingüísticas. Não obstante, podemos sugerir que, com relação ao uso do subjuntivo nas orações relativas, as mulheres, os analfabetos e os que não viveram fora da comunidade apresentam os maiores índices de uso do subjuntivo, sendo que só esta última variável foi selecionada pelo VARBRUL.

Por outro lado, com referência à variável *comunidade de origem*, observamos que a constituição social de cada uma delas pode nos fornecer alguma explicação para a situação lingüística dos falantes. Vimos que das quatro comunidades, Cinzento, por estar relacionada com situações quilombolas, e Helvécia, por ser a única comunidade a apresentar prova documental de

um processo anterior de reestruturação criouliizante, apresentam o menor índice de frequência no uso do subjuntivo; no entanto, a comunidade de Sapé, por influência dos meios de comunicação, e as de Rio de Contas, devido à constante visita de diferentes pesquisadores e por receber um grande fluxo turístico, sobretudo, na sede do município, apresentaram uma frequência maior de uso do subjuntivo, quando comparado com as outras comunidades, demonstrando, assim, o percurso de aquisição das formas referentes a esse modo verbal.

A análise do uso do subjuntivo nas orações relativas e completivas nos *corpora* constituídos por falantes afro-descendentes, levou-nos a observar que a reduzida frequência de uso do subjuntivo nessas comunidades, associada ao fato de esse modo verbal estar sendo adquirido gradativamente pelos falantes, quando comparado com o alto índice de frequência de subjuntivo no português urbano, comprovou a existência de gramáticas distintas em uso nos variados contextos sociais. Portanto, verificamos a concorrência de duas gramáticas, uma referente ao português urbano e outra ao português afro-brasileiro.

Diante do exposto, podemos comprovar uma realidade bipolarizada no português do Brasil, apresentando distintas tendências de mudanças. Nesse sentido, reconhecemos que o português urbano culto percorre caminhos distintos do português rural, mais especificamente do afro-brasileiro. Dessa forma, os resultados de nossa pesquisa em quatro comunidades afro-brasileiras comprovam que o processo de TLI, desencadeado pelo contato lingüístico ocorrido no Brasil do período da colônia e do império, produziu uma variedade da língua portuguesa marcada pela redução na morfologia flexional que vem atualmente passando por um processo de aquisição dessas marcas de acordo com o padrão da norma urbana culta.

Pretendemos, diante do baixo número de ocorrências de subjuntivo nos *corpora*, estender a análise para as orações adverbiais, optativas e os advérbios de dúvida, sobretudo o *talvez*, a fim de ampliar a base de dados e chegar a resultados mais abrangentes. Seja como for, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a compreensão da nossa realidade lingüística, ampliando o conhecimento acerca dos processos sócio-históricos concorrentes na sua formação.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria (2001a). A variedade lingüística de negros e escravos: Um tópico da história do português no Brasil. *In*: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro*: Primeiros estudos. Vol. II, Tomo II, pp. 317-335.

- ALKMIM, Tânia Maria (2001b). Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- ALMADA, Maria Dulce de Oliveira (1961). *Cabo Verde: Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1999). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- ANCHIETA, José de (1990 [1595]). *Arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. Edição Fac-similar. São Paulo: Edições Loyola.
- ARNAULD, Antoine e LANCELOT, Claude (1992 [1660]). *Gramática de Port-Royal*. Trad. Bruno Fregni Bassetto; Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes.
- AZEVEDO, Milton M. (1976). *O Subjuntivo em Português: Um estudo transformacional*. Petrópolis: Vozes.
- BAGNO, Marcos (org.) (2001). *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Loyola.
- BAKER, Philip (1982). On the origins of the first Mauritian and of the creole languages of their descendants. In: BAKER, Philip; CORNE, Chris. *Isle de France Creole*. Ann Arbor: Karoma.
- BAXTER, Alan (1995). Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro - divergências nas vertentes afro-brasileiras. In: *O Foco: O português no mundo*, dez., nº 14.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante (1997). A relevância dos processos de pidginização e crioulição na formação da língua portuguesa no Brasil. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, nº 19, pp. 65-84.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, D. (1996). *Un paso a más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia)*. Comunicação ao 2º Colóquio Internacional de lenguas criollas de base espanhola y portuguesa. Berlin (mimeo).
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, D. (1993). Processos de descrição no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro. *PAPIA: Revista de Crioulos de Base Ibérica*, v. 2. Brasília, pp. 59-71.
- BECHARA, Evanildo (1966). *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BENVENISTE, E. (1976). *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Nacional.
- BICKERTON, Derek (1984). The Language Bioprogram Hypothesis. *Behavioural and Brain Sciences*, nº 7, p. 173-222.
- BORIS, Fausto (1994). *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP.



- BRANDÃO, Cláudio (1963). *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais.
- BUENO, Francisco da Silveira (1967). *Grande Dicionário Etimológico e Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- CALÓGERAS, Pandiá (1967). *Formação Histórica do Brasil*. São Paulo: Nacional.
- CALVET, Louis-Jean (2002). *Sociolingüística: Uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.
- CASTILHO, Ataliba T. (1999). O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, p. 237-269.
- CASTILHO, A. de (org.). (1998). *Para uma história do português brasileiro*. Primeiras idéias. v. I. São Paulo: Humanitas.
- CASTRO, Ivo (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa. Universidade Aberta.
- CASTRO, Yeda P. (1980). *Os falares africanos na interação social do Brasil-Colônia*. Salvador: Centro Editorial da UFBA.
- CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass., The M. I. T. Press.
- COHEN, Maria Antonieta (2002). Reanálise do - s final e o ‘drift’ românico no caso do ladino. In.: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia (orgs.). *Dialeto Mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: UFMG, pp. 83-90.
- CONRAD, Robert (1978 [1927]). *Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1880*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COTRIM, Gilberto (2001). *História e Consciência do Brasil*. São Paulo: Saraiva.
- COUTO, Hildo Honório do (1996). *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- CUNHA, Celso (1986). *Conservação e inovação no português do Brasil: O eixo e a roda*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 199-230.
- CUNHA, Celso (1985). *A Questão da Norma Culta Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CUNHA, Celso (1970). *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- CUNHA, Celso (1968). *Uma Política do Idioma*. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Livraria São José, pp. 29-38.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley (2001). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ELIA, Sílvio. (1979). *A unidade lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.
- ELIA, Sílvio. (1963). Unidade e Diversidade Fonética do Português do Brasil. In.: ELIA, Sílvio. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, pp. 233-284.
- FARIAS, Rosemeire L. da Silva (2005). *A oposição indicativo/subjuntivo e o uso das conjunções 'mas' e 'embora' em textos de alunos da Educação Básica*. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Brasília, Brasília.
- FERREIRA, Grazielle de Lourdes Novato (1999). *Cinzento: Memória de uma comunidade negra remanescente de quilombo*. 176f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- FERREIRA, Carlota (1984). Remanescentes de um falar crioulo brasileiro: Helvécia - Bahia. In: FERREIRA, Carlota *et al.* *Diversidade do Português do Brasil*. Salvador: EDUFBA, pp. 21-32.
- GORSKI, Edair *et al.* (2002). Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, pp. 217-268.
- GUY, Gregory (1989). On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. In: *Estudos sobre el Español de América y lingüística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo, pp. 227-245.
- GUY, Gregory (1981). *Lingüístico variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania. 391f. mimeo. Ph.D Dissertation on Linguistics.
- HEMMING, John (1978). *Red gold. The conquest of the brazilian indians*. London: Macmillan.
- HOLM, John (2000). *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLM, John (1992). Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In: d'ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (orgs). *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri, pp. 37-66.
- HOLM, John (1987). Creole Influence on Popular Brazilian Portuguese. In: GLENN, Gilbert (org.). *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: University of Hawaii Press, pp. 406-429.
- HOUAISS, Antônio (1992). *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: Revah.

- KATO, M., ROBERTS, I. (orgs.) (1993). *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- KEMPCHINSKY, Paula Marie (1986a). Chapter two: The Characterization of Subjunctive Clauses. In: KEMPCHINSKY, Paula Marie. *Romance Subjunctive Clauses and Logical Form*. Tese (Doutorado em Lingüística) - University of California, Los Angeles, pp. 30-80.
- KEMPCHINSKY, Paula Marie (1986b). Chapter three: Subcategorization and binding in Subjunctive Clauses. In: KEMPCHINSKY, Paula Marie. *Romance Subjunctive Clauses and Logical Form*. Tese (Doutorado em Lingüística) - University of California, Los Angeles, pp. 82-123.
- KLEIN, Herbert (1987). Tráfico de escravos. In: IBGE. *Estatísticas históricas do Brasil*. Rio de Janeiro, pp. 51-59.
- LABOV, William (1983). *Modelos Sociolingüísticos*. Trad. de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra.
- LABOV, William (1982). Buildings on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. e MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LABOV, William (1978). *Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Working Papers in Sociolinguistics*. Austin: Southwest Educational Development Laboratories.
- LAVANDERA, Beatriz (1984). *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette.
- LAVANDERA, Beatriz (1977). Where does the Sociolinguistic Variable Stop? *Languge in Society*, nº 7.
- LOBO, Tânia (1996). *A formação histórica do português brasileiro. O estado da questão*. Comunicação ao XI Congresso da ALFAL. Gran Canaria (mimeo).
- LOPES, Norma (2001). *Concordância nominal, contexto lingüístico e sociedade*. 407f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LUCCHESI, Dante (2004a). Quadro das Amostras de Fala do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. Salvador, p. 03. Disponível em: < <http://www.vertentes.ufba.br> >. Acesso em: 15 out. 2004.
- LUCCHESI, Dante (2004b). *Sistema, mudança e linguagem: Um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial.

LUCCHESI, Dante (2003). O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. *In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. Português brasileiro: contexto lingüístico, heterogeneidade e história.* Rio de Janeiro: 7 Letras.

LUCCHESI, Dante (2002). Norma lingüística e realidade social. *In: BAGNO, Marcos (org.). Lingüística da norma.* São Paulo: Loyola, pp. 63-92.

LUCCHESI, Dante (2001). As Duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000). *D.E.L.T.A*, v. 17, n° 1. São Paulo, pp. 97-130.

LUCCHESI, Dante (2000). *A Variação na Concordância de Gênero em uma Comunidade de Fala Afro-brasileira: Novos Elementos sobre a Formação do Português Popular do Brasil.* 364f. Tese (Doutorado em Lingüística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUCCHESI, Dante (1999). A questão da formação do português popular do Brasil: Notícia de um estudo de caso. *Revista A cor das Letras*, n° 3, dez., pp. 73-100.

LUCCHESI, Dante (1998). A constituição do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudanças nas normas culta e popular. *In: GROË, S; ZIMMERMANN, K. (eds.). "Substandard" e Mudança no Português do Brasil.* Frankfurt am main. TFM, pp. 73-100.

LUCCHESI, Dante (1994). Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12, pp. 17-28.

LYONS, John (1979). *Introdução à lingüística teórica.* Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, rev. e superv. de Issac N. Salum. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MARROQUIM, Mário (1996 [1945]). *A Língua do Nordeste.* Curitiba: HD Livros Editora.

MARTINET, André (1978). *Elementos de Lingüística Geral.* Trad. de Jorge Morais Barbosa. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.* São Paulo: Parábola Editorial.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2001). De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. *In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). Para a história do português brasileiro.* Primeiros estudos. Vol. II, tomo 2. São Paulo: Humanitas, pp. 275-302.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2000). Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. *Revista Gragoatá*, n° 9, 2° sem. pp. 11-27.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1999). *A propósito das origens do português brasileiro*. Comunicação apresentada em Mesa Redonda no II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis. (no prelo).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1998). Idéias para a história do português brasileiro. In: CASTILHO, A. de (org.). *Para uma história do português brasileiro*. Primeiras idéias. Primeiras idéias. Vol. I. São Paulo: Humanitas.

MATTOS E SILVA, R. V. (1993). *Português brasileiro: raízes e trajetórias*. *Discursos*, 3, pp. 75-91.

MATTOS E SILVA, R. V. (1988). *Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil*. *D.E.L.T.A.*, 4 (1), p. 85-114.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim (2002a [1970]). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim (2002b [1956]). *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim (1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim (1971). *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes.

MATTOSO, Kátia de Queirós (1990 [1979]). *Ser escravo no Brasil*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense.

MAURER Jr., Theodoro Henrique (1959). *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

MELO, Gladstone Chaves de (1946). *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandez (1972). *Introdução à lingüística românica: histórico e métodos*. São Paulo: Cultrix.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa: Caminho.

MENDONÇA, Renato (1948 [1933]). *A Influência Africana no Português do Brasil*. Porto: Livraria Figueirinhos.

MENDONÇA, Renato (1936). *O Português do Brasil: Origens, evolução e tendência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MONTEIRO, José Lemos (2000) *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes.

MONTEIRO, J. Manuel (1995). *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.

MUSSA, Alberto (1991). *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NARO, Anthony J. (1992a). Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, pp. 81-88.

NARO, Anthony J. (1992b). Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, pp. 17-31.

NARO, Anthony (1981). The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, 56 (2), pp. 63-98.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2005). *Sobre as origens do português brasileiro - retrospectivas de um garimpo*. Conferência apresentada no IV Congresso Internacional da ABRALIN, fev., Brasília.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2001). Sobre as origens estruturais do português brasileiro: Crioulização ou mudança natural? *PAPIA: Revista de crioulos de base Ibérica*, nº 11. Brasília.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2003). O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contexto linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2000a). A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (org.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, v. 17, pp. 135-165.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (2000b). Variable Concord in Portuguese: The situation in Brazil and Portugal. In: McWhorter, John (org.). *Language change and language contact in pidgins and creoles*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, pp. 235-255.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (1993). Sobre as origens do português popular do Brasil. 9, nº especial *D.E.L.T.A.* São Paulo: Educ, pp. 437-454.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta Pereira (1991). Variação e mudança linguística: Fluxos e Contrafluxos na Comunidade de Fala. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 20, pp. 1-16.

NASCENTES, Antenor (1966). *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

NASCENTES, Antenor (1953 [1922]). *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões.

NINA RODRIGUES, Raimundo (2004 [1935]). *Os africanos no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Fernão de (1975 [1536]). *A Gramática da língua portuguesa*. Introdução, leitura atualizada e notas de M. Buescu. Lisboa: IN-CM.

PAIVA, Maria da Conceição de (2004). A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, pp. 33-42.

PAIVA, Maria da Conceição de (1992). Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, pp. 69-73.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia (1992). A relevância dos fatores internos. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, pp. 33-38.

PEREIRA, Maria Ângela Botelho (1974). *Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no Português Contemporâneo*. 253f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PERINI, Mário A. (2004). *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática.

PIMPÃO, Tatiana S. (1999). *Variação no presente do modo subjuntivo: Uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PINTO, E. (1986). *A Língua Escrita no Brasil*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática.

PRADO Jr., Caio (1943). *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.

PRICE, R. (1996). Palmares como poderia ter sido. In: REIS J. J.; GOMES, F. S. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

PUNTONI, Pedro (1999). *A mísera sorte: A escravidão africana no Brasil holandês e as guerras do tráfico no Atlântico Sul: 1621-1648*. São Paulo: Hucitec.

RAIMUNDO, Jacques (1941). *A língua portuguesa no Brasil: Expansão, penetração, unidade e estado atual*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

- RAIMUNDO, Jacques (1933). *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença.
- RIBEIRO, Darcy (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras.
- ROBINS, R. H. (1979). *Pequena História da Lingüística*. Trad. Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A.
- ROCHA, Rosa Cecília Freire (1997). *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade de Brasília, Brasília.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (2000). As línguas gerais sul-americanas. *Universa*, v. 8, nº 3. Brasília, pp. 541-552.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (1996). As Línguas Gerais Sul-Americanas. *PAPIA: Revista de Crioulos de Base Ibérica*, 4 (2). Brasília, pp. 6-18.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (1993). *Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. DELTA, n. 9, pp. 82-104.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (1986). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- SAID ALI, M. (1965 [1921]). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- SANTOS, Maria Joana de Almeida Vieira dos (2003). *Os Usos do Conjuntivo em Língua Portuguesa: Uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SAUSSURE, Ferdinand de (2003 [1916]). *Curso de Lingüística Geral*. Trad. de Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (1996a). Pressupostos Teóricos e Suporte Quantitativo. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machiline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 37-50.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (1996b). Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machiline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 85-117.



SCHERRE, M. M. Pereira (1994). Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (PILP)*. v. 12, p.37-49, dez.

SCHERRE, Maria Marta Pereira (1989). Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes Editora, p. 301-332.

SCHERRE, M. M. Pereira; NARO, Anthony J. (2003). Still prospecting: more on the structural origins of Brazilian Portuguese. In: *Summer conference of society for pidgin and creole linguistics* (SPCL, 03). Universidade do Havaí, Ilha de Oahu. Estados Unidos, 14 a 17 de agosto.

SILVA, Jorge Augusto Alves da (2003). *A concordância verbal no português afro-brasileiro: Um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. 254f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA NETO, Serafim da (1988 [1957]). *História da Língua Portuguesa no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença.

SILVA NETO, Serafim da (1950) *Introdução ao estudo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro.

SILVEIRA BUENO, Francisco da (1986). *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE.

SIMONSEN, Roberto (1967). *História econômica do Brasil (1500-1820)*. São Paulo: Nacional.

SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro F. (1964). Dialetoлогия. In: SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro F. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, pp. 193-279.

SOUZA E SILVA, M. Cecília P.; KOCH, Ingedore Villaça (2004). *Lingüística Aplicada ao Português: Sintaxe*. São Paulo: Cortez.

SOUZA, Gabriel Soares de (1989 [1587]). *Tratado descritivo do Brasil*. Edição e comentário de Luís de Albuquerque. Lisboa: Publicações Alfa.

VEIGA, José Eli da (2002). *Cidades Imaginárias*. Campinas: Autores Associados.

TARALLO, Fernando (2002). *A Pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.

TARALLO, Fernando (1993). Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatória. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 35-68.

TARALLO, Fernando; ALKMIM, Tânia (1986). *Falares crioulos: língua em contato*. São Paulo: Ática.

TEYSSIER, Paul (2004). *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

VEADO, Rosa Maria Assis (1982). *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/PROED.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. *In: LEHMANN, W. P., MALKIEL, Yakov (org.). Directions for Historical Linguistics*. University of Texas Press, Austin, London, p. 97-195.

PIMPÃO, Tatiana S. (2002). Presente do subjuntivo *versus* presente do indicativo. *In: VANDRESEN, Paulino (org.). Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, pp. 255-268.

## **ANEXOS**

### **CHAVE DE TRANSCRIÇÃO**

*DANTE LUCCHESI*

#### **1. Apresentação e objetivos**

Esta proposta de chave de transcrição tem orientado os trabalhos de transcrição ortográfica dos inquéritos realizados no âmbito do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia. Optou-se pela transcrição ortográfica em detrimento da fonética, porque aquela possibilita uma melhor visualização do texto, atendendo igualmente às necessidades da análise. Contudo, diferentemente do procedimento adotado em outros projetos (cf. NURC, por exemplo), a transcrição ortográfica é aqui adotada como um instrumento efetivo para a análise, ou seja, ela é feita no sentido de que possa fundamentar a coleta dos dados a serem analisados, diminuindo o recurso à gravação. Desse modo, a transcrição deve mobilizar os recursos disponíveis para uma reprodução mais fiel das características lingüísticas do texto oral.

## **2. Critério básico e considerações prévias**

O critério básico é o de se registrarem os fatos lingüísticos que se observam na fala do informante<sup>92</sup> e que constituem marcas específicas do seu dialeto, tanto no nível fônico, quanto no morfossintático (ausência de concordância ou de nexos gramaticais - preposições, complementizadores, etc. -, objetos nulos, quebras no encadeamento sintático dos enunciados, etc.); serão excluídos apenas alguns fatos que, mesmo em desacordo com a ortografia oficial, podem ser considerados gerais no português do Brasil, com o intuito de não sobrecarregar o texto transcrito.

Na organização desta chave, buscou-se definir primeiramente alguns critérios gerais que devem servir como base da transcrição. Na medida em que o princípio geral é o de se registrar todos os fatos da fala do informante, será feito primeiramente um destaque para os fatos que não devem ser registrados. Esse procedimento visa a facilitar o trabalho de transcrição, pois ao transcrever o pesquisador só terá em mente um número reduzido de fatos que não devem ser registrados. Os demais fatos devem, em princípio, ser registrados. Para esses fatos, como subsídio, serão apresentadas algumas indicações mais específicas de como eles devem figurar na transcrição dos inquéritos. Obviamente que esta última listagem não contempla toda a gama de fatos que ocorrerão nos inquéritos. Assim, os fatos novos deverão ser tratados segundo o

---

<sup>92</sup> bem como do documentador, para a possível consideração do "efeito de gatilho" na análise. O documentador por vezes aproxima a sua fala da do informante, como procedimento técnico de recolha do material, e não deve ser "corrigido" na transcrição.

procedimento geral desta chave, devendo ser comunicados ao seu autor para que a solução adotada seja ratificada e incorporada.

### 3. Chave de transcrição

#### 3.1. Indicações preliminares

1. Cabeçalho: modelo:

PROJETO VERTENTES DO PORTUGUÊS RURAL DO ESTADO DA BAHIA  
LOCALIDADE DE HELVÉCIA-BA

#### INFORMANTE 01

NOME: Valdete Gege Facília                      SEXO: F                      IDADE: 29

NASCIMENTO: Helvécia                      PAIS: Helvécia

NIVEL DE ESCOLARIDADE: ANALFABETA

VIAGENS PARA FORA: NÃO ( RIO DE JANEIRO - 3 MESES )

2. Os intervenientes no inquérito devem ser indicados da seguinte maneira:

*DOC*: (documentador)

*INF*: (informante)

*CIRC*: (interveniente circunstancial)

3. Indicação de trecho ininteligível: ININT

4. Usar colchetes para indicar trecho sobre qual não há certeza na audição.

Ex.: *INF*.: Ah, pra passeá, [eu] saio.

4. Indicação de interrupção do inquérito: INTERRUP

5. O texto deve ser pontuado com moderação.

6. Indicação de correção e/ou hesitação com o uso das reticências. Ex: *INF*: *Eu fui na ró...  
eu fui na feira*

### 3.2. Critérios Gerais

#### 1. Deverão ser registrados, com o máximo de rigor atenção, **TODOS** os fatos no nível da morfossintaxe, tais como:

##### a) concordância nominal variável:

Ex.: *as coisa tá caro.*

*estava no roça.*

##### b) concordância verbal variável.

Ex.: *os menino foi* ou *os menino foro*; *nós vai*; ou mesmo *eu conta* por *eu conto*.

##### c) Omissão de preposições, artigos, complementizadores, etc.

Ex.: Deu Júlia isso aí.

(Port. normal: Deu à Júlia isso aí)

##### d) repetições, com utilização das reticências.

Ex.: "as pessoas assim é que... que conhece mais as coisa"

##### e) correções e quebras no encadeamento do enunciado, também com a utilização de reticências.

Ex.: "E as... sempre assim ou era diferente?"

##### f) hesitações, idem.

Ex.: "Esses daqui mermo, ói, é... é... é... é d'uma...de... de Odete aqui, num sabe?"

#### 2. Fatos fônicos que não devem ser registrados

a) Elevação das vogais médias em distribuição pré-acentuada, quer no interior de um mesmo vocábulo, quer no interior de um grupo de força (como no caso das seqüências com a preposição **em**), e pós-acentuada não-final;

Ex.: *estava* e não *istava*; *domingo* e não *dumingo*; *em casa* e não *im casa*; *rédea* e não *rédiã*.

b) Elevação das vogais médias em posição átona final.

Ex.: [nomi] > *nome*; [matu] > *mato*

c) Ditongação antes de consoante constrictiva implosiva.

Ex.: [meys] > *mês*

d) palatalização de **t** e **d**, antes de vogal palatal.

Ex.: [põtΣi] > *ponte*

Obs.: palatalizações como em ['mutΣu], ['notΣe] e ['dodZyo] devem ser registradas:

*muntcho, notche, dôdio*;

e) epêntese da vogal alta que desfaz o travamento de grupo consonântico.

Ex.: *advogado* e não ou *adivogado*; *psicologia* e não *pissicologia*.

Obs.: A inserção de uma vogal média deve ser registrada: *adevogado*.

f) Realização velar ou faríngea de certas consoantes constrictivas:

Ex.: *tava* por ['taha] ou ['taxa]; *mais* por [mayh]

g) Supressão da consoante nasal

Ex.: *tenho* por [te®yu]; *uma* por [u®a]

h) Vocalização da consoante lateral pós-vocálica

Ex.: *mel* e não *méu*; *Brasil* e não *Brasiu*; *animal* e não *animau*.

i) A elisão entre palavras diferentes não deve ser registrada

Ex.: *que eu* e não *qu'eu*; *dêxa eu* e não *dêx'eu*; *pra aculá* e não *pr'aculá*; *se estrompô* e não *s'istrompô*; *manda ele* e não *mand'ele*; *vim me embora* e não *vim m'imbora*; *que é* e não *qu'é*.

### 3.3. Fatos que devem ser registrados

#### - Nível Fônico

#### 1. Consoantes implosivas – (C)VC

##### a) /S/

- a variante zero deve ser registrada: *os menino*.
- as variantes velar/glotal não devem ser registradas: *mesmo* para [‘mehmo].

##### b) /l/

- a variante zero deve ser registrada: *papé, animá*, etc.
- as variantes constrictivas, [x] e [h], devem ser registradas com o grafema <r>: *vorta, arcançou*, etc.

##### c) /x/

- a variante zero deve ser registrada: *brincá, corrê, dormi*.

OBS: Para se desfazer a ambigüidade, usam-se os parênteses: parti(r). A forma do verbo *ir* deve ser sempre transcrita como *ir*.

- a variante [w] deve ser registrada: *felvendo, nelvoso*.

##### d) /N/

- deve-se registrar a redução dos ditongos nasais em final de palavra: *viage, bença, correro*.

e) A inserção de uma vogal, criando uma nova sílaba (CVC > CVCV): *dificuldade; tale*.

##### f) semivogais

- Redução de ditongos, tanto em posição final, quanto em posição medial, utilizando o acento circunflexo na sílaba tônica.

Ex.: *matô; côro; poquinho; cantê; dêxa*.

#### 2. Padrão silábico CCV

a) Redução do grupo (CCV > CV): *cumpade, ôto, péda*.

b) CCV > CVC: *percurar*.

c) CVC > CCV: *preguntô; drumença*.

d) CCV > CVCV: *fulô*.

#### 3. Outros fatos que devem ser registrados



### 3.1. Em relação às vogais

a) Abaixamento das vogais altas em distribuição não acentuada.

Ex.: *deferente* por **diferente**.

b) Redução específica de certos ditongos como em *truxe* [trusi] por **trouxe**, em que ocorre também a elevação da vogal.

c) nasalização.

Ex.: *ingual* por **igual**; *ingnorância* por **ignorância**.

d) usa-se o acento de timbre para indicar uma realização distinta da normal.

Ex.: *interésse* por **interesse**.

e) Troca de e ou en por a ou an, *vice-versa*.

Ex.: *antão* por **então**.

f) troca de vogal posterior pela anterior, em distribuição átona final.

Ex.: *quande* por **quando**; *divide* por **devido**; *tem* por **tenho**.

g) ditongação.

Ex.: *saudia* por **sadia**.

### 3.2. Em relação às consoantes

a) o "ieísmo".

Ex.: *muié* por **mulher**; *véizim* por **velhozinho**; *trabaio* por **trabalho**.

b) o rotacismo.

Ex.: *pranta* por **planta**; *prantação* por **plantação**.

### 3.3. Inserção e supressão de segmentos fônicos

a) inserção de segmento no início do vocábulo.

Ex.: *ieu* por **eu**; *amontá* por **montar**; *evém* por **vem**.

b) supressão de segmento no início do vocábulo

Ex.: *'bservano* por **observando**; *'djutóro* por **adjutório**; *'cabô* por **acabou**;  
*'fraquiceno* por **enfraquecendo**.

c) supressão de segmento no final do vocábulo, com a utilização do apóstrofo quando ocorrer junção com vocábulo posterior.

Ex.: *quan' nada*; *den' de*; *des' tamanho*; *pó' dèxá*.

c) redução de terminações verbais.

Ex.: *cantaro* ou *cantarum* por **cantaram**; *brincano* por **brincando**.

d) redução do morfema de diminutivo.

Ex.: *véim* por **velhinho**; *urim* por **ourinho**.

e) redução do ditongo /ãw/.

Ex.: *Som Paulo* por **São Paulo**.

f) redução de proparóxítonas, bem como das falsas proparoxítonas, com a manutenção do acento para facilitar o entendimento da forma, quando necessário.

Ex.: *épa* por **época**; *lâmpa* por **lâmpada**; *abróba* por **abóbora**; *estâumbo* por **estômago**; *remédo* por **remédio**; *criatóro* por **criatório**; *muléstra* por **moléstia**.

g) A combinação de fatos acima mencionados, com a utilização do acento de timbre para evitar ambigüidade, quando for o caso.

Ex.: *quês* por **aqueles**; *véi* por **velhos**; *fî* por **filho**; *ói* por **olhe**.

h) aglutinação.

Ex.: *nestante*; *vumbora*.

## CHAVE DE CODIFICAÇÃO

### O USO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES RELATIVAS

#### VARIÁVEIS

**Variável Dependente:** o uso do modo subjuntivo em orações relativas

### 1. Forma verbal

- (+) forma do subjuntivo
- (-) forma do indicativo

## Variáveis Lingüísticas Explanatórias

### 2. Tipo de oração relativa

- (x) explicativa
- (r) restritiva

### 3. Nível de referência do antecedente

- (g) genérico [-específico]

Ex.: Eu não acredito nos alunos, que eles adoram falá mal de professor.

O homem, que é um ser racional, é o único animal que possui linguagem articulada.

Eu não tenho um colega que saiba falar inglês.

Eu quero um livro que contenha iluminuras medievais.

Eu queria um livro que contivesse gravuras medievais mas já não se vendem mais esses livros.

- (i) indefinido [+específico, -definido]

Ex.: No semestre passado, eu reprovei uns alunos que não queriam nada.

Hoje eu vi um homem que devia ter dois metros e meio de altura.

Eu tenho um colega que fala japonês.

Eu comprei um livro que continha iluminuras medievais.

- (d) definido [+específico, +definido]

Os alunos que reprovei entraram com mandato de segurança.

Eu vi aquele homem que você conheceu ontem.

O meu colega que falava japonês morreu.

Eu quero o livro que contém iluminuras medievais.

#### 4. Nível de realidade da predicação contida na oração relativa

(C) contrafactual (com negação na relativa)

Ex.: Eu não conheço um home que não seja machista.

(I) irreal (impossível)

Ex.: Eu não conheci um homem que fosse sensível a essas coisas.

(H) hipotético (possível)

Ex.: Eu busco um homem que me compreenda.

(R) real, pressuposto ou factual

Ex.: Eu conheci um homem que é muito amável.

#### 5. Estrutura da oração em que a relativa está encaixada

(M) Oração com locução verbal com verbo modal

Ex.: *Ela precisa/deve/pode/quer/pensa em encontrar uma pessoa que a compreenda/?compreende.*

(N) oração com assertiva contrafactual (oração negativa)

Ex.: *Ela não encontrou uma pessoa que a compreendesse/?compreendia.*

(E) oração negativa com verbo existencial

Ex.: *Não há lá uma pessoa que a compreenda.*

(V) Oração afirmativa absoluta simples

Ex.(1): *Ela conheceu poucas pessoas que a compreendessem/compreendiam de verdade.*

Ex.(2): *Ela procura uma pessoa que a compreenda/compreende de verdade.*

(D) Oração coordenada sindética afirmativa simples

Ex.: Ela buscava uma pessoa sensível mais casou com um homem que era um grosso.

(C) Oração adverbial concessiva

Ex.: Ela foi feliz embora não encontrasse um homem que a compreendesse.

(T) Temporal

Ex.: ela se sentirá melhor quando encontrar uma pessoa que a compreenda.

(S) Condicional

Ex.: Ela ficaria melhor *se encontrasse uma pessoa* que a compreendesse.

(A) oração subordinada adverbial de outra natureza

Ex.: Ela procurou tanto que encontrou o home que amava.

(R) oração reduzida com valor adverbial

Ex.: Ela ficaria melhor *encontrando uma pessoa* que a compreendesse.

(Q) oração relativa

(B) Oração subordinada substantiva (completiva)

## 6. Tempo do verbo da oração em que a relativa está encaixada

(p) presente do indicativo

(t) pretérito perfeito do indicativo

(y) pretérito imperfeito do indicativo

(q) pretérito mais-que-perfeito (composto) do indicativo

(v) futuro do pretérito do indicativo

(f) futuro do presente do indicativo

(i) infinitivo

(g) gerúndio

(d) particípio (forma autônoma)

Ex: Feitos os trabalhos que forem necessários, a nossa missão estará cumprida.

(r) presente do subjuntivo

(w) imperfeito do subjuntivo

(o) futuro do subjuntivo

## 7. Tempo do subjuntivo previsto no uso culto

(F) futuro do subjuntivo

(P) presente do subjuntivo

(I) imperfeito do subjuntivo

## 8. Tempo da forma verbal da oração relativa

- (1) futuro do subjuntivo
- (2) presente do subjuntivo
- (3) imperfeito do subjuntivo
- (4) presente do indicativo
- (5) pretérito perfeito do indicativo
- (6) pretérito imperfeito do indicativo
- (7) pretérito mais-que-perfeito (composto) do indicativo
- (8) futuro do pretérito do indicativo
- (9) futuro do presente do indicativo

**9. Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação**

- (@) anterior ao momento da enunciação
- (%) simultâneo ao momento da enunciação
- (&) posterior ao momento da enunciação

**10. Concordância verbal de número e pessoa (somente para relativas de sujeito)**

- (:) com concordância  
Ex.: Ela ficaria melhor se encontrasse **pessoas** que a compreendessem.
- (;) sem concordância  
Ex.: Ela ficaria melhor se encontrasse **pessoas** que a compreendesseØ.
- (/) não se aplica

**11. Morfema Flexional de número e pessoa**

- (!) **canto - cantei**
- (&) **cantamos**
- (/) Todos os outros casos em que não há morfema de concordância

**12. Morfologia verbal**

- (R) verbo regular  
Ex.: ela não encontrou uma pessoa que guardasse/guardaria o segredo.

(I) verbo irregular

Ex.: ela não encontrou uma pessoa que quisesse/queria acompanhá-la..

## **Variáveis Sociais**

### **13. Sexo**

(H) Homem

(M) Mulher

### **14. Faixa etária**

(1) F I – 21 a 40 anos

(2) F II – 41 a 60 anos

(3) F III – de 60 a 80 anos

(4) F IV – mais de 80 anos

### **15. Estada fora da comunidade**

(#) Viajou

(\*) Não viajou

### **16. Nível de Escolaridade**

(@) Analfabeto

(\$) Semi-analfabeto

### **17. Comunidades**

(c) Cinzento

(h) Helvécia

(r) Rio de Contas

(s) Sapé

**CHAVE DE CODIFICAÇÃO**  
**O USO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS**

**VARIÁVEIS**



**Variável Dependente:** o uso do modo subjuntivo em orações completivas

### 1. Forma verbal

(+) forma do subjuntivo

(-) forma do indicativo

### Variáveis Lingüísticas Explanatórias

#### 2. Função sintática da oração completiva

(s) Sujeito

Ex.: Me grada que você esteja/está aqui.

(d) Objeto direto

Ex.: *Eu penso que ela esteja/está certa.*

(c) Complemento nominal

Ex.: A idéia de que você esteja/está do meu lado me conforta.

#### 3. Tipo da oração em que a completiva está encaixada

(A) Afirmativo

Ex.: *Eu penso que ela esteja/está certa.*

(N) Negativo

Ex.: *Eu não penso que ela esteja/está certa.*

(I) Interrogativo

Ex.: *Você tem dúvida de que eu esteja/estou falando a verdade?*

(C) Condicional

Ex.: *Se ele achasse que a Maria estivesse/estava em casa, ele teria ido lá buscá-la.*

(V) Oração com verbo modal

#### 4. Tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada

(só vale para orações completivas objetivas diretas)

(v) volitivo (querer, desejar, esperar, etc.)

- (a) avaliativo (gostar, odiar, lamentar, suportar etc.)
- (d) declarativo (dizer, declarar, etc.)
- (k) cognitivo (pensar, achar, crer, duvidar, imaginar etc.)
- (p) perceptivo (ver, perceber, parecer etc.)
- (i) inquiritivo (pedir, perguntar, solicitar etc.)
- (o) optativo (querer, desejar, tentar etc.)
- (f) causativos (mandar, permitir, deixar, impedir etc.)

### **5. Tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada**

- (p) presente do indicativo
- (t) pretérito perfeito do indicativo
- (y) pretérito imperfeito do indicativo
- (q) pretérito mais-que-perfeito (composto) do indicativo
- (v) futuro do pretérito do indicativo (formas compostas também: ia dizer)
- (f) futuro do presente do indicativo (formas compostas também: vou mandar)
- (i) infinitivo
- (g) gerúndio
- (d) particípio (forma autônoma)

Ex: Feitos os trabalhos que forem necessários, a nossa missão estará cumprida.

- (r) presente do subjuntivo
- (w) imperfeito do subjuntivo
- (o) futuro do subjuntivo

### **6. Tempo do subjuntivo previsto no uso culto**

- (F) futuro do subjuntivo
- (P) presente do subjuntivo
- (I) imperfeito do subjuntivo

### **7. Tempo da forma verbal da oração completiva**

- (1) futuro do subjuntivo
- (2) presente do subjuntivo

- (3) imperfeito do subjuntivo
- (4) presente do indicativo
- (5) pretérito perfeito do indicativo
- (6) pretérito imperfeito do indicativo
- (7) pretérito mais-que-perfeito (composto) do indicativo
- (8) futuro do pretérito do indicativo
- (9) futuro do presente do indicativo

### **8. Avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva**

(\$) ocorrido

Ex.: Eu vi que o João caiu do cavalo.

(;) pressuposto

Ex.: Eu acho que o João está doente.

(!) (in)desejado

Ex.: Eu não quero que você trabalhe, eu quero que você estude.

(\*) irreal

Ex.: Ele queria que o filho estudasse, mas o menino fez vestibular para direito.

(#) hipotético

Ex.: É provável que ele já tenha feito o trabalho.

### **9. Localização temporal do evento expresso na oração completiva em relação ao momento da enunciação**

(@) anterior ao momento da enunciação

(%) simultâneo ao momento da enunciação

(&) posterior ao momento da enunciação

### **10. Concordância verbal de número e pessoa**

(:) com concordância

Ex.: Eu penso que as crianças estejam/estão em casa.

(;) sem concordância

Ex.: Eu penso que as crianças esteja/está em casa.

(/) não se aplica

### **11. Pessoa do discurso**

- (!) 1ª pessoa do singular
- (@) 2ª pessoa do singular
- (#) 3ª pessoa do singular
- (\$ ) 1ª pessoa do plural
- (%) 2ª pessoa do plural
- (¨¨¨) 3ª pessoa do plural
- (&) impessoal

### **12. Morfologia verbal**

(R) verbo regular

Ex.: Eu não acho que ela trabalhe/trabalha muito.

(I) verbo irregular

Ex.: Eu não acho que ela quer/queira voltar.

### **Variáveis Sociais**

#### **13. Sexo**

(H) Homem

(M) Mulher

#### **14. Faixa etária**

- (1) F I – 21 a 40 anos
- (2) F II – 41 a 60 anos
- (3) F III – de 60 a 80 anos
- (4) F IV – mais de 80 anos

**15. Estada fora da comunidade**

(#) Viajou

(\* ) Não viajou

**16. Nível de Escolaridade**

(@) Analfabeto

(\$ ) Semi-analfabeto

**17. Comunidades**

(c) Cinzento

(h) Helvécia

(r) Rio de Contas

(s) Sapé

**PROJETO *VERTENTES***  
**LOCALIDADE DE SAPÉ – BA**

**INFORMANTE 05**

**NOME:** Balbina Francisca dos Santos **SEXO:** F **IDADE:** 53 anos

**NASCIMENTO:** Sapé                      **PAIS:**  
**NÍVEL DE ESCOLARIDADE:** Semi-analfabeta  
**ESTADA FORA DA COMUNIDADE:** Salvador ( 1 ano)  
**REVISÃO FINAL:** 02/04/04

INF(05): Lurde já foi.

CIRC(01): Mas Raimundo tá esperando ININT lá.

INF (05): Mas ININT quisé i(r) lá também naí embaxo tem casa tamém.

DOC(01): A gente vai lá daqui a pôco.

INF (05): É, num empata não.

DOC(01): Empata não, né?

INF (05): Não.

DOC(01): Comé que é seu nome?

INF (05): Balbina Francisca dos Santos.

DOC(01): É, Balbina e quantos an... quantos anos cê tem?

INF (05): Cinqüenta e três.

DOC(01): Cinqüenta e três? E cê estudô?

INF (05): Estudei, mas num preni nada, somente assiná o nome.

DOC(01): É? Felipe, pega um refrigerante. Tem dinhêro aí?

CIRC(02): Não.

DOC(01): Não? Den' do carro?

CIRC(02): ININT

DOC(01): É, estudô quanto?

INF (05): Estudei assim ba... da idade assim treze, doze ano.

DOC(01): Doze anos foi?

INF (05): Sim, foi sa....

DOC(01): Mas cê... cê lê?

INF (05): Não, nome assim eu digo, mas muntcho não.

DOC(01): Não?

INF (05): Não. Só mermo, só... só sei siná o nome que eu fiz tito de... de eitor, todo ano eu voto.

DOC(01): Hum...

INF (05): Esse ano mermo, eu já votei duas vez.

DOC(01): Esse ano duas vez foi?

INF (05): Foi, se aí teve o segundo turno.

DOC(01): É memo?

INF (05): Foi. AQUI teve segundo turno, podia ficá aquele...

DOC(01): E quantos filhos cê tem?

INF (05): Os morto num pode botá em conta tamém?

DOC(01): Pode né. Qué dizê quantos teve e agora quantos são vivo, né?

INF (05): Vivo tem dez e morto mermo tem... duas perca, tem um de nove que compretô os nove mês, passô o dia de nascê e morreu, nasceu assim onze hora do... da noite e onze hora do dia morreu.

DOC(01): É?

INF (05): E tem um, foi dia de domingo nasceu, chama Domingo, um foi Manoel, fora o... só esses morto, viu? E o ôto nem o nome eu num botei que foi minha tia que botô lá num... na taboca em Valença que gente errô lá que ele nasceu no caminho.

DOC(01): É?

INF (05): Foi, que eu fiquei muito ruim pa nascê, fiquei otcho dia. Ele começô ficá, eu comecei ficá ruim dele num dia de domingo, num dia de domingo assim que nem hoje de tarde aí eu fui pa casa, meu tinha que avisá pa... pa minha mãe mora ali. Aí me deu vontade de comê uma fava, eu fui catá esse pé de fava, catei a fava, levei pra casa, fui comê no ôto dia. Quando cheguei em casa, fui descascá a fava pa comê, aí de noite eu vi uma ININT o menino tava... tinha morrido, tava morreno.

DOC(01): Foi por causa da fava?

INF (05): Foi, eu num comi logo no mermo dia.

DOC(01): Ah!

INF (05): Foi por causa do carajé, minha fia.

DOC(01): Do acarajé?

INF (05): Foi. Eu tinha... foi tia Ca que mora lá no ININT de seu Marinado mermo.

DOC(01): Hum.

INF (05): Aí ele era... era noiva de meu irmão, disse assim: “ Ó, Lucia, vai pa lá, tu compra um carajé e traz aqui pr’eu comê esse carajé” que eu tinha... tava na casa de farinha. Aí lá foi. Quando foi tarde já troxe o carajé, deu meu irmão que ela tava namorano com ele, que era noivo. Aí ela pegô esse carajé, por causa de me dá todim p’eu comê, pegô e num dividiu. Aí elam e deu um pedacinho eu num quis, queria o acarajé todo. Aí minha irmã mora ali embaxo tamém, minha irmã Jura. Aí só assim tu pede uma mulé que a mulé te dá. A mulé passô assim na estrada assim tava de junto. Tu pede um pa mulé que ela te dá. Eu disse: eu num quero... eu num vô pedi não, Jura. Aí, minha fia, eu num pedi o carajé, eu num comi o carajé, quando foi de tarde que eu cheguei em casa, fui da casa de minha mãe, tinha viajadao pa Lapa, aí chegô em casa logo a pancada. Aí ficô, ó, eu urinei a noite toda sem... sem tê a vontade aí mãe tinha saído que era ... que ela pegava menino tamém, aí a mulé, Carmelita, que mora ali num quis resolvê nada, num fui pa roça, fiquei ... fiquei o dia de domin... domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta quando mãe chegô no ôto dia que mãe me levô pa Valença, de sex... de sábado. Aí já tava dando já... já tava ruim mesmo, chegado lá careceu me fazerem o parto, o menino tinha nascido, eles fizeram coletagem ININT po restante despachá.

DOC(01): É?

INF(05): Foi. Aí tamém desse dia em diante comecei... fiquei ruim, que a pressão minha sobe muntcho, eu fico é ruim. Qualqué coisinha co me enraivá...

DOC(01): Hum?

INF(05): ... se uma pessoa me dizê uma coisa aí, eu me enraivo mesmo, Ave Maria, só vô... só eu... só quero ir em cima pa lascá aquela pessoa.

DOC(01): É mesmo?

INF(05): ININT. É verdade. Essa semana, meu marido me abandonô por causa de uma... daquela mulé... num tinha aquela venda ali?

DOC(01): Hum?

INF(05): Num tinha aquela casa adiante?

DOC(01): Sim.

INF(05): Ele morava lá embaixo... essa venda é dele aí, ele ficô c’uma mulé, ca prima de... ela ficô... ele tá com a prima do meu irmão, irmão de criação e primo. Ave Maria, chegô semana lá e me disse muitas coisa, queria... eu queria logo matá ele.

DOC(01): E por que?



INF(05): Porque ele tá com ela. Ele me... três ano, minha fia, com ele...

DOC(01): Três anos?

INF(05): ... com ela e me enganano den de casa com eu e me enganano com ela só no hotel, em Valença, curtino com ela e o marido dela tá ali, tá até doente.

DOC(01): É? Quem é o marido dela?

INF(05): Cecílio.

DOC(01): É? E cê se dá bem com ele?

INF(05): Eu falo que é meu primo, irmão de criação, ôxe.

DOC(01): E quantos anos ele tem, cê sabe?

INF(05): Num sei, não. Ele é meu... ele tá na cama, tá doente, ele é meu..., Ave maria, meu irmão, eles consideram muito, Ave Maria, já gosta dele. Ele... minha mãe tomô ele causa que a mãe dele morreu, tomô pequenininho que era tudo parente, aí tomô e criô ele, aí depois que juntô tudo, começô a namorá. Aqui tem muita gente casada com primo.

DOC(01): Tem, né?

INF(05): Tem primos e irmão e eu num quise casá com minha família... com meu sangue, fui percurá um longe. Esse marido meu mora no Rapa-Tiçã. O irmão dele hoje teve aqui, conversô com eu, tem ôto ININT que é compade meu, que batizô meu menino e gosta muito de eu e a mulé com ele, minha fia, den' de Valença aqui cara com cara com marido e com ele. Ele diz assim: “ ó, João isso fica feio, cê casá com a mulé de meu irmão e seu amigo, que era o maió amigo dele. Quando foi a semana passada, minha fia, ele escondia, escondia, uma pessoa disse a ele que... que era verdade mermo, aí ele nem aí num tá, quem tá tomano conta da venda é o filho. Essa venda aí foi... já foi complicada des de Credionô.

DOC(01): É? Era dele?

INF(05): Foi de Cradienô, que mandô lá em São Marinado, cê lembra?

DOC(01): Quem?

INF(05): Cradienô que morô em Marinado.

DOC(01): Ah, sim.

INF(05): Ele... essa menina, a parenta dela pegô, tava com o mari... com Cradionô aí nessa venda mermo.

DOC(01): O marido de quem?

INF(05): De Néma, Néma.

DOC(01): E quem é Néma?

INF(05): Que foi a mulé de Cradienô que morava no São Marinado.

DOC(01): E aí tava namorano quem?

INF(05): Cormira, aí largô.

DOC(01): Com Ormiro?

INF(05): Cormira, aí largô...

DOC(01): O Ormiro é filho de quem?

INF(05): De a mulé que morreu, é parente de Marim.

DOC(01): É?

INF(05): É. Essa venda já é complicada. Quando foi agora, o meu chegô, comprô, ficô aí, depois ele foi e comprô, fez a mesma coisa comigo.

DOC(01): Hum?

INF(05): Essa venda teve tiro, deu bandido aí, ó.

DOC(01): É mesmo?

INF(05): Ali tinha um rapaz.... ali tinha um rapaz paralítico que o rapaz... que atirô nessa venda aí, ó. Tá paralítico ININT pa casa lá em Dô. Cê vai vê o rapaz páralítico, dessa venda daí mermo que ele vêi e ficô paralítico.

DOC(01): É mesmo?

INF(05): É

DOC(01): E cê sabe comé que foi isso, não?

INF(05): Do tiro?

DOC.(01): É.

INF(05): Foi bandido.

DOC(01): Foi bandido e comé que foi isso?

INF(05): Foi. Ele vêi robá aí na venda, ainda atirô num irmão meu que ININT, aí atirô ainda ele num saiu do lugá, foi tiro e os dois rapaz atirô na venda de meu irmão ali. É Lalá... e.

DOC(01): E quando foi isso?

INF(05): ...Lalá... e Ontoim, dois irmão. Tá to... um tá com tiro aqui, a bala tá aqui, num tirô e o ôto ficô... a bala estorô, foi daquela dudum.

DOC(01): Me diz uma coisa, cê diz que aqui todo mundo é... casa com primo... primo...

INF(05): Casa, casa com primo ININT

DOC(01): ... e você escolheu um de fora.

INF(05): Foi, peguei um de fora e ela foi e tomô meu marido. Eu mais ela começamo a namorá, eu, ela e minha irmã Jula, tudo junto, se ia pa uma festa, ia tudo, tudo... tudo numa ININT tudo contente, amiga. Eu comia no prato mais ela ININT comida já sabeno ela tava com ele já ININT.

DOC(01): É mesmo, é? E ele falô o que pra você?

INF(05): Ele falô que ele largô, tá atrás dela.

DOC(01): Tá com ela já?

INF(05): Num tá, mas vai ficá, agora só que eu num quero, eu num quero e vô... e vô... depois vai tê muitas coisa que eu num vô querê. Sabe por que?

DOC(01): Hum?

INF(05): Meu fio, ela é minha prima, o marido dela é minha prima, ela é casada cum primo dela. Ela vortô... pegô... meu fio casô com a fia dela, vortô e tirô, tá com o sogro da fia.

DOC(01): Ela tá o que?

INF(05): Com o sogo da fia.

DOC(01): Ela tá o que, morano?

INF(05): Num tá, mas já andô muntcho, minha fia.

DOC(01): Também?

INF(05): Com essa... essa... esse tal meu marido.

DOC(01): Hum?

INF(05): Meu... meu marido é... é meu mermo e agora o marido dela é meu primo.

DOC(01): Isso.

INF(05): meu fi... ela tem uma fia, a fia dela é casada com meu fio e ela fez isso.

DOC(01): Entendi agora.

INF(05): Tá veno?

DOC(01): Você é filha de quem?

INF(05): De Andelina, aquela dali.

DOC(01): Ah, você é filha de dona Adelina?

INF(05): É daquela véia.

DOC(01): Já conversei com ela.

INF(05): Ah, pois é fia... eu sô fia dela.

DOC(01): É?

INF(05): É, temo cinco... cinco... tlês... dois home...é tlês home e quato mulé.

DOC(01): É?

INF(05): É que ela teve. E eu já tenho dez fio, tá tudo ININT, ai, minha fia, tô com a cabeça quente desses menino.

DOC(01): É?

INF(05): É.

DOC(01): E me diga uma coisa, comé que você ficô sabeno da história?

INF(05): Gente me disse.

DOC(01): Ah e cê num viu, não?

INF(05): Gente me di... eu mermo vi. Eu peguei ela den'da venda sozinha.

DOC(01): Com ele?

INF(05): Peguei den'da venda, diz que ele é mentira.

DOC(01): E aí? Cê fez o quê?

INF(05): Eu num fiz nada. Só o que podia fazê é que eu disse ele: ó, só num já matei tu e ela cause que eu num tenho revolve bom. Só que eu tentei inda matá ele, mas só que ele pegô o revolve, meus menino tomô que os menino num gosta de briga, aí tomô. Gente, a mulé mermo disse ININT tinha matado todo os dois.

DOC(01): mas aí você fica...

INF(05): mas já tô já com cinqüenta e três ano.

DOC(01): Sim, mas vai querê passá os cinqüenta e três ano presa?

INF(05): Ficava pôco.

DOC(01): Num pode, num vai ficá presa, né?

INF(05): É, num pode ficá não. Agora tô rezano pa entregá pa Deus que Deus vai resolvê isso tudo.

DOC(01): Deus, também acho.

INF(05): Resolve, né? Deus é justo, resolve tudo.

DOC(01): É.

INF(05): É, eu desconfiava, minha fia, a pessoa tem seu marido desconhe... descon... desconfia do mari... da pessoa mermo den'de casa.

DOC(01): Por que? Quê que ele fazia?

INF(05): Eu desconfiava que ele saía com ela e num tinha nada comigo den' de casa e antes de me largá.

DOC(01): Antes de que?

INF(05): Antes de largá.

DOC(01): Por que? Quê o que você via que ele fazia de diferente?

INF(05): Eu desconfiei, minha fia, eu desconfiei, sem... sempe eu dizia pa s amiga, mas a s amiga num... num dizia que era verdade.

DOC(01): Mas você desconfiava por quê?

INF(05): Poque era fim da relação mermo den' de casa com ele.

DOC(01): É?

INF(05): Era.

DOC(01): Ele ficô mais grosso, foi o que?

INF(05): Ele ficava mais grosso, ficava discutino com eu, me dexava passá na vida com fome, só no caminho de Valença com ela. Todo cocó que tirava, só pegava, trazia pa venda e se mandava, aí sempe eu conhecia. Eu mermo falei pa ele, ele disse que era mentira. Ele num creditava que eu tava já de suspeita dele. Ele disse que era mentira e adepois gente disse que era verdade mermo.

DOC(01): Era?

INF(05): Era, minha fia, ela... ele tinha muito gado. Você vê que a pessoa pegá um sangue den' de casa, próprio sangue pa tá andano com aquele sangue. Ele tinha umas cabeça ININT parte lucro. Ele num era muito ruim de... num era cínico. Ele, quando a gente casô, a gente pa tê as coisa comia farinha com sal, logo vêi a menina mais véia que quando eu vi morar com ele já tava grávida. A gente ia fazeno as coisa, eu tava... rapava farinha ININT raspava mandioca pa tê as coisinha, pa ajudá no leite da menina, a minha fia mais véia, a Romilsa, que ela tinha uma meninazinha, de seis ano a menina de hoje, tava com seis mês. Aí ia fazeno as coisa tudo pa ajudá, numa boa. Ele era doente eu cuidava dele mais do que meus próprio fio. Quando foi que ele deu dinhêro pa vagabunda, pa dá dinhêro pa vagabunda, pronto. Aí conheci logo, vi logo a diferença.

CIRC(01): É? ININT.

INF(05): Ali na venda de meu cun... de meu irmão tem.

DOC(01): Então vá buscá lá, vá buscá lá.

INF(05): Aí, minha fia, foi...tinha vezes eu ficava ni casa com fome e ele pegava o dinhêro pa ir po... po... po hotel mais ela curti em Valença e marido em casa e eu sem sabê de nada.

DOC(01): Põe aí, cê divide com ela.

INF(05): Vá buscá o copo ali.

CIRC(02): Hum?

INF(05): Eu num quero nem dá a ela.

DOC(01): Não? Por quê? Ele vai buscá ôtra.

INF(05): Ela ficô o mês passado com febre direto assim e ela ia lá pa Savadô. Aí ficô eu. Um dia mermo ele chegô de Valença com ela, vêi cum bocado de caranguejo...

DOC(01): Hum?

INF(05): ... aí chegô lá, mandô preu tratá. Eu disse: num vô tratá esses caranguejo não. E num tratei mermo, aí...

DOC(01): Que que ele fez?

INF(05): Eu num quise não. Aí eu tava chorano com fome, minha fia, eu tava comeno farinha com... cum negoço lá que eu nem sei mais o que foi, aí ele viu eu chorano “ ah tu num tá passano fome ainda”, já sabeno que eu tava... tava com ele e ela tava com uma fia, tinha uma fia encostada, minha fia, ININT e vende revista e fazeno isso com a própria prima. Só que os fi...as fia dela é tudo cronta mermo e minha cunhada mermo, que eu tenho um irmão casado cum a fia dela, é cronta ela. E aí num qué que ela mora má... má o marido dela.

DOC(01): Sim e ela qué voltá po marido dela de volta? Num qué ficá com o seu não?

INF(05): Ela num pode ficá não, que num pode. Comé que ela vai ficá com próprio sangue da fia? Comé que os neto vai chamá, que ela tinha duas netinha, vai tirá três. Comé que as menina vai chamá? Ele de avô e ela? Que tomô o próprio cunhado da fia, tomô o sogro da fia. Comé que ela pode ficá? Todo mundo tá achano... todo mundo da religião da igreja tá achano errado.

DOC(01): E que... que igreja cê vai? A Católica?

INF(05): É.

DOC(01): É?

INF(05): Sempre eu gosto de ir na igreja dos crente assim, aí eu sô mais a de cá mermo.

DOC(01): Aquela igreja ali que tem ININT.

INF(05): É que a minha religião é aquela. Sempre eu vô na ININT que é também que eu gosto, viu? Que eu acho bonito ININT.

DOC(01): É? Ah, sim. E o que que você gosta de lá?

INF(05): Eu gosto dos consei que eles dá e eu acho bonito mermo as música que eles conta na igreja. ININT lá tem uma igreja dos crente, é sempre eu já fui lá uma vez, sempre ni vaze tamém eu vô quando eu vô ININT. É pertim da cada de minha fia que é casada.

DOC(01): É?

INF(05): É.

DOC(01): E me diga uma coisa,e o... comé que tá o marido dela?

INF(05): Ele tá doente, tá na cama, tá c'uma dô nas perna que num se guenta.

DOC(01): É?

INF(05): Já tá ino po médico que a menina levô mermo essa que tá... minha nora que tá grávida levô ele sexta-fêra, vai levá quinta-fêra pa ir pa ôto médico. Aí agora eu fui lá conversá com ele, eu pedi a eles assim: pra semana que cê fô, você vai... vai falá po... po médico dá um atestado pa você encostá, pa ficá me aguentano sem trabaiá. Porque ele trabaia de enxada e ele num guenta trabaiá por causa das perna. Aí eu falei pa ele pedí um atestado po médico pa encostá ele, que aqui encosta. Eles dão benefiço assim. Ele dá benefiço assim uma ano, seis mês. Eu mermo vô vê que eu vô amanhã, eu quero ir em Valença tamém que eu vô me encostá . Eu quero encostá que o probema ... eu sinto um probema de dô de cabeça, eu sinto o açuca no sangue.

DOC(01): É?

INF(05): É. E sinto quarqué coisa me dá aquele nevoso brabo que eu só faço tomém... onte mermo... onteonte mermo eu tomei um monte de comprimido. Eu tomei três de vez porque minha pressão subiu logo assim e encheu. Qualqué coisinha assim tomá raiva, se eu brigá com você aí daí a pôco pronto. Até sangue na minha boca vem.

DOC(01): Aí a pressão sobe?

INF(05): É. Sobe logo.

DOC(01): Comé que cê sabe?

INF(05): Por causa que vem sangue e eu sinto logo que ela subiu. A veia sobe, a cabeça dói, eu fico sem paciência, é tanto que a meninazi... tem uma meninazinha em casa assim que eu tô dizeno, quando ela sai que eu tô com a pressão alta, eu digo: Ah ININT toma conta da menina que eu tô com a cabeça ruim. Aí ela já sabe logo. Lelita!

DOC(01): E me diga uma coisa... é... e... e sua filha que casô... que é casada, comé que ela fa... comé que ela reagiu a isso?

INF(05): A qual que cê tá falano?

DOC(01): A que é casada com o filho dele. Qué mais? Qué mais refrigerante?

INF(05): Ela num reagiu... ela num faz nada não. Ela fica quietinha, só quem conversa é eu. Ela aí num vai dizê que eu tô errada. Ela já tá veno que eu ando toda adoentada, num faz nada.

DOC(01): ININT pra mim.

INF(05): Ói aqui o dela.

DOC(01): Ui, o banco caiu.

CIRC(02): Me dê que eu levo ele.

DOC(01): Ah, cê leva?

INF(05): A gente vai ficá aqui. Vamo pra lá, é?

DOC(01): Vamo ficá aqui. Não, vamo ficá aqui mermo.

INF(05): Eu vô ficá aqui.

DOC(01): Não, ela vai trazê o refrigerante aqui.

INF(05): Ó o copo seu ali, ó o copo seu ali. Bota pa ela ói, pa sua mãe.

DOC(01): Traz pra mim aqui o copo.

INF(05): É seu fio, é?

DOC(01): É meu filho, é. Ôpa!

INF(05): Tinha dois nartural ali em cima. Então toma aí. Aí vai fazê a pesquisa aí.

DOC(01): É, vamo vê aqui. Me diga uma coisa... sua filha, ela tá... ficô muito chateada com isso? A que é casada com o filho dele?

INF(05): Não, ela num liga muito não. Ela num importa não. Só a que fica mais chateada mermo é a daí da venda.

DOC(01): Ham? A qual que fica chateada?

INF(05): A daí da venda.

DOC(01): A sua filha da venda?

INF(05): É minha cunhada, é filha dela tobém, casada com meu irmão.

DOC(01): Ah, casada com seu irmão.

INF(05): É aquele lá.

DOC(01): Ah, com seu irmão, eu sei quem é.

INF(05): Esse daí.

DOC(01): Eu sei, Augustinho, né?



INF(05): É casada com meu irmão.

DOC(01): Sei, e a senhora... me diga uma coisa, dona Balbina.

INF(05): Hum?

DOC(01): A senhora ia querê ele de volta?

INF(05): Queria.

DOC(01): Má por quê?

INF(05): Porque eu gosto muntcho dele.

DOC(01): E ia perdoá?

INF(05): Perdoava. Se ele largasse ela e voltasse pra mim, eu queria.

DOC(01): E tem possibilidade? Que que a senhora acha?

INF(05): Poque o amor é importante, né?

DOC(01): É? Quando a senhora casô com ele?

INF(05): Quantos tempo?

DOC(01): É.

INF(05): Tem vinte e oitcho ano.

DOC(01): É?

INF(05): É, vinte e otcho. Aqui a minha menina mais ININT quando eu fui embora mermo, já tava grávida. Aí ele foi po terreno de uma mulhé lá, aí num aceitei, num queria, aí eu disse: ói, eu tenho o terreno de meu pai, é pequeno, mas a gente vai fazê casa lá e tem que morá aí.

DOC(01): Hum?

INF(05): Aí ele vêi, fez casa, foi trabaiano os poquinho, aumentano o quintal. Ele foi comprano tamém os pedacinho, foi interano, aí tinha um pedacim de guaraná e tinha o cacau, o cacau tinha mais que o guaraná, aí todo dinhêro que ele pegasse, ele... de pemêro não, quando tava numa boa mais eu, contente, ele num pegava pa fazê isso não. Aí depois que ele deu pa tomá amizade a vagabunda, aí chegô, ele num gosta mais de mim não, gosta da... dela.

DOC(01): É?

INF(05): Da vida do amigo.

DOC(01): E ela é bonitona?

INF(05): Ela é sem cabelo.

DOC(01): Por que que cê acha que aconteceu isso?

INF(05): Num sei porque aconteceu. Só quem sabe é Deus, só que Deus vai torná fazê ele ficá com raiva dela.

DOC(01): É? E se ele voltá...

INF(05): Eu quero.

DOC(01): E ela? Que que... E se ele...

INF(05): Vai po dela que ele... ele aceita.

DOC(01): Ele aceita?

INF(05): Aceita. Ela tem a casa dela. Ela trabaiô em Ituberá. Sabe o que é Ituberá?

DOC(01): Hum, hum.

INF(05): Ela trabaiô em Ituberá. Mobiliaro a casa dela também. A casa dela num é todo rico que tem por aqui que a casa dela. Só você ino lá, pa ocê vê a casa.

DOC(01): É bonita, é?

INF(05): É. O que ela tem den' de casa, eu num tenho. Num vô dizê que eu tenho coisa, num tem mobila, minha casa é arrumada, tá lá pa todo mundo ir. E ele, depois que ela pegô com ele, as coisinha que tem foi quebrano uma a uma, quebrô tudo, lá em casa tá puro, sem nada. Se cê... você fosse lá em casa, eu mostrava a casa. Tá veno as coisa que... no mundo como é?

DOC(01): Cê acha que quebrô por quê?

INF(05): Ah, depois que ele chegô aí já comprô... que num dá certo, tá veno que Deus mum qué que ele coisa com ela. Por causa dela minhas coisa tá quebrano. A casa... e ela tá tudo ININT que tinha, quebrô tudo.

DOC(01): É? Cê tinha quebrô tudo, foi?

INF(05): Quebrô tudo assim, negoço de loiça, prato assim. Quando ele saiu mermo, dexô um bocado de coisa, lá em casa tá oco, dexô um armario muito bonito, mas quebrô tudo, tudo, tudo, tudo. E só tá haveno coisa den' de casa, Ebino briga. Um qué acabá com ôtro.

DOC(01): Quem? Na sua casa? Quem qué acabá com quem?

INF(05): Agora tem um sobrim meu que mora mais eu já com bocado de tempo assim, tá até ali dormino. A gente quando pegô, vêi um filho meu ININT que ele queria, minha fia, matá o... esse menino.

DOC(01): Por que?

INF(05): Por causa que ele deu um tapa nele.

DOC(01): Hum?

INF(05): Meu sobrim deu um tapa no meu fi, aí ele zangô. Parece que ele caiu aqui na casa de Maria, Maria jogô ele por ININT da cozinha, ali naquela venda.

DOC(01): Quando?

INF(05): Onte de noite. Onte de noite aconteceu isso, aí ele tá lá em cima na casa de uma mulé, aí eu mandei... eu quero que a menina vá o que tá ali, aquela morena. Fazê ele vim cá pa vê o que vai arrumá e o menino qué sai da casa? Tá ali, ele tá ali na venda, ele num qué saí, aí ele tem de ir lá pa vê o que que ele vai fazê poque eu só num vô guentá não, minha fia, tá muito forte pra mim, tá uma tempestada forte pra eu. Só mermo quem vai me ajudá é aquele Deus lá em cima.

DOC(01): Cê tá trabalhano?

INF(05): Eu trabaio um poquim assim.

DOC(01): Aonde cê trabalha?

INF(05): Na minha casa mermo.

DOC(01): Mas faz o que lá?

INF(05): Assim eu limpo o quintal, faço coisa den'de casa, os trabai de casa, de quando espiá a menina de minha fia, mas de premero, minha fia, tabalhava muntcho assim, eu e ele. A gente trabalhava muito mesmo de enxada, bastante.

DOC(01): Mas onde?

INF(05): No quintal da gente, eu tem muita farinha ali ni ININT farinha. Era assim... meu pai... premero quando eu morava mais meu pai comprava roça assim dos ôto pa gente estraçá tudo no cabo do rodo.

DOC(01): Comé que é?

INF(05): Estroçá o cabo do rodo, minha fia, manhecia o dia no cabo do rodo...

DOC(01): Hum, e fazia o que?

INF(05): Coano farinha, farinha manual.

DOC(01): Hum, e comé que faz essa farinha manual, fala pra mim.

INF(05): Tá de rodo mexeno assim, ó, mexe pa lá, mexe pa cá e tocano fogo no aguidal, daí a poco a farinha torra, aí a gente tira. A farinha mermo aqui pa comê é essa manual.

DOC(01): É?

INF(05): É. E graças aí torrâ farinha.

DOC(01): E pra torrâ... torrava e pra... pra...

INF(05): Botava o fogo.

DOC(01): ...pra ralá?

INF(05): Na ma... no mermo motô.

DOC(01): Hum?

INF(05): Nesse motô desse que torra farinha, quando ININT tinha aquele motô pequeno torrava, a prensa ININT enchuga a massa a merma coisa, vortava passava no motô, podia torrâ.

DOC(01): Hum?

INF(05): Era a farinha merma que tinha, que só comia essa farinha manual.

DOC(01): É. E agora você pra ganhá dinhêro vai fazê o que? Pra sustentá os filho.

INF(05): Só Deus que me ajuda, né? Aí eu quero ir mermo pa valença que o médico vai me encostá por causa do probema da doença que eu sinto e eu num posso mais trabaiá que eu trabaiá hoje, ói, minha fia, tinha dia que eu trabaiava de enxada. De noite eu num... se... se era a mandioca esse braço só falta estorá a uça de noite. Se eu raspá a mandioca.

DOC(01): E... e ele tá dando ainda a comida na sua casa, não?

INF(05): Ói, minha fia, o que ele manda pa mim, depois que largô, dez real por semana, dez real.

DOC(01): Hum?

INF(05): Aí a minha menina mais moderna, ela fez onze ano agora ni outubro, dia vinte e um, aí eu fiquei com raiva e tomei minha menina, tava aí na venda mais ele, mas aí eu tomei, minha filha caçula tomei.

DOC(01): A venda é de quem?

INF(05): Ali, ó, essa aí.

DOC(01): É dele?

INF(05): É dele, comprô na mão de Craudienô.

DOC(01): Ah, ele é dono da barra...dessa venda aí.

INF(05): É ele. Agora tá o menino tomano conta aí enquanto ele saiu, aí tá tomano conta.

DOC(01): E ele saiu há quanto tempo?

INF(05): Ele saiu semana.

DOC(01): Foi essa semana que aconteceu tudo, foi?

INF(05): Ah, aconteceu antes, minha fia, eu tô com ano certinha sozinha.

DOC(01): Tá com quanto tempo?

INF(05): Um ano.

DOC(01): Um ano que ele tá lá fora com ela?

INF(05): Que ele me largô, mora aí, ele mora aí e eu moro la ni... embaixo.

DOC(01): E ela?

INF(05): Ali na frente daquela casa lá.

DOC(01): Com o marido ainda ? Ela tava morando com o marido ainda?

INF(05): Tava morano com ele.

DOC(01): E quando que ela dexô o marido?

INF(05): Só que ele... ele agonava diz ele que era mentira. Era assim que ela morava, ia pa Valença, curtia lá mais ele, de tarde vinha vê ele. Vinha hoje, tanto fazia vim hoje como vim amanhã. Quando ele chegava era a mesma coisa. Ela vende revista, tira o dinhêro da menina, que tem uma menina doente. Aí ela tirava, ia curti com ele lá no hotel, no ôto dia vinha pa casa dele.

DOC(01): E quantos... quantos filho ela tem?

INF(05): Tem acho que é nove.

DOC(01): É?

INF(05): Tem Jessira, tem Chito, tem Jussilene, tem Soninha e tem essa menina muda e e tem mais ôtra tamém.

DOC(01): É?

INF(05): É.

DOC(01): Essa menina é o que?

INF(05): Muda ININT ela tem uma que é muda.

DOC(01): Ela tem uma que é muda, é?

INF(05): Mas só que a menina ficô muda, que ela falava, só que ficô muda causa que tomô uma vacina no corpo.

DOC(01): É mermo? Comé que foi isso?

INF(05): Deu febe aí, fico sem... perdeu a fala.

DOC(01): E com quantos anos? Cê sabe disso, não?

INF(05): Acho que treze ano, acho que é uns treze.

DOC(01): Isso. E... e num foi ao médico, nada?

INF(05): Foi, mas só que num fala mais não.

DOC(01): Fala mais não, né?

INF(05): Ela levô oito dia em cima da cama ININT miorô da febe, ficô para... sem falá. Ela fala, mas a ININT que cê num enetende a fala, só quem entende, só quem entende a fala mermo é ela. É tanto que ela pa chorá, aí ela levô pa casa lá ININT onde ela tá.

DOC(01): É mesmo? E me diga uma coisa: cê mora mais pra baixo, né?

INF(05): É a minha casa é ali, ó.

DOC(01): É?

INF(05): É pra baxo dessa daí.

DOC(01): E me diga uma coisa: cê num tem medo de assombração, não?

INF(05): Eu não.

DOC(01): Não? Por que? Alguém me disse que viu assombração no rio. Você acredita nisso? Você já viu alguém que fa... comentano que ... sobre isso?

INF(05): Eu pesco no rio todo dia, nunca vi isso.

DOC(01): Nunca viu, não?

INF(05): Ó, eu pesco direto.

DOC(01): E de noite cê anda por aí por esses mato fora?

INF(05): Eu saio, eu venho de minha casa, venho na casa de mãe e volto sozinha. Num tem assombração nenhuma aqui não.

DOC(01): Tem não?

INF(05): Que... aqui mermo não. Aqui só quando que diz que tinha era esse... como era?... lobisome.

DOC(01): Tinha? Quem disse isso?

INF(05): Diz que tem, mas lobisome, ele é a pessoa que vira lobisome pa chupá as criança sem batizá, mas é tudo é mentira.

DOC(01): Nunca sugô ninguém?

INF(05): Não, eu num credito nisso não. É tudo é... ó eu num tive medo, só senti medo mermo do casti... dos castigo de Deus.

DOC(01): É?

INF(05): É, eu mermo é. Mas ININT essas coisa, ói tem vezes que as trovoada troveja, se tivé com menino, eu fico, se tivé em casa, eu fico, merma coisa num tem medo não.

DOC(01): E me diga aqui: seus filhos, c~e teve como?

INF(05): Eu tenho, xo vê, Agenildo foi em casa, Juraci foi em casa, Romilso foi ni Valença que de primêro eu levei três dia ININT pa banhá ela. Levei três dia. Romilda tamém foi casa, aquela que tá ali, ela tá com vinte e sete ano. E xo vê, Orlando... Orlando tamém foi em casa. Teve quato menino em casa, agora Renilda... Jaciara foi em casa tomém, Roberto foi no de Valença, Aguinaldo foi em valença, renilda em Valença tomém.

DOC(01): E me diga : é melhó tê em casa ô tê em Valença?

INF(05): Lá em valença é mió que bota o soro, aí... agora em casa a gente demora muito. As mulé usa pa esquentá a dô é aquele bamburrá.

DOC(01): Hum?

INF(05): Remédio a gente num toma, lá tomém num toma remédio, mas lá o médico bota o soro aí esquentá na hora. A minha menina mermo, eu levei três dia mais ela. Botaro no soro, aí dissero assim: você vai com a menina hoje não que você num tinha barriga nenhuma não. Passado três dia, quando foi dia de domingo, foi num dia de sexta-fêra, no dia de domingo a menina nasceu.

DOC(01): E c~e ficô três dias no soro?

INF(05): Foi. Eu fiquei três dia lá sentino dô, aí quando ele viu que a menina ia nasc~e, aí ele botô no soro.

DOC(01): E comé que foi o tratamento ládas enfermeiras? Médico...

INF(05): Só quando a gente ganha menino lá, elas dão uma massage na gente pa ficá limpo, viu?

DOC(01): É?

INF(05): É, mió do que aqui poque lá dá massage, aqui num dá não.

DOC(01): Então lá é melhó?

INF(05): É Eu mermo tive o primêro menino, assim que eu ganhei, Romise, ranilda e esse... e a Janilda eu fiquei... eu fiquei ININT aí quando foi dia ININT pra eu banhá, aí era... fui pro médico, fiquei logo lá em Valença esperano, aí num nasceu, vim me embora. Quando cheguei aqui o menino nasceu, tomém num demorô pra nascê. Começô a dô doze hora, doze hora do dia assim.

DOC(01): Hum?

INF(05): Quando foi sete hora da noite, ele nasceu.

DOC(01): Aqui?

INF(05): Sim, na roça. Já os ôto foi mais complicado que demorô muintcho. Romilda mesmo começô sete hora da noite e foi pa seis do dia, em casa.

DOC(01): Sentini dor?

INF(05): Hum. E a Jaciara tamém, eu ia pa Valença, mas num guentei que já tinha fazido suspensão.

DOC(01): O que é suspensão?

INF(05): A pessoa vai fazê, eles mexe a gente tudo por dento e cabá, eles costura ali o acento. Essa Jaci... essa Rona, eu fiz a suspensão de Ranilda. Quando foi eu engravidei de Rona, careceu ir po médico, o médico pegô, cortô os ponto tudo ININT. Aí cortô, o menino nasceu, aí tornô dá ponto tra vez. Quando foi pa menina nascê, eu fiquei foi mal. Quando a menina nasceu, eu já tava case morta.

DOC(01): É mesmo?

INF(05): Foi, fiquei ruim quando a menina nasceu.

DOC(01): E aí fez o que?

INF(05): Quando a menina nasceu, eu fiquei em casa mermo, aí depois, fiquei sentino a dor de cabeça que a pressão subiu logo.

DOC(01): Hum?

INF(05): No mesmo dia que a menina nasceu, fiquei ruim. Aí eu fiquei em casa, levei um otcho dia com dor de cabeça, fui lá pa mulhé rezá ININT que passô, num foi. Aí quando foi de pri... que eu tava sentino mal, na hora que mãe fez o parto, pegô a menina, cortô o imbigio, aí depois que cortô um imbigio da menina, aí ela foi... vêi embora que ela só que... a gente guarda o menino, ela pegava o menino, dexava a gente lá em casa só, com ôta pessoa. Nesse dia mermo, mãe fez assim, pegô a menina, quando a menina nasceu, eloa dexô eu em casa, aí eu fiquei lá dormino, aí quando vêi a... uma vizinha minha aí que é comade minha, queé tia-madrinha daquele menino que vem aí ó. Ó, meu fí que tamanhão

DOC(01): Hum? Quantos ano tem seu filho?

INF(05): Quele dali tinha vinte... Êi Alberto, tu tem vinte dois ano ô vinte três.

CIRC(03): Vinte e três.

INF(05): Vinte e tlêi.

DOC(01): E ele estudô?

INF(05): Estudô, mas saiu tudo da escola ma... mai... num guentaram ir pa escola não, minha fia.

DOC(01): Sabe lê e escrevê, não?

INF(05): Só sabe todo mundo assiná o nome.



DOC(01): Só assiná o nome, é?

INF(05): É.

DOC(01): E ele tá vestido assim por quê? Ele foi jogá futebol?

INF(05): Ah, joga direto e ele é o melhó do bolêro que pega na trave.

DOC(01): É?

INF(05): É.

DOC(01): É, mas aí c~e tava contano da menina. Comé que foi?

INF(05): Ah, como foia a menina, de Romilse ô Romilda?

DOC(01): Foi a sua que...

INF(05): ININT de Carmerita. Aí carmerita chegô em casa, aí ela me deu... e disse assim: “ tu qué tomá banho?” ININT a menina nasce tá todo suja, né?

DOC(01): É.

INF(05): Cê qué tomá um banho? Eu disse: “eu quero, titia, que a mãe me jogô aqui, num vêi pra cá me vê.” Aí ela botô a água na bacia e... e botô a bacia junto dum gurda-vestido... dum guarda-rôpa. Aí ela disse assim: “agora tu desce pa tomá banho”, eu desci da cama que eu tava deitada e fui tomá o banho.

DOC(01): Hum?

INF(05): Na hora que eu botei o pé na bacia, eu vi. Quando foi dessa hora em diante, eu num vi mais nada, me pegaro, botaro na cama que eu num vi mais nada. E só vi foi ININT no papel, um fazia uma coisa, ôto fazia ôto. Aí quando mesmo que Deus viu que eu num podia morrê daquela hora de parto. Deus mesmo ININT que eu cordei, tomém eu saí que eu cordei que senti a dô na cabeça ININT. Aí eu fiquei aqueles dia, quando foi no dia de segunda-feira, eu fui pa Valença. Chegô lá, o médico me deu logo um remédio, tomei e proto, cabô a dô de cabeça. Mas nem pa vê menino conversano assim den’da casa num dava pa ouvi, quando eu tava em cima da cama com dô de cabeça. A menina dêxava lá, quem tomava conta era as menina que cuida da.. da minha.

DOC(01): É?

INF(05): É. As menina que tomava conta.

DOC(01): E aí num aumentô.

INF(05): Num aumentô, a menina aumentô, ela tá do tamaim de eu já.

DOC(01): Não, num amamentô, num deu peito.

INF(05): Eu dei, dei mama, dei. Ôxe, ela mamô até três ano.

DOC(01): É mermo?

INF(05): É, eu dava leite até três ano pos menino tudo.

DOC(01): Por isso que são tudo forte.

INF(05): Uma ININT ela saía e eu... eu ININT pegada no peito que ela dormia pegada no peito. Aí ela ficô mais o pai quando mermo fui fazê essa operação. Ela disse assim, foi de Jaciara mermo que eu fiz duas suspensão, foi duas. Uma ficô perdida, eu fiz a ôta agora, gaças a Deus, num perdi não. Desde essa vez que a vagabunda tava com meu marido, minha fia. Ela foi pa feta de taperoá, sabe Taperoá donde é?

DOC(01): Sim.

INF(05): Ela foi comigo no mermo carro.

DOC(01): E seu marido?

INF(05): Chegô lá... Sim. Eu sistino a missa, vortei, quando eu desci que tava já mêi-dia, doze hora que eu vim pa cá pa baxo da igreja do... de São Brás, aí disseram assim: “Ói, maria lá onde tá tomano cerveja mais João” e... era ela e uma prima, fia de minha prima tamém, tomano cerveja no bar cum marido de minha sobrinha, é o pai desse menino daí. Aí eu cheguei no bar, ela tava tomano cerveja com ele, disse assim... pegô uma perna de caranguejo, tomano cerveja lá no bar. Ela me deu, na hora que me deu a perna do caranguejo, eu passei a mão assim ó, piquei a mão assim, joguei pa lá e saí.

DOC(01): Você já sabia?

INF(05): Já tava com ele já.

DOC(01): Mas você já sabia?

INF(05): Sabia, já tava desconfiano já. Aí tamém eu num liguei, disse: eu vō dexá aí pa vê. Oxe, aí depoi quando ela tava ino na venda, eu vinha paí e vinha ficá com ele que eu saía. Um dia ele vêi, tava eu e ele na venda, eu disse: “ei, João, eu vô descê, tu vai descê agora? eu vô.” Aí ele desceu, chegô lá na venda de augustim, meu irmão, ficô. Aí eu fui em casa. Eu vi... eu fico com medo que ele tamém era doido mermo, qualqué coisa, tava logo querendo acabá com tudo. Aí eu fui em casa, vortei. Quando chegô lá na casa de mãe, ele tava na cadêra sentado tomano cerveja. Ah, eu disse assim: “ei, João...” eu disse assim... eu disse assim: “por que tu num já desceu? Ah, eu num quero que mulhé minha fica atrás de eu não.” Aí desconfiei logo. Eu num quero que mulé minha ... que ele tava andano com a sujeita dento daqui ó. Ia pegá ela den’do quintal, que esse cacau tava camisinha pura, esse cacau aí, ó. Aí depoi foi ino, ele escondeno, diz ele que era

mentira. Aí teve uma mulé mermo gritô na cara dele : você tá com ela, na verdade você tá com ela e você qué até comprá casa pa botá ela. Mas só que ele... ele num vai podê comprá casa a que ele tinha já foi, ó.

DOC(01): Ele perdeu tudo?

INF(05): Num perdeu não, só que ele num tá, mas juntô um dinhêro que nem ele tinha dinhêro, ele tinha liberdade de ele pegá só cacau, que ele pegava no cacau. Tirava só cacau, vendia, ININT o dinhêro, senão comprá uma coisa pra venda.

DOC(01): Hum?

INF(05): mas só que ele mermo jogô tudo que ele tinha po vento carregá. Que nada, rapá, a pessoa pegá a mulé dum amigo na cara do amigo, muito amigo, comia assim os doi. Ele é... ele vai tê mais nada pra... pa donde. Só vai ino, ino, meno, meno.

DOC(01): E ele fica falano com...

INF(05): Ah, num fala não, que... fala não.

DOC(01): mas, tava falano até pôco tempo?

INF(05): Falava, falava. Ele era mermo igual a dois irmão, era mermo que dois irmão. Todo mundo diz que, comé que um a pessoa numa boa, dois irmão, podia dizê, e gostava muito um do ôto.

DOC(01): E será que voltam a se falá ainda?

INF(05): Eu acho que não.

DOC(01): Nem se ela voltá?

INF(05): Ainda ela voltano, eles num se fala mais não.

DOC(01): fala não, é?

INF(05): Que... ele se...

DOC(01): Será?

INF(05): ... se pode carregá surpresa dum pra ôtro.

DOC(01): E será que ela volta pro marido?

INF(05): Ela diz que vem. Ela tem muitcha coisa, minha fia, tem coisa den'de casa que ocê vê, num é todo rico que tem por aqui.

DOC(01): É?

INF(05): É poque eu fui lá, senão eu ia pa ocê, eu ia mostrá pa ocê vê comé a casa dela.

DOC(01): É a casa do Cecilo?

INF(05): É, ele tá em casa com os filho.

DOC(01): Eu queria ir gravá ele, conversá com ele. Será que ele pode?

INF(05): Se quisé ir... pode, ele conversa.

DOC(01): Daquí a pouco, vamo terminá o nosso, a gente vai lá.

INF(05): Ele... ele de... é nós vai lá.

DOC(01): Ele gosta de conversá?

INF(05): Ele gosta de conversá, é uma pessoa que você vê... a pessoa cê vê que a pessoa é boa mermo.

DOC(01): é boa, né?

INF(05): É, é gente boa ele.

DOC(01): Você é irmã de Zu... de... de Luli, não?

INF(05): Sô prima.

DOC(01): Prima de Luli?

INF(05): Prima, Zu é casada com meu tio, a mãe de Luli.

DOC(01): Comé que é? Vamo... vamo devagá.

INF(05): Casado com fio de... Zuína é casada com meu tio.

DOC(01): Zuína é casada com seu tio?

INF(05): É, com pai de cecilo mermo, é pai... é Zuína é casada com pai de cecilo aí que eu tô te dizeno.

DOC(01): Zuína é casada com...?

INF(05): Com o pai dele, que ele foi viúvo. Bernado é... é... esse cecilo é fi de Diô, irmão de Nestino, é prima de Bernada.

DOC(01): E com... quem era a mãe de Cecilo?

INF(05): Era a finada Lili, cê num conhece não.

DOC(01): Finada o que?

INF(05): Lili, a muié muito séria.

DOC(01): Lili, é?

INF(05): O pai dele é.

DOC(01): Foi a primêra mulhé...

INF(05): A primêra mulé de Diô.

DOC(01): ... de Diô, né?

INF(05): Diô foi viúvo, vortô e casô com ela, com essa ININT.

DOC(01): E Lili era a irmã de dona Jarda, não?

INF(05): Finada Lilia?

DOC(01): É finada lilia?

INF(05): Não.

DOC(01): Não? Num lembra de alguma irmã não dela?

INF(05): Não, só lembro... ela é irmã duma... ele... ele... ela sabe, Zu... Diô sabe. Era a mulé que morava lá, era a irmã de ... a mãe de ININT de Cecilo mermo que era mulé de Diô, chamava Lilia.

DOC(01): Lilia, né?

INF(05): Era.

DOC(01): Que é a mãe de Cecilo?

INF(05): É. Luli é parte de.. é imã de cecilo por parte de pai.

DOC(01): Luli?

INF(05): Sim, poque a mulé dele já é fia de ôta mulé, de Zuína. A mãe de... de Luli é fi... é Zu... Zuína é a mãe de Luli mermo de... com... com marido de...

DOC(01): Com Diô, né?

INF(05): ... de Diô. E Cecilo e nertina é dois irmão. E... do ôto casal.

DOC(01): Quer dizê que então você não é irmã de Luli?

INF(05): Não.

DOC(01): Pensei que fosse... prima.

INF(05): Somo prima.

DOC(01): Prima.

INF(05): Prima. É.

DOC(01): E o seu marido?

INF(05): Meu marido num é... num é nada...num é daqui.

DOC(01): Num é daqui. E de onde ele é? Conta de onde ele veio.

INF(05): Ele é do Tabuado.

DOC(01): Do Tabuado é? A família toda é do tabuado?

INF(05): É. Só ele casô comigo mermo que interessô ni eu, a gente se gostava. O irmão dele teve atá aí hoje, conversô comigo e tudo. Eles qué que... preu ir no juiz, que pa o juiz dividí o que tivé, até ele se... ia servi de testemunha mermo, que ele me largô.

DOC(01): Mas voc~e tá querendo ele de volta?

INF(05): Eu quero né, mas só que diz que ele num vem.

DOC(01): Ele diz que num vem?

INF(05): Não.

DOC(01): Por que?

INF(05): Num vem cuma, mas ele num sai daqui que o que... lá em baixo, ele manda, viu?

DOC(01): Ele manda na sua casa ainda?

INF(05): Manda que lá é dele, foi ele que fez tudo, tinha três casa, agora são ruim, viu?

DOC(01): Hum.

INF(05): tem tr~es com essa daqui, agora a de lá debaixo que a gente mora num é rebocada, num é de... a casa é de cimento, agora rebocada não, viu? Só ININT.

DOC(01): E o que que oc~e vai fazê pra tentá re... trazê-lo de volta?

INF(05): Só o que o lá de cima, né?

DOC(01): Só vai esperá o lá de cima?

INF(05): É poque por eu mermo num posso.

DOC(01): Num vai conquistá, não?

INF(05): Eu num tem foça, não. Eu num posso conversá.. que eu conversá eu vô logo pra brigá.

Pra eu conversá pareceno uma boa, ôxe, eu vô logo pra brigá, se eu queria matá ele de espingarda ININT que eu num peguei a espingarda.

DOC(01): Sim, mas se veste bonita, se arruma toda.

INF(05): Só por causa que ele fi... suciô, viu? Ele me estuciô que eu... que eu fiz porcaria pa ele... que eu tí... que eu era vagabunda ININT quase que eu toco a mão nele. Ela num tem valô, aí ele vem botá isso ni eu, só que nunca pega.

DOC(01): Não pega, né?

INF(05): Nunca pega. Eu juro, jogo praga, apronto, poque num pega poque eu num devo, poque eu devo c~e podia dizê, né? Mas se eu num devo nada, só que ele se sujô e ainda qué botá ni mim, mas num pega. Ficô manchado ele.

DOC(01): Ficô, né?

INF(05): É. Ele ficô manjado. Ele e a mulé do meu primo.

DOC(01): É, mas me diga uma coisa: e... Zuína é sua tia?

INF(05): É tia. Bernado e aquela mulé de Nerstino é prima minha.

DOC(01): Me diga uma coisa: seu irmão, comé que é o nome?, Adelino, não.

INF(05): Augustim.

DOC(01): O ôtro.

INF(05): Armerim.

DOC(01): Aumerindo.

INF(05): Eu num quero... já num quero ININT com aquele dali não.

DOC(01): Por quê?

INF(05): Poque ele me xinga, rapaz, ele escuiambô de eu na vista de todo mundo.

DOC(01): Comé que é?

INF(05): Me escuiambô, que ele é doido, ele num é certo não.

DOC(01): Num é não? Por quê?

INF(05): Não, ele é dodzio. Ele trabaiô ni salvadô, ele pegô os documento, jogô tudo, perdeu tudo ININT jogô no mato.

DOC(01): Ele jogô no mato?

INF(05): Ele foi dodzio, dodzio, uma vez ele queria acabá com a casa, a gente que... que guentô pa num acabá.

DOC(01): mas comé que ele queria acabá?

INF(05): Bêbo, bebia cachaça e queria acabá com tudo den' de casa.

DOC(01): E quem ajudô?

INF(05): A gente que ININT aí foi tirano... foi que quietô.

DOC(01): Mas ele era doido assim por quê?

INF(05): Toda vida... isso foi por causa duma namorada, duma noiva. Ele diz que foi noivo, a mulé acabô o casamento, aí ficô doido.

DOC(01): É? E por que a noiva acabô o casamento?

INF(05): Por causa que a noiva num quis ele mais. Num quise ele. Aqui mermo donde eu moro ali no ôto lado do rio tinha um menino que é maluco de tudo. ININT pesacno, minha fia, quando ele vai pa Salvadô, quando ele fica dodzizo acaba com a casa, quebra tudo den' de casa.

DOC(01): Quem? O menino? E de onde ele é?

INF(05): Ele mora ali no ôto lado do rio. É fi de caroli. Sabe quem é caroli que morreu?

DOC(01): Não, num sei não. Ele morreu de que?

INF(05): Ele morreu de problema de... de açuca, acho que deu derrame.

DOC(01): E é seu parente?

INF(05): Não, ele é conhecido, a gente num sai de lá... da casa. Agora só que ele tem um fio doido, que o fio foi noivo tamém e a mulé acabô o casamento, aí ficô doido.

DOC(01): Ele ficô doido? O filho?

INF(05): Sim, poque acabô o casamento, ficô doido que era bom, viu, que Maria mermo conta a gente, ficô bom. Ele era bom mermo que nem a gente, mas depois ficô doido.

DOC(01): E a mulhé dele, do seu Queiroz?

INF(05): A mulé tá lá viúva. Uma viúva bonita danada, só ocê vê.

DOC(01): É? Bonita como?

INF(05): ININT bonita mermo.

DOC(01): É bonita como? Mas é assim... morena?

INF(05): Bonita, forte, é branca.

DOC(01): É branca?

INF(05): forte mermo, só que vê.

DOC(01): É?

INF(05): E são rico.

DOC(01): E agora ININT

INF(05): O ININT dele faz divisa com seu Marinado.

DOC(01): É?

INF(05): É ali naquele... daquele coco... a divisa dela ali ININT ali na... na venda.

DOC(01): Cê conheceu seu...

INF(05): Ele fica doido lá por salvadô, minha fia, quando vê fica dois mês, três, depois traz, quano chega, fica dodzio.

DOC(01): Ele fica bom lá e doido aqui, ô não?

INF(05): É.

DOC(01): ô vai pra curá lá?

INF(05): Ele vai tratá lá no...no... nos clínica, viu, quani volta, vorta pió... que vorta bom, né, aí se um dia qualquer coisa, daí a pôco varo de tudo.



DOC(01): É?

INF(05): ININT, minha fia, tinha que passá ali, vinha de lá pra cá, aquele rojão brabo, daí a pouco ele desce.

DOC(01): Hum?

INF(05): ININT que ele fica.

DOC(01): É mermo, é?

INF(05): É.

DOC(01): E me diga uma coisa: sua mãe teve doente, num teve, de tuberculose?

INF(05): Foi, foi, foi ela e Ormerindo.

DOC(01): E comé que... quem cuidô?

INF(05): Que num se alimentava direito aí vira.

DOC(01): É?

INF(05): É Se tem uma criança pequena que num alimentá direito vira esse probema.

DOC(01): É? Mas sua mãe num se alimentava direito por quê?

INF(05): Porque ela merma que num queria, né? Quando pegô esse probema, agora ela come, bebe leite direto, toma umas coisa forte.

DOC(01): E ela pegô como, cê sabe?

INF(05): Aí tratô. Resfriado assim, a pessoa acaba ficano resfriada, com gripe, fica resfriado, aí pega. Se ôto assim com esse pobrema, e a pessoa fô tratá, num subé, pega. Num... num vento da boca pega.

DOC(01): Então ela pegô do...do Almerindo?

INF(05): Do Armerindo, foi.

DOC(01): Foi?

INF(05): Foi. Armerindo na doida, minha fia, saía, ficava sem comê o dia todo, num alimentava direito, aí deu esse pobrema. Foi dua aqui, foi ela, foi tia Maria, a irmã de meu pai, deu esse pobrema e ela também e Armerindo.

DOC(01): Tia Maria, tia Maria é o que? Isabel?

INF(05): Aquela véia, Maria francisca.

DOC(01): Não conheço, ah quem é?

INF(05): É perto da casa de... de mãe mermo. Aquela lá de cima da... que tinha uma casa lá em cima da casa de mãe.

DOC(01): Ah sei.

INF(05): É, Maria, aí tomém, mas só que tinha gente comunitara de saúde.

DOC(01): Hum, hum.

INF(05): Aí ela ficô cuidadno, pegô alimento, pegava o feijão, carne, essas coisa tudo dava a... a... coisa cesta básica, todos mês.

DOC(01): Eles davam, é?

INF(05): Dá, aqui em Valença dá. Aí pegô, dá, começô se alimentá, muito leite, aí sempe reagiu, todos eles.

DOC(01): Aí reagiram. Os três tivero na mesma época foi?

INF(05): Foi, mas mãe ficô ruim, viu. Um dia mermo, eu levei mãe, dexei mãe em Valença por morta. Amanhã só vai sabê da notiça. Aí tinha um... um... a igreja dos crente, aí foi doze hora, foi eu e meu irmão. Aí foi orá, pedí pa recebê a bença, aí eu fui, recebi essa bença. No ôto dia tava em casa, quando viu, ela vêi que mandaro, Já v~ei já mió de quando tava doente, mas eu num dava umm tostão pela vida dela.

DOC(01): E você acha...

INF(05): Ficô ruim mermo.

DOC(01): mas ela me disse que vêi de lá, assim mermo num guentava mais ficá no hospital. Num foi?

INF(05): Não, ela vortô mió, porque falá a verdade, a gente foi na igreja dos crente e a bença, a oração que a gente orô pra ela, essa oração, eu... eu digo mermo que serviu mermo ela.

DOC(01): Foi mermo, é?

INF(05): Foi, a oração que gente fez serviu memro.

DOC(01): E a rezadêra? Teve rezadêra tamém que rezô?

INF(05): Não. Pa isso num reza não. Só faz tomá e foi tanto comprimido tomô que eu num sei como ainda tem intestino ININT.

DOC(01): E me diga uma coisa: Almerindo ficô bom?

INF(05): Ficô, ele ficô bom, o ouvido dele podreceu. Ficô pode, ôxe, ovido ficava caino aquela... fazeno nojo.

DOC(01): É mesmo. Quanto tempo mais ou menos que ele ficaro doente?

INF(05): Levô uns três mês. Curô, esse negoço pra tratá é seis mês.

DOC(01): É?

INF(05): É seis mês tomano remédio direto, ele tomô muito remédio.

DOC(01): Mas ele ficô doído, bom da... da maluquice que ele tinha, que ele queria quebrá tudo?

INF(05): Ficô.

DOC(01): Por que?

INF(05): Ficô mais não.

DOC(01): Por que que ele ficô bom?

INF(05): Largô de bebê.

DOC(01): Ham?

INF(05): Largô de bebê, pronto, cabô.

DOC(01): E cê acha que ele volta a bebê, não?

INF(05): Num bebe mais não.

DOC(01): bebe não?

INF(05): Ele ficô com medo da doença. Aí num bebe mais não.

DOC(01):E será que ele casa?

INF(05): Até minha mãe num bebeu mai.

DOC(01): Sua mãe bebia?

INF(05): ôxe, mãe bebia cachaça, cê vê, fivcava beba, minha fia, a gente vê, já tava vomitano.

DOC(01): É mesmo?

INF(05): Ela largô de bebê, largô de fumá.

DOC(01): E seu pai era vivo quando ela fazia isso? Bebia com seu pai?

INF(05): Não, depoi que pai morreu, ela bebia, mas era menos. Ela bebia, pa ficá beba não, viu.

Só ela bebia, ficava den'de casa, mas só que ela num tava se dano com a cachaça, aí ficô logo doente, acabô de bebê. Agora ela só toma leite.

DOC(01): E será que Almerindo casa?

INF(05): Quem vai casá com aquele trem?

DOC(01): Por que?

INF(05): Mas, só que a mulé tivé dodza querê uma bagacêra daquela.

DOC(01): Mas por que?

INF(05): Já tá véi, rapá, quem vai querê casá? Sô eu que o povo tá mandano casá, Deus me livre, Ave Maria, nem de casamento.

DOC(01): Num qué não, né?

INF(05): Eu não.

DOC(01): Cê só qué se o... é João, né?

INF(05): É, João.

DOC(01): Se o João voltá?

INF(05): Se vortá, eu quero só pa pirraçá Maria.

DOC(01): Só, ah, mas só?

INF(05): Mas ela num vai ficá com ele não, que num pode.

DOC(01): Hum?

INF(05): Ele num vai ficá com ela também não.

DOC(01): Num vai não?

INF(05): Ôxe! Ela buzá os irmão lá e confiscá uma hora dessa

DOC(01): Quem?

INF(05): Os parente dela, que os parente num gostô. Os parente num gostô do erro dela não, ninguém. As fia num gostô, a mãe num gostô, nenhum.

DOC(01): Ela é parente de quem aqui por perto?

INF(05): Ela é fi de Carmelita, aquela dali. Aquela mulhé ali da frente.

DOC(01): Ah, ela é filha de Carmelita. E Carmelita é irmã de quem por aqui?

INF(05): Carmelita, o irmão de Carmelita mora lá em cima, o pai dela já morreu. Ela num tem mãe, num tem pai.

DOC(01): E como é o nome do pai dela? Cê sabe, não?

INF(05): Finado Deodoro.

DOC(01): É? E ela num tem ôtro irmão por aqui, não?

INF(05): Tem zé.

DOC(01): Zé?

INF(05): É. Zé Deodoro.

DOC(01): Mora aqui perto, não?

INF(05): É longe, mora lá, sobe essa ladêra daí toda.

DOC(01): É memo, é?

INF(05): É.

DOC(01): Num é o deu Zé... comé que é o nome seu Zé... seu Jove, não?

INF(05): É Zé de Deodoro.

DOC(01): Ah, e o Jove, a senhora conhece, lá em cima?

INF(05): Jove mora lá embaixo, não?

CIRC(02): É.

DOC(01): É, eu fui lá na casa do Jove.

INF(05): É irmão de Zuína.

DOC(01): Jove é irmão de Zuína?

CIRC(02): É.

INF(05): É irmão de Zuína, irmão de Zuína, irmão de João.

DOC(01): De João? Que João?

INF(05): De João Batista.

DOC(01): Quem é o João batista?

INF(05): É irmão de Zuína, irmão de se Jove. Mora tudo lá embaixo.

DOC(01): João também mora lá em cima.

INF(05): Mora, que ele também trocô a mulé por ôtra.

DOC(01): Ah é o Domingos, é? É tio de Domingos?

INF(05): É esse mermo.

DOC(01): É, mas ele já morô muito tempo fora, né?

INF(05): Já.

DOC(01): Hum...

DOC(01): E os seus filhos, a senhora qué que eles saiam pa estudá fora, que que a senhora gostaria de fazê, de tê na vida?

INF(05): Eles lá que sabe, né. Eu queria que estudasse, eu tinha dois menino... os dois menó tá estudano.

DOC(01): Tá estudano aqui?

INF(05): Tá, ainda sam.... ainda recebo até três mês eu recebo cento e cinquenta reais dos menino que estuda, do PET.

DOC(01): É? Mas a senhora gostaria que eles saisse daqui. A senhora acha que lá fora tem melhó oportunidade? Tem mais chance?

INF(05): Num sei. Eu num dêxo saí os pequeno não, poque...

DOC(01): Hã?

INF(05): Os pequeno pa saí assim pa estudá fora, eu num dêxo não.

DOC(01): Não os grande... quando crescê né?

INF(05): Os grande eu num me importo, que quizé ir, pode ir, é ININT bom pra mim que me ajuda.

DOC(01): É né?

INF(05): Agora os pequeno, eu num dêxo saí não que eu gosto muito dos meus pequeno, é os dois caçulinha meu.

DOC(01): Não, pequeno num pode.

INF(05): Eu já...

DOC(01): A senhora já foi à Salvador?

INF(05): Já, eu morei em Salvadô um ano.

DOC(01): Um ano, é?

INF(05): Só que a empregada era ruim...

DOC(01): E fazia o que?

INF(05): ... a pratoa era ruim, poque o marido pagava eu ...

DOC(01): Hum?

INF(05): ... o mês certo que sempe eu levava cento e pôco reais, de reais viu? De reais não, desse dinhêro antigo.

DOC(01): Antigo, cruzêro.

INF(05): Sim. Aí ele pagava, só que a mulé pegava e destruía tudo o dinhêro.

DOC(01):Destruía por que?

INF(05): Poque ela pegava, tomava emprestado, nunca me pagô, aí eu zanguiei, dexei o dinhêro na mão dela e nem recebi.

DOC(01): E quanto tempo cê trabalhô lá?

INF(05): Eu trabaiei um ano e pôco.

DOC(01):e em que lugar era?

INF(05): Sam martim.

DOC(01): Em Sam Martim é? E comé que cê foi pará lá?

INF(05): Que a irmã me levô, que mora aqui na... na serra grande.

DOC(01): É?

INF(05): É, aí ela vêi, me levô

DOC(01):E cê gosto de lá?

INF(05): Gostei.

DOC(01): De morá lá? Quantos anos cê tinha?

INF(05): Nesse tempo eu tinha uns vinte e pôcos anos.

DOC(01): Num era casada?

INF(05): Que...

DOC(01): Aí ficô lá...

INF(05): Fiquei um ano.

DOC(01):Que que cê gostô mais lá?

INF(05): Eu achei que era bom. O lugá era assim acoteado, num era muito na cidade, aí eu gostava muito.

DOC(01): Foi à praia?

INF(05): Na praia, eu fui passei numa festa mais as colega.

DOC(01): E já tomô banho na prai, não?

INF(05): Não.

DOC(01): Nem aqui em valença?

INF(05): Nem aqui. Agora em Valença que eu quero ir. As menina era pa ir hoje, num foi.

DOC(01): Hum?

INF(05): Aí diz que vai de hoje a oito, se fô, eu vô.

DOC(01):Tomara que vá.

INF(05): Eu vô mermo.

DOC(01): Vai se distraí.

INF(05): Passeá.

DOC(01): Brigada, Balbina. Muito obrigada pela sua entrevisa, valeu muito.

INF(05): Nada.

DOC(01): Agora, eu queria mesmo era...

# BAHIA

## Comunidades Afro-Brasileiras Isoladas

